

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

Ciências da Comunicação na Itália:

um rastreamento das teorias e conceitos comunicológicos no campo acadêmico

Fabíola Ballarati Chechetto

São Paulo

2020

FABIOLA BALLARATI CHECHETTO

Ciências da Comunicação na Itália:

um rastreamento das teorias e conceitos comunicológicos no campo acadêmico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação no Mestrado em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero para obtenção do título de Mestra em Comunicação. Área de Concentração, Comunicação na Contemporaneidade. Linha de pesquisa, Tecnologia, Organizações e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino.

São Paulo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Chechetto, Fabíola Ballarati

Ciências da comunicação na Itália: um rastreamento das teorias e conceitos comunicológicos no campo acadêmico / Fabíola Ballarati Chechetto. -- São Paulo, 2020.

116 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino.

1. Teorias da comunicação. 2. Conceito de comunicação. 3. Epistemologia da comunicação. 4. Ciências da comunicação. 5. Ciências da comunicação – Itália – Estudo. I. Martino, Luís Mauro Sá. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

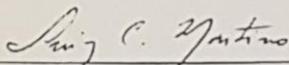
CDD 302.23

Bibliotecária responsável: Daniela Paulino Cruz Bissolato - CRB 8/6728

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: FABIOLA BALLARATI CHECHETTO

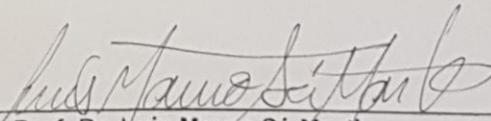
"CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA ITÁLIA: UM RASTREAMENTO DAS TEORIAS
E CONCEITOS COMUNICOLÓGICOS NO CAMPO ACADÊMICO"



Prof. Dr. Luiz Claudio Martino
Universidade de Brasília - UNB



Profa. Dra. Else Lemos Inácio Pereira
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 14 de abril de 2020.

À minha nonna Bruna

E à bis Paolina

Às nonnas e bisnonnas

De todos os lugares

De todas as histórias

De todas as espécies

Aos que não sabem que são da Comunicação
Aos que não são da Comunicação

Aos que sabem que são da Comunicação
Aos que não sabem que não são da Comunicação

Aos que são da Comunicação
Aos que sabem que não são da Comunicação

E a nós, que nunca sabendo, somos sendo

Grazie.

*Io non mi sento italiano
ma per fortuna o purtroppo lo sono*

Giorgio Gaber

RESUMO

Esta pesquisa estuda o campo teórico-epistemológico da Comunicação na Itália, focalizando o ensino e pesquisa de Teorias da Comunicação no campo acadêmico, identificando as relações entre estrutura institucional, composição disciplinar e representações docentes. O objetivo é delinear as teorias e conceitos circulantes no campo. Estudamos sete graduações em Ciências da Comunicação na Itália pertencentes às cinco primeiras universidades fundadoras do curso em 1992, Bologna, Torino, Siena, Salerno e Roma Sapienza. Além da análise da estrutura, das grades curriculares e programas de ensino relativos ao ano acadêmico 2018-2019, foram abordados 241 docentes, dos quais 84 respondentes, a respeito de suas práticas epistemológicas, concepções de “comunicação” e vínculos disciplinares. A fundamentação teórica deste trabalho encontra interlocução em três níveis: o conceito de interdisciplinaridade e o pensamento teórico-científico de L.C. Martino (2001, 2003, 2005, 2006, 2010), a abordagem metodológica do conhecimento comunicacional, na perspectiva indiciária, por J. Braga (2005, 2008, 2011a) e uma cultura epistemológica atravessando teoria e método, para lidar com a indeterminação do objeto científico da comunicação, com Ferrara (1999, 2008, 2013, 2014). A análise dos resultados, sugere que, o conceito de comunicação representado pelos docentes denota grande diversidade de noções importadas de outras áreas, vasta abrangência nas definições, dos usos práticos ao cognitivo-filosófico, e, pouca angulação ao que é próprio da comunicação, mesmo tratando das mídias. As Teorias nas Ciências da Comunicação na Itália apontam para concentrações na Linguística, Sociologia e Semiótica, embora espalhadas por outras disciplinas, como História ou Economia. Os critérios de escolha das teorias foram múltiplos, pouco coincidentes e condicionados a parâmetros individuais. A partir de uma tentativa de identificação dos indícios essenciais e acidentais nos traços curriculares, diretrizes institucionais e discussão com os pares, analisamos suas relações e inferimos que, vem se configurando uma pseudointerdisciplinaridade-curricular em Ciências da Comunicação nas universidades italianas da amostra.

Palavras-chave: Teorias da Comunicação. Conceito de Comunicação. Epistemologia da Comunicação. Ciências da Comunicação. Itália

ABSTRACT

This research studies the theoretical-epistemological field of Communication in Italy, focusing on the teaching and research of Communication Theories in the academic field, identifying the relationships between institutional structure, disciplinary composition and teaching representations. The objective is to outline the theories and concepts circulating in the field. We studied seven degrees in Communication Sciences in Italy belonging to the first five founding universities of the course in 1992, Bologna, Torino, Siena, Salerno and Roma Sapienza. In addition to the analysis of the structure, curriculum and teaching programs for the academic year 2018-2019, 241 teachers were approached, of which 84 respondents, regarding their epistemological practices, conceptions of “communication” and disciplinary ties. The theoretical foundation of this work is interlocated at three levels: the concept of interdisciplinarity and the theoretical-scientific thinking of LC Martino (2001, 2003, 2005, 2006, 2010), the methodological approach of communicational knowledge, in the indicative perspective, by J. Braga (2005, 2008, 2011a) and an epistemological culture crossing theory and method, to deal with the indeterminacy of the scientific object of communication, with Ferrara (1999, 2008, 2013, 2014). The analysis of the results suggests that the concept of communication represented by the teachers denotes a great diversity of notions imported from other areas, a wide range of definitions, from practical to cognitive-philosophical uses, and little angulation to what is typical of communication, even dealing with the media. Theories in Communication Sciences in Italy point to concentrations in Linguistics, Sociology and Semiotics, although spread across other disciplines, such as History or Economics. The criteria for choosing the theories were multiple, slightly coincident and conditioned to individual parameters. From an attempt to identify the essential and accidental evidence in the curricular features, institutional guidelines and discussion with peers, we analyze their relationships and infer that a pseudointerdisciplinarity-curriculum in Communication Sciences has been taking place in the Italian universities in the sample.

Keywords: Communication Theories. Communication Concept. Epistemology of Communication. Communication Sciences. Italy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema do Sistema universitário italiano	48
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Universidades fundadoras em Ciências da Comunicação na Itália em 1992	45
Quadro 2 - Departamentos dos cursos em Ciências da Comunicação na Itália.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Amostra das disciplinas, professores e respostas	27
Tabela 2 - Divisões temáticas das respostas dos professores italianos em CdC.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.a.	Ano Acadêmico
AFAM	Alta Formação Artística, Musical e Coreûtica
AIP	Análise da informação e dos públicos
CdC	Ciências da Comunicação
CFU	Créditos Formativos Universitários
CHS	Ciências Humanas e Sociais
CIMEA	Centro de Informações Mobilidades Equivalências Acadêmicas
CIP	Centro Interdisciplinar de Pesquisa Cásper Líbero
CORIS	Departamento de Comunicação e Pesquisa Social da Sapienza
DISPC	Departamento de Ciências Políticas, Sociais e da Comunicação
FCL	Faculdade Cásper Líbero
FILCOM	Departamento de Filosofia e Comunicação da UniBO
ICoN	<i>Italian Culture On the Net</i>
L-20	Graduação em Ciências da Comunicação
LM-92	Graduação Magistral em Teorias da Comunicação
MIUR	Ministério da Instrução, Universidade e Pesquisa
MRC	Métodos de pesquisa para a comunicação
Unibo	Universidade de Bologna

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: UMA NARRATIVA EPISTEMOLÓGICA	15
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	21
2.1 Detalhamento do percurso metodológico.....	21
2.2 Roteiro e identificação do <i>corpus</i>	25
2.3 Universo e amostra.....	26
2.4 Métodos de coleta.....	28
2.5 Métodos de análise	32
3 CAMPO INSTITUCIONAL X TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO	36
3.1 Breve gênese da institucionalização das Ciências da Comunicação na Itália.....	37
3.2 Campos da Comunicação: institucional X teórico-epistemológico	39
3.3 Estruturas das Ciências da Comunicação na Itália.....	41
3.4 Instituições, currículos e representações	47
4 A TEORIA DA COMUNICAÇÃO NA VOZ DOCENTE	62
4.1 Resultados, categorias e análise	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE.....	108
ANEXOS	109

1 INTRODUÇÃO: UMA NARRATIVA EPISTEMOLÓGICA

Conhecer e pensar o modo de conhecer, na relação com a diferença; indagar como nascem e metamorfoseiam teorias e conceitos, é gesto arriscado transduzido por sapiência remota modificada, quando tornada mútua.

Desvencilhando a clássica decorrência ideia-realidade no jogo da pesquisa, eis a tentativa de enganar o perecimento pela sistematização do pensamento. O esforço no uso da razão crítica não é natural, nem da ordem imediata, mas produz sentido quando decantado e recalibrado pela história de todos, e cada um. E, ao comunicar, a cada intento.

Reiniciar a ciência é salto contíguo à vida. Voltei ao ambiente acadêmico, renascimento via sociocultura na tecnointelectualidade. A Iniciação Científica, portal neófito da pesquisa, conduziu-me ao átrio, o Mestrado: catalisador de potência esquecida: a vontade de docência.

Pesquisar o que, em comunicação no *stricto sensu*? Veio vindo a italianidade. Raízes e laços, morada peninsular e insulana, língua, dialeto e mãos, amor e espanto diante da própria cultura e natureza.

A propósito de Itália, e de sua ausência presente nos primeiros anos de Jornalismo, constatei que nas Teorias da Comunicação na graduação brasileira, predominavam autores americanos, franceses e alemães, além dos nacionais e alguns latino-americanos.

Dos italianos, Umberto Eco, semiótico e canônico. Mauro Wolf, teórico manualístico da comunicação de massa. Relances de Gramsci, Agamben; raros Negri, Esposito, Lazzarato, Buonanno.

Fiquei curiosa em saber, quais eram os autores e teorias estudados na graduação em Ciências da Comunicação na Itália, no ano vigente. E partindo disso, qual conceito de comunicação os docentes italianos afinal trabalham.

Um projeto de pesquisa não se sustenta por aleatória curiosidade. Deve lançar uma pergunta-chave, de maneira estratégica, possível de ser respondida: **em que medida, o rastreamento das Ciências da Comunicação em outra cultura (na Itália), possibilita (re)conhecer as teorias e o conceito de comunicação?**

Um dos pressupostos que tenta responder ao problema é: existem vestígios ou indícios nas relações estruturais institucionais/acadêmicas (história, currículo, docência), que permitem elaborar inferências sobre o campo teórico-conceitual da Comunicação.

Outro pressuposto é que, a percepção situacional de uma alteridade teórico-conceitual (italiana), na sua relação com as lógicas da metateoria (brasileira) sobre Comunicação, infringe

a regra da recursividade, pois, a produção desse conhecimento, não se dá somente pela repetição do já visto, nem pela classificação do específico na regra geral do campo.

Como objetivo geral, esta pesquisa pretende uma breve e pontual aproximação científica e crítica à alteridade teórico-conceitual da comunicação, na graduação italiana. Como objetivos específicos, identificar as relações entre estrutura institucional, composição disciplinar e representações docentes, para (re)conhecer as ideias, teorias e conceitos atualmente circulantes naquele campo.

A discussão epistemológica em comunicação, por autores brasileiros, tem maturado uma massa crítica nos últimos vinte anos sobre o conceito de comunicação, a definição do objeto, as teorias e os métodos de pesquisa, o campo da Comunicação, o ensino e o estatuto da questão. Nos debates sobre o assunto, observamos Albuquerque (2002), Barbosa (2002), J. Braga (2010, 2011a, 2011b, 2016), Felinto (2001), Ferrara (2013), Ferreira (2003), França (2013), Lopes, (2016), Marcondes Filho (2011a, 2011b), L.C. Martino (2007, 2016), L.M. Martino (2012, 2015), Pimenta (2011), Signates (2017), Rüdiger (2014), Sodré (2012a, 2012b) e outros.

A fundamentação teórica deste trabalho encontra interlocução em três níveis: o pensamento teórico-científico-comunicacional de L.C. Martino (2001, 2003, 2005, 2006, 2010), a abordagem metodológica do conhecimento comunicacional indiciário por J. Braga (2008) e, perpassando teoria e método, a epistemologia, para lidar com o objeto científico indeterminado e indeciso da comunicação, com Ferrara (2008, 2013, 2014).

A potência desse diálogo, seus esquemas, fissuras e figurações são o engendramento cardeal desta pesquisa, sem a qual, não seria minimamente viável, olhar e analisar as teorias e conceitos, nossos, ou de quem quer que se pretenda, acontecendo vivas no empírico.

O que nos motivou a escolher esse objeto e não outro?

A tradição monumental de um país considerado berço do Humanismo, não confere *per se* a garantia, nem justificação automática do objeto, que se faça adequado à investigação do problema. Porém, seu poder simbólico é de inegável elegibilidade, para torná-lo um forte candidato.

A terra itálica, com seus reinos, ducados e principados na Baixa Idade Média, deu à luz à primeira universidade no mundo Ocidental, a *Alma Mater Studiorum Università di Bologna*, a Unibo, fundada em 1088 (UNIVERSITÀ DI BOLOGNA, 2019).

Imaginemos a densidade do patrimônio intelectual da Unibo, com alunos da espessura de Thomas Becket, Pico della Mirandola, Leon Battista Alberti e Erasmo da Rotterdam, Niccolò Copernico, Paracelso, Abrecht Dürer, San Carlo Borromeo, Torquato Tasso, Carlo

Goldoni, Giovanni Capellini, Giosuè Carducci, Giovanni Pascoli, Augusto Righi, Federigo Enriques, Giacomo Ciamician, Augusto Murri.

Nos séculos XII e XVIII, célebres professoras como Bettisia Gozzadini e Laura Bassi, circularam sob os pórticos bolonheses. E no século passado, Eco ensinou Semiótica Geral e colaborou na fundação do primeiro curso de Disciplinas das Artes, da Música e do Espetáculo (DAMS) na Itália no início dos anos 1970 e Ciências da Comunicação em 1992.

A aproximação ao saber comunicacional instituído, por meio de fontes primárias, em um país como a Itália, ainda que sucinto, possibilita dois tipos de conhecimento: a percepção de uma realidade mais complexa, a partir dos sinais presentes em uma determinada alteridade. E outro, apreender como pesquisar o conhecimento alheio, revisando nosso ponto de vista.

Mas como pesquisar as teorias e conceitos da Comunicação na Itália? Por onde começar? Quais metodologias?

A condicionalidade entre, método e objeto empírico, na pesquisa científica comunicacional contemporânea, faz lembrar algumas características dos conceitos de liso e estriado de Deleuze e Guattari (1997).

O objeto empírico segue nômade e em permanente mutação, sendo da natureza do espaço liso. O método estaria para o estriado, em sua camada irregular, ou seja, “um ritmo sem medida, que remete à fluxão de um fluxo, isto é, à maneira pela qual um fluido ocupa um espaço liso” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.29). O objeto epistemológico, indissociável do objeto empírico, acompanha o aspecto liso, pois vetorial e ambulante, mesmo sob o jugo da ciência linear, estriada e homogênea.

Podendo partir de qualquer ponto, diante da natureza lisa e escorregadia do objeto comunicacional, com suas “multiplicidades não métricas, acentradas, rizomáticas” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.29), a primeira clivagem da pesquisa, tende a ser desmedida, generalizada e ambiciosa. E de fato, foi.

No pré-projeto, pretendíamos realizar um “estado da arte” em Teorias da Comunicação, no universo em língua italiana, imaginando que a convergência do código linguístico, caracterizaria um território cultural especial para estudar o conceito de comunicação. Nesse intuito, caberia uma cartografia das teorias da comunicação nos países de língua italiana.

O italiano como língua oficial, está presente na Itália, Suíça, San Marino, Vaticano e Ístria (na Eslovênia e Croácia) e cooficial na Albânia, Malta e Mônaco, África Oriental Italiana (Abissínia, Eritreia e Somália italiana) e regiões do Norte da África, como a Líbia, pequenas comunidades na Criméia, França (na Córsega), Montenegro e Tunísia.

A heterogeneidade geográfica, cultural e institucional, era tamanha, que escaparia ao nosso alcance. Assim, redimensionamos o recorte para somente um país, a Itália, e, a partir dele, nos concentramos no curso de graduação trienal, em Ciências da Comunicação.

Atualmente existem 56 cursos em Ciências da Comunicação, reconhecidos pelo Ministério da Universidade e da Pesquisa (MIUR), espalhados por todo o território italiano.

Percorrendo a gênese da institucionalização das Ciências da Comunicação na Itália, identificamos dois critérios adotados para a fundação do curso no país, que direcionaram nosso interesse: a equidade na distribuição territorial, e o respeito às diversas filiações teóricas locais. Assim, selecionamos as primeiras universidades fundadoras do curso em 1992, ou seja, Bologna, Torino, Siena, Salerno e Roma (VALENTINI, 2014, p. 205).

O tamanho da amostra selecionada, evidentemente não supre o quesito quantitativo para falarmos em representatividade estatística, mas, esse microrrecorte, tornou factível o estudo do caso, em sua singularidade.

A redução na escala de observação, permitiu resgatar informações no empírico, reunindo um conjunto de indícios emergentes nas representações docentes articuladas ao institucional para tencioná-los com as teorias autóctones em Comunicação, possibilitando inferir “proposições de ordem geral” (BRAGA, J., 2008, p. 78), que digam respeito ao campo.

Limitações circunstanciais, como os mais de 9.500 km entre Brasil-Itália, e o tempo dos 24 meses do Mestrado, nos encaminharam a uma interação à distância, mediada pelo digital. Apesar da aparente abundância informacional e praticidade no acesso, informação não equivale a comunicação, tampouco a saber comunicacional. Onde escavar o oficial para desocultar o oficioso? Nas fontes vivas: docentes. Mas quem são os professores que ensinam Teorias da Comunicação na graduação, se mal sabíamos quais eram exatamente essas teorias na concepção deles? Como contatá-los?

Nas cinco universidades pesquisadas, não há sequer uma disciplina chamada Teoria(s) da Comunicação, as designações são outras. O que chamamos de Teorias da Comunicação, com o risco de não o serem, no entendimento italiano, estava “pulverizado” pelas mais diferentes matérias.

Nesse sentido, optamos por fazer perguntas abertas, a todos os 241 docentes, das 242 disciplinas, do curso de Ciências da Comunicação, em contato individualizado por questionário de autopreenchimento, escrito e enviado por e-mail, obtendo retorno assíncrono por 84 docentes correspondentes.

O corpus da pesquisa abrangeu a estrutura institucional das Ciências da Comunicação na Itália, a distribuição das disciplinas curriculares, nos três anos dos sete cursos pesquisados,

em cinco universidades italianas, no ano letivo 2018-2019, e as representações dos docentes que nelas lecionam.

A composição metodológica, desta pesquisa exploratória, partiu de um viés analítico sobre o conteúdo, hierarquizando o qualitativo pelo quantitativo. Isto possibilitou um levantamento informativo-descritivo inicial, ainda inócuo ao conhecimento endereçado à Comunicação.

Diante dessa insuficiência, foi preciso insurgir contra a comodidade das generalizações, e dar um passo avante, percebendo na atenção às particularidades, a inspiração principal para nossa análise: a visada da Comunicação como disciplina indiciária, proposta por J. Braga (2008), a partir da qual, articulamos indícios para avançar inferências.

Por consequência, outras duas óticas metodológicas apoiaram o olhar ao objeto: a) *Relação micro-macro* proveniente da experiência historiográfica ensinada pela micro-história italiana, iniciada por Edoardo Grendi e Giovanni Levi no final dos anos 1960; b) *Atitude etnográfica para ambientes digitais*: afastando-se do cânone etnográfico da Antropologia, para adaptá-lo à observação da comunicologia dos outros, por meio digital, sem a copresença física. Para tanto, seguimos A. Braga (2012), adaptando a dedicação à familiarização do objeto, e a reflexividade, ensejada pela partilha imersiva no teórico-conceitual, apresentadas pelas representações docentes, nas relações com o campo.

Sabendo como chegamos até aqui, desdobremos o título: “Ciências da Comunicação na Itália: um rastreamento das teorias e conceitos comunicológicos no campo acadêmico”.

Começar por “Ciências da Comunicação”, é traduzir *Scienze della Comunicazione*, o nome da graduação trienal na Itália, o primeiro nível do sistema universitário italiano que estuda institucionalmente a comunicação. O termo *Scienze* (Ciências), sendo o plural de *Scienza* (Ciência), sinaliza desde aí, a abrangência das várias ciências ao invés de uma consolidação disciplinar única, o que nos faz pensar em como são articulados esses múltiplos domínios dos saberes, que compõe a Comunicação naquele campo.

Um “rastreamento”, entendido aqui como processo de mapeamento dos indícios em caráter probabilístico, ou seja, pela experimentação científica convidada à falibilidade, e não alternância casual entre acerto e erro, ignóbil de rigor e vigilância. O rastreamento de teorias e conceitos em um campo semiconhecido, familiar, porém estranho, é o exercício de (re)conhecimento, que perfaz duplo movimento por falta de morfologia tripla: conhecer o outro, conhecer novamente a si mesmo e conhecer o mundo.

Teorias e conceitos “comunicológicos”, e não comunicacionais? Etimologia subsumida à epistemologia. O segredo está no sentido que o final das palavras lhe atribui. O sufixo -al de

comunicacional, prevê uma base nominal e gera como produto, um adjetivo, comunicação/comunicacional, substituindo a locução adjetiva, “de comunicação”.

Nesta mesma proporção, “comunicológico” é um neologismo imaginado como adjetivo derivado “de Comunicologia”. O sufixo -lógico de comunicológico, sociológico, psicológico, biológico, arqueológico vem do grego “logikós, -ê, -ón, relativo à palavra, ao discurso, hábil a falar, relativo ao raciocínio”. Já o significado do sufixo -logia em Comunicologia, Sociologia, Antropologia, Morfologia, Paleontologia vem do grego *lógos* e designa o “elemento que exprime a noção de estudo” (PRIBERAM, 2020).

O que nos interessa para essa trama, não é deliberar qual das comunicologias, se husserliana de corporeidade e discurso, flusseriana por sua teoria da comunicação ou da mídia, ou ainda aquela de Marcondes Filho (2017), da comunicação como evento estético.

O exercício é desconfiar do evidente, e provocar-se durante a procura das teorias e conceitos na Comunicação, desnaturalizando o “comunicacional”, ou seja, o que diz respeito ao fenômeno da comunicação (em minúsculo) e, ao mesmo tempo, buscar saber em que ponto está o “comunicológico”, o próprio da Comunicação (campo científico/domínio do saber, em maiúscula) que estuda esses fenômenos.

E o “campo acadêmico”, foi um dispositivo onde esta busca começou e se concentrou, e onde a graduação em Ciências da Comunicação, como curso universitário na Itália, institucionalmente se circunscreve.

Dissertar nasce de uma disciplinarização do narrar, mas só floresce, de uma poética enredada com orientador, professores, colegas, teorias, conceitos, estratégias metodológicas, objetos-sujeitos, nos descompassos do contemporâneo. Quem conta, diz algo a outrem. Narrar ciência é um jeito de deslocar o modo de ver. É ousar conhecer, para existir.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Detalhamento do percurso metodológico

O desenvolvimento do conhecimento, segundo Vieira Pinto (1979, p.28), não alcança sua fase final na autoconsciência do saber, mas em conhecer *como* se chegou a este saber, tornando-se *metódico* e assim configurando a fase da ciência.

Métodos e Metodologia são percorridos, pensados e analisados, em todas as partes desta pesquisa, intercalados, mas sempre interdependentes, embora intensificados neste e nos próximos capítulos. A narrativa metodológica, assim proposta ao longo desta pesquisa, distingue “Metodologia” como sendo “parte da Epistemologia dedicada ao estudo dos caminhos possíveis para a elaboração do conhecimento”, e os “Métodos”, como a “apresentação e discussão desses caminhos” (MARTINO, L.M., 2016, p.28).

Consideramos esta pesquisa exploratória, sob a definição de Bonin (2008, p.125), pois “oportuniza experimentar, vivenciar e testar métodos e procedimentos para compor e construir arranjos metodológicos sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos”.

As metodologias deste trabalho, buscaram uma composição, para dar conta do objeto relacionado ao problema, testando os pressupostos. No momento inicial, realizamos um levantamento informativo-descritivo, mas, para avançar no plano analítico, diante das particularidades, recorreremos à perspectiva da Comunicação como disciplina indiciária, proposta por J. Braga (2008).

Por meio das estratégias gerais postuladas por Ginzburg, e apropriadas pela e para a Comunicação por J. Braga (2008), usufruímos dos seguintes passos: a) estudamos um caso singular no cenário das Ciências da Comunicação na Itália, b) buscamos indícios que remeteram a fenômenos não imediatamente evidentes (mas primeiro passamos pelos inevitavelmente evidentes), c) tencionamos teoria e objeto encontrando contrastes e zonas de luz, d) trabalhamos a articulação entre os indícios escolhidos, e, e) derivamos algumas inferências.

Duas outras óticas metodológicas complementares à principal foram: a) *Relação micro-macro*, proveniente da experiência historiográfica ensinada pela micro-história italiana,

iniciada por Edoardo Grendi, e Giovanni Levi, no final dos anos 1960, para situarmos o caso estudado no âmbito maior no qual está inserido.

E b) *Atitude etnográfica para ambientes digitais*: na observação da comunicologia dos outros, por meio digital, sem a copresença física, mas, entendendo este movimento como uma espécie de partilha imersiva no teórico-conceitual, observando as representações dos docentes e suas relações com o campo.

A sujeita-investigadora tornou-se participante (ou sempre o é?) e, registrou, enumerou e descreveu o objeto, considerando suas impressões como cognições presentes neste processo.

Ainda que o escopo da pesquisa não seja fundamentalmente comparar modelos teóricos, mas, conhecer o universo do outro, é partindo das próprias teorias que lemos as demais. E para fazê-lo, nestas condições de produção, o cânone etnográfico da Antropologia é considerado, mas afastado, para adaptá-lo aos estudos comunicacionais por A. Braga (2012), percebendo o quão importante é a dedicação à familiarização do objeto, e a reflexividade durante esta empatia.

Trabalhamos com duas técnicas de investigação, de naturezas diferentes: o método quantitativo que “atua em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos”, e o qualitativo que por sua vez, “trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. (MINAYO E SANCHES, 1993, p.247). Em nosso caso, quanti-qualitativo foram complementares e alternados, com prevalências nas duas etapas da pesquisa: a de coleta (quanti) e a análise (quali).

Observando a estrutura do curso, o currículo e as representações docentes sobre teorias e conceitos em Ciências da Comunicação na Itália, apesar de tudo indicar que isso se trataria de um estudo “da” Comunicação, a mera titulação do curso não lhe confere certificado.

Essa foi uma das armadilhas apontadas por Barbosa (2002), e talvez ainda o seja, a naturalização do objeto empírico, como se esse, definisse um lugar natural para os estudos de comunicação, quando, na verdade, segundo a autora, “o que define um lugar de pesquisa são os procedimentos metodológicos, ao lado da utilização dos conceitos” (BARBOSA, 2002, p.3).

Sobre a operacionalização dos conceitos nos múltiplos saberes, para a construção do aporte teórico-metodológico da Comunicação, passados 18 anos do artigo de Barbosa (2002), a área tem realizado importantes reflexões sobre a metodologia do campo comunicacional brasileiro com Lopes (1990, 2009), França (2001), Santaella (2001), Bonin (2008), J. Braga (2011a), L.M. Martino (2016, 2018), Carvalho e Lage (2012) assim como as abordagens propositivas de métodos específicos mais próprias à Comunicação com Escosteguy (2011),

Marcondes Filho (2011b), Fragoso, Recuero e Amaral (2012), Recuero, Bastos e Zago (2015), Malini (2016) e outros.

Outros campos do conhecimento continuam a ser acionados pela Comunicação, e caberia um estudo para conhecer de que maneira isso tem sido feito. De todo modo, a importação de metodologias “puras”, vindas de outras disciplinas, já não é a única prática do campo. Há uma retroalimentação de métodos, com um olhar que privilegia o fenômeno comunicacional, em vez dos objetos das ciências de origem.

Consideramos como “objeto nuclear de reflexão” (BRAGA, J., 2011b, p. 77) do campo acadêmico italiano em Comunicação (e aqui entenda-se os sete cursos na graduação em Ciências da Comunicação nas cinco universidades estudadas), as “interações da comunicação social” (BRAGA, J., 2011b, p. 77) e a partir deste examinamos dois problemas:

[...] refletir a respeito do compartilhamento dos estudos sobre o tema Comunicação entre o próprio Campo e as demais disciplinas humanas e sociais; organizar tentativamente, e para objetivos práticos, as diversas perspectivas e temas que as pesquisas abordam (BRAGA, J., 2011b, p. 77)

No lugar de “pesquisas”, para nosso objeto empírico, leia-se “referenciais teóricos” representados pelos docentes.

Para tentar conhecer as teorias da comunicação no ambiente italiano, foi feita uma primeira busca bibliográfica sobre o assunto, ampla e superficial, em agosto de 2018, no Google Acadêmico, com os filtros “a qualquer momento”, “classificar por relevância” e “em qualquer idioma”, com as palavras-chave “*teoria della comunicazione*” (teoria da comunicação), com 177 mil resultados, e, em seguida, “*teorie della comunicazione*” (teorias da comunicação), com 136 mil expressões encontradas.

O incremento de mais de 40 mil ocorrências indica a prevalência da nomeação “teoria”, em vez de “teorias”. Haveria uma única teoria, ou será que o campo escolheu designar o conjunto de teorias pelo substantivo singular por outra conveniência?

Uma pesquisa de “revisão de literatura”, investigando títulos e sinopses por meio de uma pesquisa na bibliografia especializada, encontrada na internet, sobre as teorias da comunicação na Itália, exigiria uma:

[...] reflexão sobre “situações indeterminadas” (não esclarecidas) do ambiente social, na pesquisa qualitativa, correspondente igualmente a pesquisa empírica - bastando que a motivação principal do pesquisador se volte para efetiva descoberta de conhecimento sobre tais materiais, orientado por teorias pertinentes. (BRAGA, J. 2011a, p.6)

Apesar do vasto material, e do potencial de investigação encontrado junto aos títulos das publicações, percebemos que esse ângulo do real afinaria para um tipo de pesquisa teórica, que poderia ser perscrutado com melhor aproveitamento em momento futuro.

O questionamento de J. Braga (2011a) faz ponderar sobre a importância da pesquisa empírica, como uma das raras oportunidades na formação como pesquisadora, de encarar problemas metodológicos e de sistematização, diante da caoticidade, instabilidade e surpresas do mundo da realidade: “Se o estudante tiver a pretensão de entrar diretamente nesse mundo rarefeito da especulação, que contato terá tido com a resistência das coisas? (BRAGA, J., 2011a, p.6).

Faltava uma ação mais abrangente e criativa para um primeiro contato com o painel teórico-conceitual, em um país pouco pesquisado. Aquela pesquisa biográfica não avançou e permaneceu como preliminar, podendo, um dia, ser retomada.

Essa decisão, levou em consideração dois pontos que envolvem ciência e cientista: o que o objeto renderia para fazer a diferença nos estudos já feitos na área; outro, a parte inventiva de fazer contrastar realidades e teorias.

No campo acadêmico italiano existe, atualmente, um curso chamado Ciências da Comunicação. As universidades italianas, suas disposições, diretrizes, políticas de acesso, descrições detalhadas dos currículos, e professores, estavam acessíveis pela rede digital.

Então, em vez de mapearmos as publicações, para conhecer as estruturas das Ciências da Comunicação na Itália de modo que, navegando dentro delas, pudéssemos rastrear as teorias e conceitos comunicológicos, decidimos seguir os rastros das instituições.

Dentro das instituições, o informacional se demonstrou pouco significativo, a uma compreensão sistêmica, devendo ser complementada pelas interações com as vozes docentes, nas representações sobre o campo, as disciplinas, teorias e conceitos nas relações institucionais, e suas dinâmicas.

Assim, contatamos, por e-mail, 241 professores, correspondentes ao lecionamento de 242 disciplinas, nos sete cursos em Ciências da Comunicação, nas cinco universidades italianas pesquisadas. Os parâmetros e procedimentos desta interação, serão trabalhados com detalhe, nos próximos tópicos.

2.2 Roteiro e identificação do *corpus*

No processo de produção da pesquisa, recapitular, faz parte da própria experiência investigativa, e colabora para revisar criticamente as decisões de cada nível, tendo agora, a visão do todo.

O roteiro planejado, passou por dois tipos de interferências durante a prática concreta das buscas: a reflexão epistemológica, instigada pelas teorias estudadas, as quais, internamente, colocam sob indagação o objeto e o método. E, as objeções e validações externas do orientador, colegas e avaliadores na qualificação.

O Modelo Metodológico, para a pesquisa empírica de Comunicação, proposto por Lopes (2009, p.93), nos forneceu parâmetros gerais, para lembrarmos de trabalhar cada tópico da pesquisa, operando em rede, com dois eixos: o paradigmático com os níveis: 1) epistemológico, 2) teórico, 3) metódico e 4) técnico; e o sintagmático com níveis: 1) definição do objeto, 2) observação, 3) Descrição e 4) interpretação.

A organização dos capítulos desta dissertação, procurou evidenciar esses passos e narrar suas motivações, condutas e percalços. Na primeira parte, o campo institucional é discutido em sua diferença e também na relação com o campo teórico-epistemológico, fornecendo subsídios para a escolha da abordagem na definição do objeto, e na opção de como, e onde, observá-lo.

Examinou-se o curso em Ciências da Comunicação, e suas implicações para o problema, a escolha do recorte, a estrutura acadêmica com seu sistema de ensino nas estruturas, as instituições e representações.

Na parte das vozes docentes, descrevemos o *corpus* a ser estudado, o universo e a amostra deste *corpus*, bem como os métodos de coleta, os resultados, suas categorizações e a análise. Na análise dos resultados, a contagem dos conteúdos recorrentes levou à seleção, organização pela hierarquização e às inferências.

As irregularidades do objeto foram bem-vindas, privilegiando a angulação inerente às teorias e conceitos da comunicação, e, encarado como fenômeno observável, na variabilidade das ramificações, evidenciadas nas divisões temáticas.

Essa variabilidade não foi assumida como característica intrínseca do campo que, ao nosso ver, vai traçando naturezas e culturas próprias no ambiente acadêmico da Comunicação, junto com as mudanças de seu objeto, no tempo daquele espaço.

O corpus da pesquisa abrangeu: a estrutura institucional das Ciências da Comunicação na Itália, a distribuição das disciplinas (nos três anos dos sete cursos pesquisados nas cinco universidades italianas) no ano letivo 2018-2019 e as representações dos docentes.

Uma vez identificados os docentes, abriu-se o flanco fundamental no empírico para observar a complexidade do problema, e em seguida, realizamos contato por meio de questionários de autopreenchimento.

Das respostas, pudemos extrair representações, relativas ao pertencimento ao campo da Comunicação, ao conceito de comunicação trabalhado, ao referencial teórico adotado nas disciplinas, às relações com as diretrizes institucionais e como e se ocorrem as discussões entre os pares.

2.3 Universo e amostra

A escolha das universidades da amostra acompanhou os seguintes critérios: a equidade entre tempo de existência e duas razões apontadas na historicidade da institucionalização por Valentini (2014), ou seja, as diferentes regionalidades e suas origens teóricas.

Dentro das cinco universidades, foram identificados sete cursos em Ciências da Comunicação (sigla L-20) com 241 docentes, de todas as disciplinas, dispostas nos três anos das graduações. Os questionários foram enviados, um a um, por e-mail. Do total interrogado, 84 professores responderam, o que corresponde a uma taxa devolutiva de 35%.

O percentual de retorno mostrou maior participação, condizente com o maior número de professores, em Torino (45%) e Bologna (37%). Da mesma maneira, Roma, com a graduação em “Comunicação pública e empresarial” (23%), e, Salerno (22%), mostram as menores quantidades de professores e conseqüentemente, menos retorno.

Cidades com maior concentração populacional, como Torino, com mais de 2 milhões de habitantes, e Bologna, com mais de 1 milhão (ISTAT, 2019), localizadas no Norte, onde a industrialização italiana é tradicionalmente mais desenvolvida, tendem a ter maior demanda de alunos.

Já em Salerno, com população de mais de 1 milhão de pessoas, localizada ao Sul, apesar de ter 27 disciplinas, dispunha dos contatos no site institucional, de apenas 18 professores.

Quanto ao curso de Comunicação Pública e Empresarial de Roma, no Centro da Península, o contato com os 22 professores para as 21 disciplinas foi baixo (23%), menor que

os outros dois cursos da Universidade Roma Sapienza: Cooperação internacional e Desenvolvimento (42%), e Comunicação, tecnologias e culturas digitais (24%).

Essa tendência não se confirma, tanto em Siena, por ter menos professores que as demais universidades (28), e mais retorno percentual (32%); quanto em Roma no curso de Comunicação, Tecnologias e Culturas Digitais, com 33 professores e 24% de retorno.

Roma (Cooperação Internacional e Desenvolvimento) é exceção por apresentar o segundo percentual mais alto de retorno (42%), mesmo com o segundo menor número de professores (19). Para melhor visualização, podemos observar, a seguir, a Tabela 1, que mostra dados comparativos entre o número de respostas e os respectivos percentuais de retorno.

Tabela 1 - Amostra das disciplinas, professores e respostas

Universidade	Curso L-20	Disciplinas	Professores	Respostas	Retorno
Torino	Ciências da Comunicação	77	69	31	45%
Bologna	Ciências da Comunicação	27	52	19	37%
Siena	Ciências da Comunicação	39	28	9	32%
Roma	Comunicação, tecnologias e culturas digitais	26	33	8	24%
Roma	Cooperação internacional e desenvolvimento	25	19	8	42%
Roma	Comunicação pública e empresarial	21	22	5	23%
Salerno	Ciências da Comunicação	27	18	4	22%
	Totais	242	241	84	35%

Fonte: Tabulação da autora (2019), com base nos sites universitários e respostas dos docentes.

Os nomes dos cursos, o número de disciplinas e os contados dos professores foram encontrados nos sites institucionais da Università di Bologna (2018), Università degli Studi di Salerno (2018), Università di Siena (2018), Sapienza Università di Roma (2018a, 2018b, 2018c) e Università di Torino (2018).

A primeira observação sobre esta amostragem é que o número de docentes não corresponde exatamente ao número de disciplinas lecionadas. Identificamos um mesmo professor lecionando mais de uma disciplina nos três anos do curso, mas também dois ou três professores lecionando a mesma disciplina para turmas diferentes.

Em segundo lugar, nem todos os professores contatados responderam, fato estatisticamente esperado. Quanto à taxa total de retorno obtida, ou seja 35%, podemos considerá-la, em linhas gerais, razoável, lembrando do parâmetro de Marconi e Lakatos (2005, p.201), com um alcance médio de 25% na devolução de questionários por correio ou portador.

Quanto à assimetria nos percentuais de retorno entre os cursos, devemos reconhecer que o maior peso está nas universidades do Norte (Torino e Bologna), acompanhadas pelo curso Roma (Cooperação internacional e desenvolvimento) e, em seguida, no Centro (Siena e Roma) e, por último, o Sul (Salerno).

Esta distribuição, marcada pelas regiões e cidades onde se localizam os cursos e onde ocorreram concentrações de participação, significa, para a essa pesquisa que: 1) apesar de o sistema acadêmico seguir diretrizes nacionais gerais, cada universidade compõe a tabela disciplinar e a alocação de seus docentes, de acordo com suas próprias condições, tradições e atualizações, territórios e demandas; 2) a prevalência quantitativa das respostas, em determinadas universidades, indica indícios, mas não essenciais, pois, como veremos na análise dos resultados, esse fator é diluído na singularidade dos indícios acidentais que relacionamos.

2.4 Métodos de coleta

Coletar dados é diferente de selecioná-los. Na coleta, o que há são informações, “algo relativamente cru”, como diria Burke (2016, p.44). A seleção já é uma separação, uma distinção entre relevâncias. A base do paradigma indiciário, segundo J. Braga (2008, p.6), “não é colher e descrever indícios - mas selecionar e organizar para fazer inferências”.

Para planejarmos o questionário dirigido aos professores, o primeiro passo foi definir o assunto das perguntas, com algumas “pontes de acesso”, para investigar o problema da pesquisa, e conhecer as teorias e os conceitos nas Ciências da Comunicação italiana.

Como a decisão da amostra foi abordar os docentes de todas as disciplinas, seria ineficaz perguntarmos quais seriam as teorias “da comunicação”. Então, buscamos ouvir dos

próprios docentes, quais teorias circulam no curso (dando especial atenção ao critério de escolha), e, somente a partir delas, analisar a relação com o campo da Comunicação.

A primeira pergunta foi a seguinte: **1) Quais são os referenciais bibliográficos na sua disciplina? Com qual critério foram escolhidos?**

A estrutura institucional e os currículos fazem parte dos observáveis, assim sendo, as duas perguntas seguintes complementam a primeira e a última, e objetivaram inquirir em que medida, dois estratos da instituição acadêmica, interagem nas escolhas das teorias. Na segunda pergunta, abordamos a camada institucional vertical, ou seja, a hierarquia departamental: **2) Quais são as diretrizes institucionais para a escolha dos referenciais teóricos em sua disciplina?** E na terceira, o estrato institucional horizontal, ou o diálogo e discussão sobre a própria disciplina com os pares: **3) O Sr./a discute o conteúdo da sua disciplina com os colegas da sua ou de outras universidades?**

Em seguida, perguntamos sobre os conceitos de comunicação trabalhados em sala de aula, que, junto com a primeira pergunta sobre os referenciais teóricos, centrais para nosso problema, poderia trazer melhores pistas. Mas por que não perguntamos quais teorias “da comunicação” na primeira, e na terceira inferimos que há conceitos “de” comunicação?

Simplesmente porque, ao nosso ver, seria mais aceitável para professores de outras áreas, reconhecerem conceitos de comunicação em suas disciplinas, do que teorias “da comunicação”, o que implicaria em assumir um conjunto de conceitos, que talvez ainda não tenham alcançado um estatuto “da” Comunicação. Então, perguntamos: **4) Quais são os conceitos de comunicação com os quais o Sr./a trabalha?**

A condensação do problema, em quatro perguntas abertas e breves, visou favorecer a disposição de tempo dos docentes para a elaboração das respostas, e, os termos usados, procuraram adequar-se à linguagem acadêmica corrente. As perguntas foram realizadas em língua italiana, conforme o Apêndice A.

As questões abertas têm a vantagem de cobrirem aspectos que vão além das questões fechadas, mas mesmo com espaço livre para esclarecimentos, comentários e explicações, ainda assim, esses aspectos são limitados e encontram dificuldades para codificação e decodificação, tanto dos respondentes, quanto da pesquisadora.

A análise das respostas, demora mais do que outros tipos de questões, mas essa desvantagem se converte em benefício, na medida em que todo material qualitativo, possibilita compreender como os respondentes entenderam as questões, e isso fez parte de um precioso material interpretativo.

A Itália carrega a tradição educacional e profissional do uso das “Cartas comerciais” com mensagens formais convencionadas para o uso em escritórios, uma história da cultura que certamente sofreu transformações, com o uso do e-mail. Notamos uma continuidade dos protocolos da linguagem analógica no meio comunicativo, mesmo diante da transformação dessa prática social pela tecnologia.

A tabulação das informações selecionadas nos sites, e a consulta aos professores, fizeram parte do método de coleta. Quanto à análise quantitativa, nenhum software foi adotado e experiências com o trabalho administrativos, nas separações de conteúdos por quantidades recorrentes, foram recursos para uma hierarquização simples, do maior número de respostas para o menor.

A web, foi o meio pelo qual as informações foram coletadas, e as comunicações realizadas. Nesse ambiente, as práticas de pesquisa são permeadas pelo processo de mediação, e foi importante compreendermos com Rogers (2016) que:

[...] a internet é um espaço de pesquisa que vai além da cultura on-line e de seus usuários. Com o fim da divisão entre real e virtual, a internet pode ser repensada como uma fonte de dados sobre a sociedade e a cultura. Coletar e analisar dados para a pesquisa social e cultural requer não apenas uma nova perspectiva sobre a internet, mas também novos métodos para fundamentar as descobertas (ROGERS, 2016, p. 30).

Para encontrar as teorias da comunicação ensinadas, em um curso de graduação em Ciências da Comunicação, que não oferece uma única disciplina chamada “teorias da comunicação”, poderíamos simplesmente acessar as referências bibliográficas presentes nos sites das matérias, ou seja, colher a informação pública, mapear o que entendemos por teorias da comunicação, e, propor um quadro comparativo, mostrando as principais linhas.

Todavia, faltariam duas conjunturas que consideramos fundamentais para este projeto: a) a visão do outro sobre si mesmo e, b) a troca comunicacional, para compreender melhor a visão do outro sobre si mesmo.

Decidimos contatar os docentes, por questionários enviados por e-mail. Por motivos logísticos e de prazo, não realizamos uma “conversação” daquela que J. Braga (2011b, p. 66) definiu como “modelo dialógico-simétrico-alternado-recíproco de comunicação”. Porém, é preciso contar que, o que aqui chamamos de “questionários”, não foi simplesmente uma lista de perguntas.

O teor, ritmo e modulação do texto enviado aos docentes, inclinou-se para a comunicação epistolar, convidando-os a uma correspondência por mensagem escrita, na qual

não somente responderam às questões, mas também expressaram suas opiniões, dúvidas, indignações, conceitos, teorias, insatisfações, alegrias e, facilitados pelo meio, se desdobraram em interações, indagações, indicações bibliográficas e outros diálogos.

Tratou-se, ao nosso ver, de uma “interação comunicacional”, definida por J. Braga (2011b, p.66) como “processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados [...] e toda e qualquer atuação que solicita coparticipação” (BRAGA, J., 2011b, p.66).

Ativemo-nos então, às respostas de nossos interlocutores, entrecruzando-se com outras respostas ao mesmo questionário, para percebermos qual a lógica interna, e externa a essa seleção, seus princípios, contradições e confluências.

Perguntar os referenciais teóricos das disciplinas, aos docentes que as lecionam, é uma tentativa de ouvir do outro o que não está *escrito*, mas *inscrito* no institucional.

Para organizar os contatos dos professores em Ciências da Comunicação, nas cinco universidades selecionadas no ano acadêmico 2018-2019, criamos uma planilha com os seguintes dados, coletados nos sites institucionais: o nome da universidade, título do curso, departamento, ano acadêmico do programa, nome completo de cada um dos professores, nome da disciplina que leciona e o respectivo e-mail. Adicionamos mais uma coluna com a data de envio de cada uma das mensagens e eventuais observações.

O conteúdo do e-mail, escrito em língua italiana, foi disposto em duas partes: saudação inicial e final, com breve apresentação sobre a pesquisadora, o orientador e a pesquisa. E o questionário aberto, de autopreenchimento, continha cinco perguntas, das quais a última foi descartada desta pesquisa, por abrir um capítulo à parte sobre as representações políticas e sociais das Ciências da Comunicação em outras esferas, para além da academia.

A forma de comunicação escrita prevê a vantagem de uma organização textual, racional e planejada, e, a possibilidade de releituras, dado seu caráter consecutivo, diferente de uma conversa face a face, que força ao constrangimento do “ao vivo”. Na contrapartida, o escrito lança uma intenção de interpelação, mediada e “protegida” pela máquina, que pode ser facilmente ignorada.

Passados quase 20 dias, após as primeiras mensagens enviadas por e-mail, em 02.01.2019, nenhuma resposta. Alguns motivos para a falta de retorno: período de recesso das atividades acadêmicas, por conta das festas de final de ano, encaminhamento automático ao SPAM, domínio de outro país diferente do .it, desconfiança, receio de comprometimento com o registro escrito, ausência por férias, falta de tempo, falta de vontade, impossibilidade pessoal, problemas técnicos e outros.

O procedimento de envio de e-mails, e recebimento das respostas, aconteceu paulatinamente, no período de janeiro a março de 2019. Criou-se uma rotina de envio, recebimento, leitura, agradecimento, salvamento dos arquivos e anotações na planilha geral de contatos. Apesar de os retornos terem ocorrido, mais de uma vez, com a troca de mensagens entre as partes, limitamos a presente pesquisa, às primeiras respostas dadas.

Quanto aos textos institucionais, nomenclaturas disciplinares e respostas aos questionários em italiano, foram traduzidos livremente para o português, pela pesquisadora, e os nomes e sobrenomes dos docentes, substituídos por fictícios, para proteção à privacidade.

Durante a tabulação de dados, seguindo o eixo inicial, e desconhecendo onde o resultado levaria, quatro frentes foram sendo trabalhadas paralelamente, embora com estreita relação entre si, para compor nosso entendimento: 1) as quantidades de universidades, cursos, professores, disciplinas, respostas, percentuais de retorno; 2) a qualidade das respostas, os agrupamentos temáticos, a separação em categorias, as análises dos conteúdos; 3) as leituras das teorias que fundamentaram e guiaram nossa prática na pesquisa; 4) a escrita e edição da dissertação, como síntese do material coletado, e, a tentativa de tornar inteligível o estudo do objeto, para si, e para os outros.

2.5 Métodos de análise

O pequeno recorte da amostra, com os sete cursos, nas cinco universidades que inauguraram a graduação em Ciências da Comunicação na Itália, em relação ao universo total dos 56 cursos existentes, no momento desta pesquisa, propõe uma análise que depure ações mais individualizadas e transcenda àquelas de cunho generalizante.

Vale lembrar que, o método que favorece olhar o objeto diante do problema, pressupõe que as teorias e conceitos têm uma complexidade dificilmente redutível às grandes teorias epistemológicas da Comunicação.

Essa noção conflui na mesma direção da ótica estratégica adotada pela micro-história italiana, que no início dos anos 1970 com Edoardo Grendi (1972) e Giovanni Levi (1973), quando faziam uma “referência explícita à antropologia econômica e à antropologia das sociedades complexas” (RAGGIO, 2013):

A micro-história propõe um procedimento quase artesanal de aproximação ao objeto, à semelhança do olhar através do microscópio, que revela uma série de aspectos antes impossíveis de se detectar pelos procedimentos formais da disciplina. (ALMEIDA e OLIVEIRA, 2009, p.8)

A análises estruturais que consideram grandes cortes teórico-conceituais em Comunicação, raramente incorporam as ações de sujeitos como os docentes de graduação em Comunicação (atuantes nas primeiras filas do trabalho de ensino do campo), quanto à definição dos critérios adotados para suas escolhas teóricas e outros microprocessos.

Deste modo, tentamos compreender as estratégias individuais, combinadas com os demais indícios, para tornar mais visível a realidade estrutural maior e, nesse processo, notamos motivações diferentes, de ordem histórico-cultural, permeadas pelo social, mas, como diz J. Braga (2011b), “modulado” fortemente pelo comunicacional.

Longe de uma análise clássica de conteúdo, procuramos seguir J. Braga (2008) com o flagrante do específico do comunicacional, pelas peculiaridades do empírico, selecionando os índices, a frequência das incidências e, podendo assim, arriscar inferências.

Para isso, foi necessária uma cuidadosa atenção aos detalhes, pois, a partir da seleção, organização e distinção desses, é que o objeto, o olhar e o conhecimento, constituíram a análise. Gattinara (2016) observa a partir da perspectiva da micro-história que:

É de fato um *outro* objeto aquele que se observa no detalhe, e um *outro* olhar aquele que lhe é aplicado para extrair dele um *outro* conhecimento. A realidade que dele emerge não será a mesma daquela que é detectada por uma outra escala de observação reflexiva. Se trata obviamente de uma realidade alterada, mas de uma alteridade que deve fazer compreender a multiplicidade complexa das suas variedades dimensionais. O problema, como já foi acenado antes, não será então aquele de uma escolha entre uma e outra dimensão, mas a abertura a um percurso cognitivo capaz de não se fixar em um só plano. (GATTINARA, 2016, p.41, *tradução da pesquisadora*)

A longa citação de Gattinara (2016, p.41) afetou profundamente o nosso modo de conceber as análises, conforme veremos nos capítulos subsequentes, dedicados a elas.

De modo prático, a análise da estrutura institucional acadêmica, foi realizada com o intuito de estudar três pontos: a história, a hierarquização e o funcionamento da macroestrutura. Já a análise da organização disciplinar, baseada nos sites das universidades serviu para dois escopos: agrupar as disciplinas de modo a visualizar concentramentos teóricos e identificar quem são os respectivos professores.

Durante a análise das representações docentes, levamos em consideração o conceito de interpretação, sob o olhar histórico-comunicacional de Barbosa (2002), no qual:

Interpretar depende do tipo de explicação que foi considerada como fundamental e também do modo figurativo como o pesquisador comporá sua trama. Interpretar pressupõe a ideia de inferência e especulação, ou seja, constrói-se uma espécie de silêncio entre o objeto empírico e sua representação. (BARBOSA, 2002, p.7)

Dentre as cinco questões propostas pelo questionário aos docentes, além das cinco áreas temáticas sugeridas pelo teor denotativo da enunciação, ou seja: 1) referencial bibliográfico e critérios; 2) diretrizes institucionais; 3) discussão com colegas; 4) conceitos de comunicação e 5) representação de CdC; as respostas apresentadas verteram para temáticas que extravasam as fronteiras do perguntado.

Desde temas paralelos às perguntas, comentários sobre a situação contratual, ou dúvidas sobre o que foi perguntado; houve uma miríade considerável de ramificações, que apresentaremos e analisaremos durante este e os demais capítulos. Por isso, a mesma resposta de um único professor, foi fragmentada nos vários agrupamentos, descritos adiante.

Algumas respostas poderiam pertencer a duas ou mais categorias. Nesses casos de ambivalência, as respostas foram replicadas nas categorias, dada a nitidez do pertencimento múltiplo. Nos demais casos, os conteúdos foram alocados em categorias que, elencaram suas prevalências, com o risco que toda escolha implica, mas, também, com a ciência de que os desencaixes não devem ser omitidos, escondidos ou ignorados, pois oferecem qualidades animadas para as análises, hoje ou amanhã.

Durante a separação dos conteúdos, nas seis temáticas, com frequência, surgiu a tentação de agrupar, criar ou nomear categorias que os conteúdos pareciam suscitar, mas voltamos atrás. Foi necessário então um ulterior cuidado, em criar e alocar conteúdos em categorias, somente a partir do que foi explicitado (dito/escrito nos e-mails), e não intuído, nem hipnotizado, apesar das possíveis injunções.

Esse detalhamento, motivou as várias distinções, apesar da proximidade entre algumas das respostas. Talvez, no momento da análise, poderemos ousar pequenas extrapolações que o pensamento criador nos permite, mas, advertindo ressalvas, e explicitando o que é nosso, e o que é do empírico. Contudo, nessa fase, tal gesto nos deixaria muito aquém da objetividade.

O questionário escrito, não sendo “ao vivo”, desfaz o repentino, e anula o frente a frente, na relação entrevistador-entrevistado. Esse fator, pode ter contribuído com um modo de pensar dos professores, mais elaborado, com tempo para pesquisa, reformulações, autocensuras, edições e maior atenção e parcimônia, por parte dos docentes.

Apesar da diferença entre entrevista presencial, e contato por e-mail, a rotina de conversações por escrito, mediatizada, também precisa ser considerada em seus costumes, nos retornos por e-mail, conversas via chat como no WhatsApp, Messenger do Facebook, Hangout, por exemplo, ou postagens pelas redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter.

A escrita revela a forma de interpretar, e a prática de escrever a pesquisa, foi sendo iluminada pelos conhecimentos prévios, adaptados à perspectiva comunicacional; conhecimentos novos e teorias relidas, passos repensados e, principalmente, assimetrias entre a tríade de fenômenos do mundo empírico, percepto da pesquisadora e conhecimento teórico.

A construção de um olhar próprio, do campo da Comunicação, para Barbosa (2002), passa por uma “escrita que lhe seja subjacente” (BARBOSA, 2002, p.6), e, ao falarmos de comunicação, estivemos constantemente atentos, em procurá-la nas interfaces.

3 CAMPO INSTITUCIONAL X TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO

A institucionalização dos saberes comunicacionais inaugura o curso em Ciências da Comunicação na Itália, justamente nos anos 1990, coincidindo com um período histórico, político, e cultural, demarcado pela “revolução digital” italiana.

A proposta de formação universitária, relacionada a uma crescente demanda mercadológica, afetada pela tecnologia, foi o principal motivo para o aumento de interesse, e grande sucesso de inscritos, nos anos seguintes, expandindo o programa para outras cidades.

A história de um país se entrelaça à história de uma ciência. A primeira conexão à Internet na Itália aconteceu em 30 de abril de 1986 (CORINTO, 2016), e de 1991 a 1996, os celulares passam de 1 a 6 milhões no país. Caem as fronteiras da mobilidade na Europa, consequência disso é o Projeto Erasmus (mobilidade estudantil), os voos *low-cost*, e os bilhetes ferroviários *InterRail*, que permitiam viagens ilimitadas, dentro de um certo perímetro e tempo, para residentes europeus (ANSA, 2014).

Na moda, nascem o *grunge* e o minimalismo, as campanhas publicitárias da Benetton escandalizam o mundo, são anos de ouro para a televisão comercial na Itália, com os programas *Karaoke* de Fiorello, *Stranamore* e *Non è la Rai*.

Naquela década, a Itália passa por uma forte crise política, social e moral com os atentados que assassinaram os magistrados Paolo Borsellino e Giuseppe Falcone, a desvalorização da moeda italiana, a Lira, em 1992, a crise dos partidos com o caso *Tangentopoli* e o nascimento do partido de extrema direita *Lega Nord*. Em 1994, Berlusconi entra na política, e, pela primeira vez, um ex-comunista, Massimo D'Alema, se torna Presidente do Conselho (ANSA, 2014).

Se por um lado, grande parte dos estudos de comunicação tratam da atualidade e esta pesquisa também tende ao presente estado das coisas, a “prevalência do novo”, como diz Barbosa (2002), “induz a dialética do esquecimento como motor de uma lembrança que não se realiza” (BARBOSA, 2002, p.5). A visão cumulativa sobre a comunicação é fundada, mas o recorte temporal, embora situe sua formação, não assegura a conformação de um ambiente.

Partindo de eventos gerais, e acontecimentos específicos, no lugar onde as Ciências da Comunicação se desenvolveram, na Itália, acenamos à narrativa histórica de uma parte do campo, a graduação, apenas como uma prévia para a discussão epistemológica das várias concepções de comunicação, e, outros núcleos problematizadores na produção desse conhecimento.

O objeto de estudo, para L. C. Martino (2016, p. 177), “não é somente a ‘coisa estudada’, ele é o modo pelo qual chegamos a ela (recorte, construção do objeto teórico) e como, a partir dela, entendemos os fenômenos (teoria)”.

Aquela revolução digital, na sociedade italiana durante a década de 1990, poderia ser um dos modos para chegar à comunicação, compreendendo de que maneira esse acontecimento se relacionou com a institucionalização de suas ciências, na academia. Considerando a relação com esse ambiente, optamos por recortar o objeto de estudo (as teorias e o conceito de comunicação na Itália) na coisa estudada (as Ciências da Comunicação na graduação italiana) e trabalhar na análise de algumas variáveis atinentes à questão.

Adiando o levantamento de teorias e modelos, identificamos consonâncias com a teoria proposta por Ferreira (2003, p. 5), para trabalharmos a partir dos “fluxos singulares das estruturas de interpretação do mundo, construídas em campos acadêmicos a partir das interações com objetos de conhecimento”. E, na antessala desses fluxos, foi preciso visitar o conjunto de fatos, de origem e desenvolvimento, que cooperaram para a instituição das Ciências da Comunicação italiana.

3.1 Breve gênese da institucionalização das Ciências da Comunicação na Itália

No aniversário de dez anos dos cursos de graduação em Ciências da Comunicação, Mario Morcellini (2003), descreveu sua experiência como testemunha de uma “grande mudança” (MORCELLINI, 2003). Seu discurso começa mostrando a preocupação com a maneira (qualitativa) e em que medida (quantitativa), o curso formou uma identidade:

Aqui está: a primeira interrogação que, a distância de um decênio, se impõe é a propósito como e quanto aquele curso de estudos se revelou capaz de constituir uma identidade didática e científica original, seja em relação às experiências internacionais que do restante da oferta universitária do nosso país. (MORCELLINI, 2003)

A graduação em Ciências da Comunicação começou no ano de 1992, em cinco universidades italianas: Salerno, Roma, Siena, Bologna e Torino (MORCELLINI, 2003). O crescimento exponencial da procura estudantil pelo curso, nos primeiros 10 anos, demonstrou um aumento de 600% nas matrículas, chegando ao seu ápice durante o biênio 2000/2002.

Esse aumento coincidiu com a Reforma didática 3+2 (instituindo os 3 primeiros anos como graduação trienal e os 2 últimos como graduação magistral) e ficou em quarto lugar como o curso mais procurado, depois de Ciências da Economia, Gestão Empresarial, Ciências Jurídicas e Engenharia da Informação (MORCELLINI, 2003).

A Reforma trouxe efeitos, tanto no aumento da população estudantil, quanto no número de cursos espalhados pelo território italiano. Segundo a pesquisa de Morcellini (2003), no ano 2000, havia 17 ateneus; em 2003, passaram a 43.

Os cursos em Ciências da Comunicação, ativos em 2003, estavam distribuídos da seguinte maneira: Norte e Centro (26), no Sul (19), sendo as ilhas (13) e a área Meridional (6). (MORCELLINI, 2003). Percebemos que, apesar da maior concentração dos cursos estar no Norte e Centro, o “*fenômeno comunicação*” (MORCELLINI, 2003), não estava circunscrito somente às áreas fortemente urbanizadas.

Na pesquisa sobre os *Cinquenta anos de sociologia e comunicação em Roma*, Martire e Sofia (2014) descrevem o percurso metodológico e as fases da investigação daquele trabalho, buscando a reconstrução das etapas de institucionalização da disciplina, no contexto acadêmico romano. É evidente, a maior atenção dada à precursora Sociologia, com a memória de seu material bibliográfico, biografias individuais, história do Instituto e Departamentos e a experiência do Diretor.

O aprofundamento, dedicado aos estudos de Comunicação por Martire e Sofia (2014), é claramente derivado da Sociologia acadêmica romana, de onde a produção científica comunicacional toma forma, já nos anos 1980 e 1990, e, se afirma, no debate público sobre os meios de comunicação de massa e as profissões comunicativas; fazendo prefigurar a instituição de um currículo de estudos específico.

As pesquisas que resgatem o histórico da institucionalização dos primeiros cursos de graduação em Comunicação na Itália são basicamente trabalhadas por um grupo de pesquisadores, da Universidade de Roma Sapienza.

Essa visada é circunscrita à história de somente uma das instituições pioneiras, com acenos de autocrítica à cultura universitária, uma vocação da comunicação para a ação, ou ativismo social, que a distinguiria das demais disciplinas geradoras; e a questão formativa está intimamente ligada à eficiência educacional, dirigida ao mundo do trabalho.

Na historiografia examinada, encontramos uma compilação de etapas cronológicas, relatos de memórias dos nomes de prestígio, precursores e benfeitores, mas, nenhum propõe tensionamento epistemológico de relevo para a Comunicação, como área de conhecimento.

3.2 Campos da Comunicação: institucional X teórico-epistemológico

Para Lopes (2006, p.18), “as conquistas institucionais são condições necessárias, porém não garantem *per se*, o fortalecimento teórico de um campo”, pois há distinções importantes a serem avaliadas, entre os subcampos pesquisa e ensino.

Ao falarmos de “campo”, costuma-se apelar sem muita reflexão, para a definição de Bourdieu (2004), do espaço social estruturado, um campo de forças no jogo de luta concorrencial, entre agentes sociais, pela conservação transformação do poder. Mas, de qual campo está falando? Basicamente, do campo institucional da ciência, na perspectiva histórico-social herdada do materialismo, e não do teórico-epistemológico ligado ao conhecimento.

A analogia entre o campo científico, com práticas institucionalizadas de produção (pesquisa), e o campo acadêmico (reprodução/ensino), aproximando estrutura e funcionamento, serve somente para observarmos os conflitos políticos e as disputas por posições, com práticas estratégicas na circulação de capital e poder científicos.

Por esse caminho, olhar a estrutura institucional da Comunicação na Itália, sob uma visão tentadora da sociologia da ciência ou do conhecimento, principalmente diante de um material empírico repleto de possibilidades interpretativas; nas suas formas objetivadas e também nas suas representações psicossociais, não é suficiente para o enfrentar a questão de como a Comunicação é pensada e produzida cientificamente.

Por isso, se não basta descrever o elo social humano, ao que exatamente se refere o uso da noção de campo, em termos epistemológicos? Segundo L.C. Martino (2006, p.36), o objeto é um domínio do conhecimento humano, com as “correntes teóricas; os elementos em jogo, aquilo que compõe o campo, são as teorias, as escolas[...]”.

Esta é a noção de campo que mais nos importa aqui, o epistemológico, como questão central para a sistematização e crescimento da Comunicação. Por isso, observamos ao longo desta pesquisa, como está a distribuição das teorias, os critérios de escolha pelos docentes italianos, as concepções de comunicação trabalhadas, além de outros componentes que afetam a busca, inclusive a nossa própria maneira de conhecer.

Diferentemente da abordagem sociológica, que “oferece uma imagem do campo comunicacional como um jogo entre atores sociais, mas deixa de lado toda a produção intelectual (teorias, pesquisas) para se concentrar nos aspectos político-sociais” (MARTINO, L. C., 2006, p.52), aqui, propõe-se uma análise “institucional-comunicológica”.

Para a análise comunicológica do institucional, ou seja, como as Ciências da Comunicação na Itália “se pensam” e como pensamos o campo da Comunicação, a partir de nossa própria cultura; concentramo-nos em alguns dos crivos da epistemologia da comunicação brasileira levantados nos estudos contemporâneos, especialmente com J. Braga (2011b) com a constituição interna do campo; L.C. Martino (2006), discutindo a substituição da ciência da comunicação pelo campo da comunicação e Ferreira (2013), abordando propostas de estudo para o campo acadêmico e epistemológico da comunicação.

As teorias nos ajudam a pensar diante do horizonte das Ciências da Comunicação, seus conflitos como área do saber, tendências das vertentes teóricas, qual a especificidade da comunicação em relação às outras áreas, as proporções entre estudo dos meios ou comunicação não-mediada e como se desdobra a interdisciplinaridade.

Entendemos com Ferrara (2008, p.4) que “[...] a definição de um campo científico da comunicação é duplamente útil: ao estruturar-se, estrutura o conhecimento que nele se produz”. Esta estruturação do conhecimento se dá de maneira diferente, pelas singularidades das relações acontecidas em vários ambientes do sistema e é necessário cuidado ao supor com juízo precipitoso que, o caso italiano, apresenta um “atraso evolutivo”, por ter-se estruturado “tardiamente”, em relação ao brasileiro. São arranjos epistemológicos diferentes, configurações distintas, ainda que confluentes em alguns trechos.

Na questão da constituição “interna” do campo, J. Braga (2011b, p.72) observa as pesquisas e faz algumas clivagens, não reducionistas, nem excludentes, sobre os enfoques sobre mídia, a prevalência no ângulo da “interação” e outros estudos. A partir daí, encontra possibilidades de “interdisciplinaridade”, seja quando “absorve contribuições de outras áreas a serviço de seu ângulo específico” (BRAGA, J., 2011b, p.72), seja na interface com outra área de pesquisa.

Podemos então organizar duas ordens de reflexão para nosso problema. Uma delas é pensar nosso modo de pesquisar as Ciências da Comunicação na Itália, como “outros estudos” também angulados pela interação, diferentes dos estudos de “mídia”. E com as contribuições teóricas acionadas tentamos privilegiar o conhecimento produzido pela área da Comunicação, apesar arremeter sobre si e voar graças a outras tantas Ciências..

A segunda ordem de reflexão, se refere a uma adaptação analítica, inspirada nas clivagens de J. Braga (2011a) na observação das pesquisas. No nosso caso, não tratamos de pesquisas, mas das teorias e conceitos da comunicação observados nos currículos acadêmicos e representações docentes.

Chegando à análise, veremos qual a prevalência dos conceitos de comunicação levantados, se mídia ou interação. Na parte dos referenciais teóricos, veremos como se dá a “interdisciplinaridade”, principalmente se a interface estabelecida se inclina ao serviço ou não do estudo comunicacional. E se não, qual o sentido disso para as relações.

Como estamos estudando um campo acadêmico da Comunicação, que segundo Ferreira (2013), “é o espaço social ao qual corresponde um campo de conhecimento e de significação singular”, o campo epistemológico atravessa o mais amplo, o do conhecimento, e afeta o da academia, que é regulada pelo campo institucional com sua estrutura e agentes.

Ao investigar alguns cursos de graduação em Ciências da Comunicação na Itália, é como se começássemos a investigação por uma das faces do problema (existem outras, como a pós-graduação, a pesquisa, a bibliografia especializada), porém, no plano acadêmico, também há fluxos sutis do conhecimento.

Existem características internas, no processo de institucionalização do campo acadêmico da Comunicação na Itália, diferentes do Brasil e da América Latina. Conforme pontua Lopes (2006, p. 29), na Itália, a atividade de pesquisa, nos cursos de pós-graduação, Mestrado e Doutorado, antecede o ensino no campo.

Isso nos indica que, dentro de um mesmo campo acadêmico, ocorrem desenvolvimentos diferentes e, conseqüentemente, diferenças no campo epistemológico.

Nesse sentido, institucionalização dos estudos comunicacionais na Itália, desenvolve-se posteriormente à pesquisa italiana na mesma área, sinalizando diferenças no tempo e nos modos de fazer conhecimento. Convém reconhecer que, diferente da pesquisa, ensinar comunicação, no primeiro nível do sistema acadêmico, amplia exponencialmente seu acesso ao público, o estudantil, com uma didática característica.

A situação do campo institucional é observada e observante do campo teórico-metodológico, e como comunicólogos, participamos na dinamicidade dessa busca, rastreando o que de relacional pode haver entre as interações.

3.3 Estruturas das Ciências da Comunicação na Itália

Na consulta ao portal *UniversItaly* (2019), identificamos um total de 56 cursos sob a sigla L-20, classificação instituída pelo Ministério da Universidade e da Pesquisa, o MIUR,

para designar *Scienze della Comunicazione*, título do curso de graduação em Ciências da Comunicação na Itália. Em 52 títulos desses cursos encontramos a palavra “Comunicação”.

A expressão “Ciências da Comunicação” aparece em 21 dos cursos e os demais 29, apresentam outros nomes. As expressões como “Comunicação, inovação, multimedialidade”, “Comunicação pública e empresarial” ou “Informação, Media e Publicidade”, guardam uma forte conexão entre teoria e mercado.

As universidades italianas (21), nas quais a graduação é denominada com a expressão homônima à da sigla L-20 do MIUR, ou seja, “Ciências da Comunicação”, são as seguintes:

- Universidade dos Estudos de Bari
- Universidade dos Estudos de Bergamo
- Universidade dos Estudos de Bologna
- Universidade dos Estudos de Cagliari
- Universidade dos Estudos de Genova
- Universidade dos Estudos Insubria
- Universidade dos Estudos de Macerata
- Universidade dos Estudos de Modena e Reggio Emilia
- Universidade dos Estudos do Molise
- Universidade dos Estudos Suor Orsola Benincasa
- Universidade dos Estudos de Perugia
- Universidade dos Estudos de Roma “Tor Vergata”
- Universidade dos Estudos Roma Ter
- Universidade do Salento
- Universidade dos Estudos de Salerno
- Universidade dos Estudos de Siena
- Universidade Telemática e-Campus
- Universidade Telemática Internacional Uninettuno
- Universidade dos Estudos de Teramo
- Universidade dos Estudos de Verona
- Universidade dos Estudos de Torino

Os cursos de graduação em Ciências da Comunicação na Itália (35), com outras nomenclaturas, diferentes do termo geral instituído sob a sigla L-20 do MIUR, segundo UniversItaly (2019), são os seguintes:

- Livre Universidade de Bolzano - Ciências da Comunicação e Cultura
- Universidade dos Estudos de Cagliari - Línguas e Comunicação
- Universidade da Calabria - Comunicação e DAMS
- Universidade dos Estudos de Catania - Ciências e línguas para a comunicação
- Universidade dos Estudos de Ferrara - Ciências e Tecnologias da comunicação
- Universidade dos Estudos de Firenze - Ciências humanísticas para a comunicação
- Universidade dos Estudos de Messina - Ciência da Informação: comunicação pública e técnicas jornalísticas
- Universidade dos Estudos de Messina - Ciências da formação e da comunicação
- Universidade dos Estudos de Milano - Comunicação e sociedade
- Universidade dos Estudos de Milano - Ciências humanísticas para a comunicação
- Universidade dos Estudos de Milano-Bicocca - Comunicação intercultural
- Universidade dos Estudos de Milano-Bicocca - Ciências psicossociais da comunicação
- Universidade Católica do Sagrado Coração - Comunicação e sociedade
- Universidade Católica do Sagrado Coração - Linguagens das mídias
- Universidade IULM-MI - Comunicação, mídia e publicidade
- Universidade IULM-MI - Relações públicas e comunicação empresarial
- Universidade dos Estudos de Padova - Comunicação
- Universidade dos Estudos de Palermo - Ciências da Comunicação para a Cultura e as Artes
- Universidade dos Estudos de Palermo - Ciências da Comunicação para a Mídia e as Instituições
- Universidade dos Estudos de Parma - Comunicação e Mídia Contemporânea para as Indústrias Criativas
- Universidade dos Estudos de Pavia - Comunicação, inovação, multimídia
- Universidade para Estrangeiros de Perugia - Comunicação internacional, intercultural e publicitária
- Universidade de Pisa - Disciplinas dos Espetáculos e da Comunicação

- Universidade dos Estudos de Roma “La Sapienza” - Comunicação pública e empresarial
- Universidade dos Estudos de Roma “La Sapienza” - Comunicação, tecnologias e culturas digitais
- Universidade dos Estudos de Roma “La Sapienza” - Cooperação internacional e desenvolvimento
- LINK CAMPUS University - Media and Performing Arts - Comunicação e DAMS
- Livre Universidade dos Estudos LUMSA - Ciências da Comunicação, Informação, Marketing
- Universidade dos Estudos de Sassari - Comunicação pública e profissões da informação
- Universidade dos Estudos de Torino - Inovação social, Comunicação, Novas tecnologias
- Universidade dos Estudos de Trento - Interfaces e Tecnologias da Comunicação
- Universidade dos Estudos da Tuscia - Comunicação, tecnologia e culturas digitais
- Universidade dos Estudos de Udine - Relações públicas
- Universidade dos Estudos de Udine - Ciências e tecnologias multimídiais
- Universidade dos Estudos de Urbino Carlo Bo - Informação, Media, Publicidade

Na graduação em Comunicação, o curso é dividido em dois ciclos, o primeiro trienal em Ciências da Comunicação, como vimos, apresentando diversidade na nomenclatura, a título de exemplo, Ciências e tecnologias da comunicação (Ferrara), Ciências Humanísticas para a Comunicação (Firenze), Ciências Psicossociais da comunicação (Milano Bicocca), Linguagens das mídias (Milano Sacro Cuore), Relações públicas (Gorizia).

No segundo ciclo em Comunicação, o curso é bienal e também apresenta nomes distintos entre si, como por exemplo: Semiótica (Bologna), Mídia, comunicação digital e jornalismo (Roma Sapienza), Ciências do Espetáculo e da produção multimídia (Salerno), Estratégias e Técnicas da Comunicação (Siena), Teorias da Comunicação (Torino), dentre outros.

Quanto ao número de inscritos, em todos os cursos de graduação italianos, no Ano Acadêmico 2017-2018 houve 1.088.670 estudantes. A Área Científica encabeça a lista, com 405.049, em segundo lugar a Área Social, com 369.329, em terceiro, a Área Humanística, com 230.107, e, por fim, a Área Sanitária, com 84.185 (MIUR ANAGRAFE, 2019). Para termos

uma ideia de proporção, do quanto representa CdC em relação aos inscritos nos demais cursos universitários de primeiro ciclo (graduação trienal); na Área Social, de um total de 369.329 inscritos no a.a. 2017-2018, Ciências da Comunicação ocupa o 5º lugar entre os 25 cursos, perfazendo 38.270 inscritos, 14.222 homens e 24.048 mulheres (MIUR ANAGRAFE, 2019).

As cinco universidades selecionadas e os sete cursos em Ciências da Comunicação

As cinco primeiras instituições universitárias que inauguraram o curso em Ciências da Comunicação em 1992 (VALENTINI, 2014, p. 205) foram Bologna, Torino, Siena, Salerno e Roma. Conforme indicamos, as universidades foram selecionadas para esta pesquisa pelo tempo de existência e tradição e também pela equidade territorial e diversificações nas filiações teóricas.

Em quatro das cinco universidades, os cursos de graduação, da classe L-20, são denominados Ciências da Comunicação, exceto em Roma Sapienza, que possui três graduações com nomes diferentes entre si e das demais. No Quadro 1 podemos observar os sete cursos rastreados, suas localidades e títulos dos cursos:

Quadro 1 - Universidades fundadoras em Ciências da Comunicação na Itália em 1992

Universidade	Cidade	Localização	Cursos 2018-2019
L'Alma Mater Studiorum Università di Bologna	Bologna (BO)	Norte	Ciências da Comunicação
Università degli Studi di Salerno	Salerno (SA)	Sul	Ciências da Comunicação
Università degli Studi di Siena	Siena (SI)	Centro	Ciências da Comunicação
Università degli Studi di Roma "La Sapienza"	Roma (RM)	Centro	Comunicação, tecnologias e culturas digitais
Università degli Studi di Roma "La Sapienza"	Roma (RM)	Centro	Comunicação pública e empresarial
Università degli Studi di Roma "La Sapienza"	Roma (RM)	Centro	Cooperação internacional e desenvolvimento
Università degli Studi di Torino	Torino (TO)	Norte	Ciências da Comunicação

Fonte: Quadro da autora (2019), com base nos sites oficiais da Università di Bologna (2018), Università degli Studi di Salerno (2018), Università di Siena (2018), Sapienza Università di Roma (2018a, 2018b, 2018c) e Università di Torino (2018).

Acessando o site de cada universidade, observamos um padrão esquemático: Home, Ateneu, Didática, Pesquisa, Internacional, Serviços. Acessamos Didática, Oferta formativa e Graduação.

Outro caminho possível para localizar a página de Ciências da Comunicação em cada universidade é inserir palavras-chave, combinadas com o nome do curso, e, o nome da universidade, nos mecanismos de pesquisa diretamente na web. Na página de CdC, existe um link para *Insegnamenti*, as Disciplinas. Ao clicar sobre Disciplinas, aparece o Plano didático para estudantes matriculados no Ano Acadêmico 2018-2019.

O agrupamento das graduações, nem sempre é alocado sob o mesmo nome ou Departamento, conforme o Quadro 2. Em Torino, por exemplo, as CdC estão em Estudos Humanísticos, em Roma Sapienza, em Comunicação e Pesquisa Social.

Quadro 2 - Departamentos dos cursos em Ciências da Comunicação na Itália

Universidade	Departamento e Escola	Curso L-20
Bologna	Filosofia e Comunicação (FILCOM) / Escola de Letras e Bens Culturais	Ciências da Comunicação
Salerno	Ciências Políticas, Sociais e da Comunicação (DISPC)	Ciências da Comunicação
Siena	Ciências Sociais, Políticas e Cognitivas / Área de Economia, Jurisprudência, Ciências Políticas, Ciências Sociais.	Ciências da Comunicação
Roma	Comunicação e Pesquisa Social (CORIS) / Faculdade de Ciências Políticas, Sociologia, Comunicação.	Comunicação, tecnologias e culturas digitais
Roma	Comunicação e Pesquisa Social (CORIS) / Faculdade de Ciências Políticas, Sociologia, Comunicação.	Comunicação pública e empresarial
Roma	Comunicação e Pesquisa Social (CORIS) / Faculdade de Ciências Políticas, Sociologia, Comunicação.	Cooperação internacional e desenvolvimento
Torino	Estudos Humanísticos / Escola de Ciências Humanísticas	Ciências da Comunicação

Fonte: Quadro da autora (2019), com base nos sites oficiais da Università di Bologna (2018), Università degli Studi di Salerno (2018), Università di Siena (2018), Sapienza Università di Roma (2018a, 2018b, 2018c) e Università di Torino (2018).

Podemos perceber que, os Departamentos aos quais os cursos em Ciências da Comunicação pertencem, em sua maioria, ou seja, cinco dos sete cursos, são denominados Ciências Política e Sociais, os dois demais são Filosofia e Ciências Humanísticas.

Todos os cursos, desde o primeiro nível da graduação, duram três anos, e as disciplinas observadas foram as disponíveis e ativas no site institucional para o Ano Acadêmico 2018/2019, sendo algumas delas repetidas nas turmas, com professores diferentes.

3.4 Instituições, currículos e representações

Na Itália existem 95 instituições universitárias, subdivididas em: 61 universidades estatais, 17 universidades não estatais legalmente reconhecidas, 11 universidades telemáticas e 6 escolas ou institutos superiores de ordenamento especial (CIMEA, 2019).

O sistema italiano de instrução superior é um sistema binário, subdividido em dois grandes setores, institucionalmente e funcionalmente distintos: o setor universitário e o AFAM, “Alta Formação Artística, Musical e Coreútica”.

Os cursos universitários são estruturados por créditos formativos universitários (CFU), que correspondem, normalmente, a 25 horas de trabalho do estudante, incluído o estudo individual. A quantidade média de créditos fixada, convencionalmente, para alunos que estudam em tempo integral é de 60 CFU durante o ano (CIMEA, 2019).

Diferente do calendário brasileiro, a data de início e término do ano acadêmico italiano é de 1º de outubro a 30 de setembro (SENATO DELLA REPUBBLICA, 2019), podendo variar de universidade para universidade, como, por exemplo, o caso de Roma La Sapienza, no qual o calendário do Ano Acadêmico 2018-2019 iniciou em 1 de novembro e terminará em 31 de outubro no ano sucessivo (UNIVERSITÀ DI ROMA SAPIENZA, 2019b).

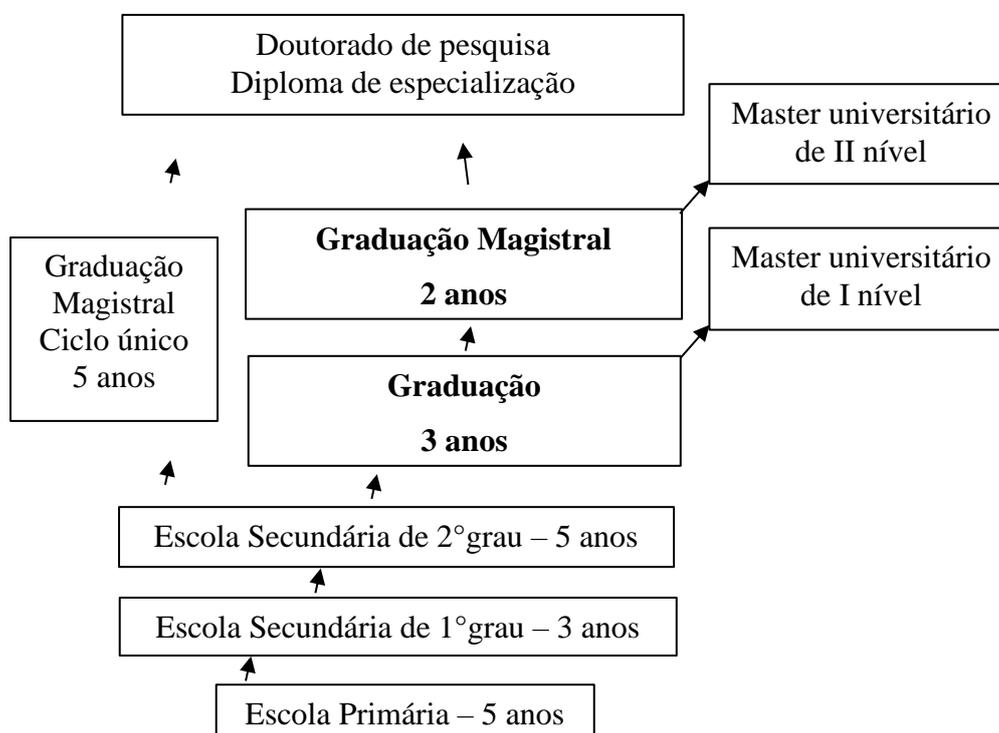
Pelo registro curricular, cada universidade italiana apresenta autonomia na distribuição dos conteúdos e escolha da terminologia, contanto que esteja dentro das regulamentações gerais de créditos e objetivos didáticos estabelecidas pelo MIUR. Por exemplo, em Bologna, há seis disciplinas no primeiro ano, enquanto em Salerno são nove. Ainda no primeiro ano, enquanto Siena dá Teoria e técnicas das comunicações de massa, Torino ensina Teoria e técnica das mídias digitais.

A articulação do sistema universitário italiano acontece em três ciclos conforme mostra a Figura 1 com o Esquema do Sistema universitário italiano (CIMEA, 2019). Cada ciclo, correspondente a um determinado título acadêmico, que permite avançar nos níveis de estudo, acessar concursos públicos e ingressar no mundo profissional.

O primeiro ciclo tem como pré-requisito a conclusão da escola secundária e é denominado Graduação (*Laurea*), com a duração de três anos, e confere a titulação de “Doutor”. No segundo ciclo, é a Graduação Magistral (*Laurea Magistrale/specialistica*), com duração de dois anos e, confere a titulação de “Doutor magistral”.

Alguns cursos desenvolvem um “ciclo único”, com duração de cinco ou seis anos, como por exemplo, Jurisprudência, Farmácia, Medicina, Odontologia, Arquitetura e Engenharia.

Figura 1 - Esquema do Sistema universitário italiano



Fonte: CIMEA (2019)

O sistema acadêmico italiano prevê disciplinas obrigatórias e as optativas, o estudante pode escolher de acordo com seu interesse. Ao tabularmos as disciplinas dos sete cursos pertencentes às cinco universidades, decidimos não as separar, para ter uma visão ampla do conteúdo ensinado no curso, além de possibilitar o contato com todos os professores, não somente especializados em comunicação, afim de recebermos informações panorâmicas.

Em linhas gerais, identificamos, em cada um dos três anos da graduação, alguns agrupamentos disciplinares possíveis, por proximidade e recorrência. O exercício de agrupar disciplinas nos ajudou a perceber concentrações, dúvidas sobre as fronteiras e isolamentos. Para saber quais disciplinas fazem parte desses agrupamentos, ver Anexo A, Anexo B, Anexo C, Anexo D, Anexo E, Anexo F e Anexo G.

No primeiro ano, as disciplinas históricas prevalecem, seguidas da Psicologia, Linguística e Sociologia. As Teorias vêm acompanhadas pela Técnica e a Semiótica aparece no primeiro ano da graduação em Bologna, Salerno, Siena.

As disciplinas semióticas, aparecem distribuídas ao longo do triênio, em quatro das cinco universidades, com exceção de Roma Sapienza, na qual as disciplinas sociológicas são fortemente trabalhadas, derivadas da herança histórica na formação do curso naquele ateneu.

Os **agrupamentos disciplinares do 1º ano em CdC**, nas cinco universidades italianas, no a.a. 2018-2019, são os seguintes:

Comunicação

Geografia da Comunicação

Comunicação visual e publicidade

Ciência política e comunicação

Teorias

Teoria e técnicas das comunicações de massa

Teoria e técnica das mídias digitais

História

História da Comunicação de massa

História Contemporânea

História política, social e cultural da idade contemporânea

História e método das Ciências Sociais

História das doutrinas políticas

História da modernização

História do cinema

Linguística

Linguística

Linguística geral

Língua estrangeira (inglês)

Literatura italiana contemporânea

Língua e tradução inglesa

Psicologia

Psicologia Cognitiva e Ergonomia

Psicologia social e da comunicação

Psicologia da comunicação

Psicologia geral

Psicologia geral e da comunicação

Sociologia

Sociologia da Comunicação

Sociologia e Metodologia da Pesquisa social

Sociologia dos processos culturais e comunicativos

Instituições de sociologia e comunicação

Informática

Laboratório de informática

Informática aplicada

Informática e tecnologias da comunicação digital

Mídias

Mídia e comunicação

Antropologia das mídias

Entender as mídias

Direito

Direito público, da informação e da comunicação

Direito privado da Comunicação

Fundamentos

Introdução à Comunicação política

Fundamentos das Ciências sociais

Semiótica

Semiótica

Outras disciplinas

Filosofia da ciência e dos processos decisórios

Organização empresarial

Economia e gestão das empresas

Macroeconomia e economia das empresas

Macroeconomia

Economia política

Culturas políticas

Geografia econômica e política

Etnologia e antropologia cultural

O segundo ano dos cursos de CdC, conforme a lista dos agrupamentos disciplinares a seguir, reforça a quantidade e qualidade dos estudos históricos e sociológicos, em seus vários desdobramentos em relação à comunicação, cultura, política, jornalismo e contemporaneidade.

Há um aprofundamento das tipologias da Semiótica pelas novas mídias, imagem e linguagens, e, trabalham-se matérias do Direito, principalmente nas universidades de Siena e Roma Sapienza. As disciplinas metodológicas centralizam-se no segundo ano, com exceção de Bologna, trabalhada desde o primeiro.

Os **agrupamentos disciplinares do 2º ano em CdC**, nas cinco universidades italianas, no a.a. 2018-2019, são os seguintes:

Teorias

Teorias da comunicação e das novas mídias

Fundamentos de economia política

Ciência da política

Teoria da narração

Telecomunicação e teorias das redes

Teoria e história da cenografia

Teoria e história da televisão

História

História contemporânea 2

História do Jornalismo

História contemporânea e conflitos sociais

História do cinema italiano

História do Ressurgimento

História do *Ottocento* e do *Novecento*

História da civilização musical

Sociologia

Sociologia da comunicação

Sociologia dos processos culturais

Sociologia das mídias e *internet studies*

Sociologia visual

Sociologia do ambiente e do território

Sociologia da política

Sociologia das instituições e da mudança

Linguística

Linguística 2

Fundamentos da linguística histórica

Sociolinguística

Linguística geral

Italiano institucional

Língua inglesa I

Língua espanhola

Semiótica

Semiótica

Semiótica das novas mídias

Semiótica e Storytelling

Semiótica da imagem

Ciências semióticas do texto e das linguagens

Filosofia

Filosofia da linguagem

Filosofia e ciência política

Estética

Filosofia da linguagem

Filosofia da mente

Metodologia

Metodologia e técnica da pesquisa social

Metodologia da pesquisa social

Métodos de pesquisa para a comunicação

Fontes e ferramentas estatísticas para a comunicação

Direito

Direito da informação e da Comunicação

Direito da Comunicação

Direito público e comparado

Direito internacional

Técnicas

Técnicas quantitativas para a Comunicação e o Marketing

Técnicas da Comunicação Interpessoal

Direção de vídeo

Técnicas do ator

Mídia

Mídia e comunicação (online)

Opinião pública, mídia e interação europeia

Cinema e comunicação audiovisual

Psicologia

Psicologia da narração

Psicologia cognitiva

Psicologia social pela paz e pelo desenvolvimento

Analíticas

Análise das linguagens televisivas

Análise dos textos jornalísticos

Análise de dados para a comunicação

Informática

Informática Humanística

Informática e pensamento computacional para as ciências humanas e sociais (online)

Informática geral

Jornalismo

Jornalismo e novas mídias

Comunicação Jornalística

Economia

Economia do desenvolvimento

Sistemas socioeconômicos

Outras disciplinas

Editoria multimídia e digital

Inteligência artificial, *problem solving* e web semântico

Antropologia cognitiva

Interação homem-máquina

Ciência da opinião pública

Estatística

Fundamentos de economia política

Demografia

Animação teatral

Crítica teatral

O mundo contemporâneo e as suas transformações

No terceiro ano, conforme listagem subsequente, as disciplinas mais trabalhadas são as históricas, literárias e os laboratórios. As teorias e a semiótica oferecem uma quantidade considerável de derivações, como a Comunicação, a Linguística, as Técnicas. Esse volume de variações pode indicar que, se o aluno em Comunicação superou os primeiros dois anos, teria repertório para organizar o estudo diante do incremento informacional com maior densidade.

Os **agrupamentos disciplinares do 3º ano em CdC**, nas cinco universidades italianas, no a.a. 2018-2019, são os seguintes:

Teorias

Teoria e técnica da comunicação pública

Estética e teoria da imagem

Teoria e técnica da escrita

Indústria cultural e *media studies* – Laboratório de análise dos produtos culturais

Teoria e técnicas da televisão

Teoria da narração

Comunicação

Comunicação de empresa

Percepção e comunicação gráfica

Publicidade, comunicação e consumo

Comunicação pública

Comunicação visual

Literatura

Literatura italiana contemporânea

Literatura italiana

Literatura, arte e comunicação

Literatura contemporânea

Análise do texto literário contemporâneo

Literatura francesa

Literatura para jovens

Literatura espanhola

Literatura alemã

Língua e Literatura anglo-americanas

Língua e sociedade

Língua e tradição inglesa

Língua em contato

Laboratório

Laboratório de métodos etnográficos e vídeo-análise

Laboratório de escrita em inglês

Laboratório de técnicas e linguagens do jornalismo

Laboratório de comunicação organizacional

Comunicação empresarial. Laboratório de estratégias publicitárias

Laboratório de escuta musical

Laboratório – Comunicar o cinema

Laboratório de fotojornalismo

Seminários

História

Instituições de História do Cinema

História contemporânea

História do teatro e do espetáculo

História da Filosofia

História do rádio e da televisão

História da Europa oriental

História das relações internacionais

História do cinema

História da Língua italiana (curso avançado)

Semiótica

Semiótica das linguagens musicais e audiovisuais

Semiótica da publicidade

Simbologia e linguagem dos regimes políticos

Linguagens e formatos do cinema e do audiovisual

Semiótica do texto

Semiótica dos consumos

Linguística

Linguística aplicada

Linguística geral

Sociolinguística

Fundamentos da linguística computacional

Geografia linguística

Filosofia

Filosofia da Linguagem

Filosofia e cognição

Filosofia e ciência política

Filosofia da cultura

Técnicas

Produção vídeo e gráfica

Introdução à bases de dados e aos sistemas de informação e web design

Produção e programação de audiovisual

Economia

Economia experimental

Economia da empresa e da indústria

Economia da empresa e da indústria e marketing

Direito

Direito comparado da informação e da comunicação

Direito da propriedade intelectual

Mídia

Midiologias do sistema editorial

Big data, mídias digitais e sociedade

Sociologia

Criminologia e sociologia do desvio

Metodologia

Metodologia e técnica da pesquisa social

Outras disciplinas

Design da interação

Outros conhecimentos úteis para a inserção no mundo do trabalho

Marketing

Estudos estratégicos

Market driven management

Etnologia e antropologia cultural

Tecnologias alimentares dos PVS (países em desenvolvimento) – *Merceologia* dos alimentos

Soft skills

Antropologia da cooperação internacional e dos processos de desenvolvimento

Estratégias para a cooperação

Reunindo os agrupamentos disciplinares dos três anos em CdC nas cinco universidades italianas, notamos que a História tem grande importância, o que é coerente com o patrimônio histórico e cultural da nação. As “Outras disciplinas”, aparecem como a segunda maior concentração, o que revela uma dificuldade em alocarmos as disciplinas noutros agrupamentos de delineamento mais claro, mas, sobremaneira, uma diversidade disciplinar evidente.

Com a terceira maior concentração estão as matérias, classificadas como “Teorias”, como por exemplo: Teoria e técnicas das comunicações de massa, Teoria e técnica das mídias digitais, Teorias da comunicação e das novas mídias, Fundamentos de economia política, Teoria da narração, Telecomunicação e teorias das redes, Teoria e história da televisão, Estética e teoria da imagem, Teoria e técnica da escrita e Teoria e técnica da comunicação pública.

A Sociologia é o próximo destaque, seguida pelo trio de distribuição equânime com a Semiótica, Linguística e a Literatura. A Filosofia apresenta mais disciplinas do que as que possuem “Comunicação” no nome, junto com Economia e Laboratório. As Mídias ficam somente na 12ª posição, junto com Direito e Psicologia. Passa-se por Línguas, Informática e Técnicas para somente depois chegar à Metodologia seguida da Antropologia.

As disciplinas Empresarial, Analíticas e Política ficaram por último, com menos expressividade no currículo disciplinar, assim como Jornalismo.

Frente a esse panorama, lembramos das fases de desenvolvimento do pensamento comunicacional, conforme com L.C. Martino (2006), no período científico (1940-1950), marcado pela Segunda Guerra Mundial, trazendo “várias disciplinas envolvidas com processos comunicacionais de modo geral: psicologia, sociologia, ciência políticas, linguística etc.” (MARTINO, L.C., 2006, p.42), o que persiste na graduação em Ciências da Comunicação italiana, gerada e desenvolvida entre os séculos XX e XXI.

A consolidação dos **agrupamentos disciplinares relativos aos três anos em CdC**, nas cinco universidades italianas, no a.a. 2018-2019, são os seguintes:

- História (23)
- Outras disciplinas (14)
- Teoria (13)
- Sociologia (12)
- Semiótica (11)
- Linguística (11)
- Literatura (11)
- Filosofia (10)
- Comunicação (9)
- Economia (9)
- Laboratório (9)
- Mídias (8)
- Direito (8)
- Psicologia (8)
- Língua (7)
- Informática (7)
- Técnicas (7)
- Metodologia (5)
- Antropologia (4)
- Empresarial (3)
- Analíticas (3)

- Política (3)
- Jornalismo (2)

Quanto às representações dos docentes sobre a comunicação, as nuances do campo aparecem por concepções fragmentadas, contradições e poucos critérios. Se como diz Felinto (2011, p.3), “[...]a comunicação não pode ser apenas - ainda que em boa parte reconhecidamente o seja - aquilo que a comunidade de pesquisadores *pensa que ela é*”, em que grau o pensamento comunicológico, definido pelo campo, é capaz de organizar um domínio do saberes, articulando teoria, conceito e prática para produzir conhecimento ensinando?

Considerando os ingredientes das representações, na magnitude do caso estudado, leva-se em consideração o cruzamento do social com o psicológico como apontado por Moscovici (2015), em vez da radical separação entre individual e coletivo, postulado pela sociologia durkheimiana:

O que é uma sociedade “pensante”? Essa é a nossa questão é isso que nós queremos observar e compreender, através do estudo (a) das circunstâncias em que os grupos se comunicam, tomam decisões e procuram tanto revelar, como esconder algo e (b) das suas ações e suas crenças, isto é, das suas ideologias, ciências e representações (MOSCOVICI, 2015, p. 43).

Embora o binário sócio-psicológico, proposto por Moscovici (2015), seja adequado para lidarmos com as representações sociais, o componente comunicacional adiciona um prisma estratégico à análise dos resultados. No “cisma” entre docente/indivíduo e instituição/social, por exemplo, a autonomia de cada elemento é relativa, pois enganchada pelas diretrizes institucionais, indicando antinomia em vez de colaboração para um objetivo comum.

O saber comunicacional na Itália, com suas crenças e hábitos, instituiu as Ciências da Comunicação e pode ter assumido uma das duas possibilidades que L.C. Martino (2006) indica, após o impacto da tendência marxista, no pensamento europeu dos anos 1950 a 1970: o de se “entrincheirar nas pesquisas de outras disciplinas, para garantir a cientificidade da investigação” (MARTINO, L.C., 2006, p.39)

O título do curso “Ciências” parece rotular, sem muito critério, ciências de origens diferentes, pouco ou nada atingindo os “fenômenos comunicacionais”, como chama atenção L.C. Martino (2006, p. 39), indicando generalidade e imprecisão.

Percebemos situar a ideia de campo da Comunicação na Itália, como em um momento indeciso entre duas posições postuladas por L.C. Martino (2006), que passam pela

interdisciplinaridade: a comunicação como contribuição das várias disciplinas, principalmente a Sociologia e a Linguística; ou, um tipo de autonomia que a atira para fora desse espaço, para além dele, por exemplo, associando Comunicação como sinônimo de Semiótica, o que é um equívoco, pois um dos modos de ver a comunicação, que ganhou força em um território, não se torna, ela mesma a Comunicação. A Comunicação, no campo acadêmico italiano, é um saber que estuda um objeto “óbvio”, por meio de outras disciplinas de tradição universitária consolidada, mas também, perpassa todas elas e por isso, lhes recorre.

4 A TEORIA DA COMUNICAÇÃO NA VOZ DOCENTE

4.1 Resultados, categorias e análise

Apresentadas as etapas metodológicas e percorrida à gênese do campo institucional das Ciências da Comunicação na Itália, discriminado o campo teórico-epistemológico, rastreado o currículo e a estrutura acadêmica do curso de graduação; apresentamos, a seguir, os resultados e análise das representações docentes.

Essas representações, coletadas nas respostas ao questionário enviado aos docentes, geraram categorias que chamamos de Divisões Temáticas (DT). São elas: DT1- Não sou da Comunicação (o (des)pertencimento), DT2 - Conceitos de Comunicação, DT3 Referencial teórico (as teorias), DT4 - Diretrizes Institucionais e DT5 - Discussão com os pares.

Para visualizarmos as proporções das respostas, de acordo com cada divisão temática (DT), na Tabela 2 observamos as quantidades de conteúdo, o número total e percentual.

Tabela 2 - Divisões temáticas das respostas dos professores italianos em CdC

DT1 Não sou da Comunicação	DT2 Conceitos de comunicação	DT3 Referencial teórico	DT4 Diretrizes institucionais	DT5 Discussão com os pares
14 conteúdos	25 conteúdos	18 conteúdos	7 conteúdos	9 conteúdos
29 sub-ítems	nenhum	nenhum	nenhum	nenhum
4 info extras	nenhum	3 info extras	nenhum	nenhum
47 conteúdos	25 conteúdos	21 conteúdos	7 conteúdos	9 conteúdos
43%	23%	19%	7%	8%

Fonte: Categorização da autora (2019), com base nas respostas docentes aos questionários.

Ao apresentarmos os resultados, as categorias e a análise, selecionamos os conteúdos mais significativos da amostra, em cada uma das cinco Divisões Temáticas, de modo a observar com parcimônia os indícios relevantes, que subsidiaram as reflexões aproximativas ao problema da pesquisa. Portanto os números de conteúdos, subitens e informações extra não correspondem à exatidão numérica dos tópicos desse trabalho pois são extratos parciais.

DT1 - Não sou da Comunicação: o (des)pertencimento

O conteúdo que apareceu com maior frequência, 43% do total, extrapola a literalidade das perguntas do questionário, indicando o não pertencimento à Comunicação.

Este grupo foi nomeado **DT1 (Não sou da Comunicação)**, no qual emergiram **14 conteúdos, 29 subitens** e 4 outras informações, totalizando 47 conteúdos.

Os docentes que disseram ensinar outra disciplina, e não Ciências da Comunicação (24), lecionam Semiótica, Videoarte, arte e tecnologia, História das relações internacionais e História da integração europeia, Antropologia da Cooperação internacional, História, Inglês, Geografia econômica, Informática, disciplinas teatrais, Sociologia, Filosofia, História da Língua Italiana, Línguas, História do rádio e da televisão, séries televisivas.

Outras respostas que reiteram o despertencimento à Comunicação foram: não ensinar comunicação, se ocupar de problemas de projeção e pesquisa empírica, cursos esporádicos como exceção (Literatura italiana), curso não específico em Ciências da Comunicação.

Em segundo lugar, com 17 respostas, os docentes sugeriram contarmos outros professores ou responsáveis pelo curso, incluindo coordenadores. Já 8 docentes, mesmo dizendo não pertencer à Comunicação, se propuseram a responder ao questionário.

Alguns professores (5) responderam não poderem participar da pesquisa, pois atuam “por contrato”, ou seja, um docente que colabora com a universidade, recrutado por exigências didáticas específicas, em um determinado período, mas que não faz parte do pessoal efetivo. Um deles, informou ter ensinado somente 36 horas este ano, para substituir um colega; e, outro, decidiu responder ao questionário, com um alerta sobre a questão contratual.

O curso *mutuado* (emprestado) de outro departamento, alcançou quatro respostas, justificando o não pertencimento à Comunicação. São eles: Cinema, DAMS, Linguística Aplicada, Letras e Sociolinguística e História das ciências históricas. Houve também a indicação de pertencimento a outro Departamento (2), como o de Estudos Humanísticos e Cultura, e a disciplina de Literatura do Mundo Moderno.

Analisando a **DT1 - Não sou da Comunicação**, nota-se uma larga vantagem para o ensino de outra disciplina, o que, examinado no detalhe, evidencia a presença de disciplinas que, ao nosso ver, teriam proximidade com a Comunicação; por exemplo, a Semiótica ou História do rádio e da televisão.

Estar “dentro” ou “fora” do campo da Comunicação demarca fronteiras que implicam na existência do próprio campo. A representação majoritária anunciada pelo corpo docente

como “não pertencente”, recebe a imediata contrapartida em “pertencer” a outro campo, e, deste modo, delimita sua fronteira. Essa delimitação, no caso acadêmico italiano, é fortemente assinalada pela departamentalização e pelas separações disciplinares. Esse é o aspecto funcional mais aparente sobre o pertencimento, todavia, é preciso considerar que:

[...]há uma normatividade cognitiva que emerge do campo, que atravessa as dimensões funcionais e estratégicas, seu compartilhamento simbólico e a busca da objetividade científica. É claro que, numa dialética, cada uma dessas dimensões também atravessa a episteme em construção nas zonas de pertencimento ao campo (FERREIRA, 2003, p.3).

Recusar-se a responder a respeito de um campo, enquanto se atua no ensino dele, envolve um lugar de fala ligado ao conceito de competência, decorrente da especialização e da “aplicação” dos saberes ao mercado de trabalho, sendo o professor, um trabalhador vinculado a uma instituição e suas regras.

Da sorte que ensinar disciplinas pertencentes a campos que se preferem distintos da Comunicação (embora essa os acolha para fazer parte dela), não ter um contrato como professor efetivo, atuar em cursos “emprestados” por um outro Departamento, estabelece um interposto que desautoriza o docente a falar sobre um campo estando nele, o da Comunicação, e que não lhe basta a atuação para reconhecê-lo como seu.

A minha disciplina é sociologia e não ‘ciências da comunicação’. Na Itália não existe uma disciplina com este nome. É o nome de um curso de graduação no qual ensinam professores de muitas disciplinas - da sociologia à semiótica, da psicologia ao direito e à história. Eu pessoalmente, nem sequer me ocupo de sociologia da comunicação, mas de sociologia geral e de sociologia cultural. (Virgilio De Cillia)

O pertencimento disciplinar impõe restrições segundo a hierarquia departamental, sobreposta à própria formação em Ciências da Comunicação. O que conta é a nomeação para a qual o professor foi estritamente designado, por exemplo, ainda que uma disciplina como a Sociologia da comunicação pudesse ser aventada, outras vertentes da sociologia, a Geral e a Cultural, sobressaem.

O ensino da disciplina História da Rádio e da Televisão junto com o estudo das séries televisivas, não indicaram pertencimento à Comunicação, mais ligada, ao menos nessa amostra, a um cargo institucional específico, com a coordenação do curso em Ciências da Comunicação.

Embora eu tenha me formado em Ciências da Comunicação na Universidade de Bologna, há anos trabalho no Departamento de Artes e ensino nos cursos de Graduação Trienal em DAMS (Disciplinas de arte, música e do espetáculo) e Magistrais em Cinema, Televisão e Produção Multimídia. (Gabriella Rossi)

A Semiótica é uma disciplina com presença recorrente nos cursos em Ciências da Comunicação, em todas as universidades estudadas, ou seja, Bologna, Salerno, Siena, Roma e Torino. A única exceção foi o curso de Cooperação internacional e desenvolvimento, sediado na Universidade de Roma.

Já dizia Sodré (2012a, p.19) que semi logos italianos como “Umberto Eco e Paolo Fabbri pontificavam nesse campo”, e que, a adesão a essa  tica na Itália, França ou Europa em geral pressupõe “que um sistema de comunica o   sempre análogo   linguagem humana”.

Apesar de essa analogia   linguagem fomentar uma ideia de equipolência ao conceito de comunica o, há uma divergência de posicionamentos, entre Semiótica e Comunica o, por parte dos professores. Três docentes associaram a Semiótica   Comunica o como sin nimo, enquanto uma professora que ensina Semiótica indica clara distin o. Isso significa que, se por um lado, a Semiótica historicamente, nos estudos italianos, foi uma das bases emblemáticas do conhecimento comunicacional, na atual conjuntura acadêmica, ela se reapresenta como sin nimo de Comunica o e pleiteia autonomia:

[...] deve haver um equívoco. Eu sou um estudioso de teatro e ensino disciplinas teatrais há décadas no Departamento de Artes da Universidade de Bolonha. A Semiótica pertence ao meu passado remoto! Sinto muito (Luigia D’Andrea)

[...] Semiótica, que não   propriamente ciências da comunica o. Obviamente, nos muitos cursos, lida-se com diferentes temáticas inerentes   comunica o, de diferentes pontos de vista disciplinares. Aquela prevalente no entanto,   a orienta o semiótica. (Clelia Costa)

A existência de propriedades específicas que distinguem “Semiótica” de “Comunica o”, reivindica autonomia com teorias próprias e uma imagem institucional mais forte, no entanto, o lastro histórico da Semiótica italiana ainda se confunde com o próprio estudo da comunica o.

A Filosofia, aparece com enquadramento ensimesmado, não dialogando com os problemas da comunicação, como se esses problemas (quais problemas?) não atingissem o nível elevado do estatuto filosófico para discussões onto e epistemológicas de seus objetos.

[...] me ocupo propriamente das questões filosóficas, ligadas à relação entre ontologia e epistemologia, que não estão diretamente conexas aos problemas da comunicação. (Cecilia D'Este)

Talvez seja o caso de começar com o nome do curso de graduação em CIÊNCIAS da comunicação. CIÊNCIAS no plural: por isso um curso de graduação que integra as ferramentas e as metodologias das disciplinas - diferentes ciências - que confrontam e colaboram no uso de suas próprias ferramentas no terreno comum do estudo da comunicação. (Fulvio Faraggiana)

A justificativa para “Ciências”, no nome do curso, deixa de lado o adjetivo possessivo que indica pertencimento, o “da Comunicação”, para significar, sob a visão docente, uma reunião instrumental de outras disciplinas. Seria uma Comunicação composta pelas várias “Ciências” e não o contrário. A relação entre “as outras” Ciências e a Comunicação é assimétrica, mesmo que haja alguma indicação de terreno comum de estudo.

Sobre os objetos que costumam figurar nos estudos brasileiros, como sendo “da Comunicação”, conforme podemos apurar, nos últimos cinco anos, em trabalhos apresentados nos GTs de Estudos de Som e Música e também Estudos de Televisão na Compós, contrariamente, no discurso italiano, esses mesmos objetos não são vistos plenamente como pertencentes à Comunicação:

[...] eu não me ocupo de comunicação, mas de videoarte, videoclipes musicais, newmedia art, cinema digital, animação e computação gráfica. Em suma, trato das relações entre arte e tecnologia, por isso algo que lida apenas parcialmente com a comunicação, mas mais com a expressão artística e a utilização de tecnologias. Sinto muito, saudações cordiais. (Aldo Leoni)

Uma parte dos professores, autodenominados “não pertencentes” à Comunicação, decidiram responder às perguntas, o que nos trouxe um perceptível descolamento do comprometimento para com a disciplina. Isso proporcionou uma certa liberdade para exprimir críticas, discordância ou acentuar diferenças institucionais ou metodológicas entre os campos.

Respondo suas perguntas com grande prazer, mas é necessário pressupor que, mesmo lecionando em um departamento de Comunicação e Pesquisa Social, no qual a palavra Comunicação está contida na epígrafe, eu lido com a sociologia e, acima de tudo, com a metodologia da pesquisa social. Lhe faço a premissa de que eu sou muito

crítico em relação a este setor de estudos, de como eles são propostos no departamento ao qual eu pertença. (Ermelindo De Ponti)

[...] embora eu não seja uma socióloga da Comunicação, mas uma socióloga geral (na Itália os setores disciplinares são diferentes: a comunicação é o setor SPS/08, enquanto a Sociologia geral é o SPS/07), tentarei responder às suas perguntas. (Gianfranca Faè)

A segunda resposta mais frequente foi a indicação de nomes de colegas, de outras disciplinas, consideradas mais centrais, segundo a oferta didática, ou, superiores que presidem o curso em Ciências da Comunicação, como, Coordenadores ou Presidentes dos cursos.

A disponibilidade em colaborar, solidarizando com a pesquisadora para fazer encontrar o referente adequado, setorizado e legitimado a falar sobre o assunto, desvela uma esquivia. A passagem de um responsável a outro, mostrou que o problema é assumido, parcialmente, por poucos expoentes do grupo.

Seja nesta divisão temática como nas seguintes, a questão contratual é logo colocada como anteparo à participação na pesquisa, condição vinculante pontual e não efetiva junto à instituição. Lembrando que o trabalho “precário”, em língua italiana, se refere a uma condição de insegurança, incerteza e instabilidade profissional.

[...] sou uma docente "por contrato", ou seja, uma professora precária que com a Universidade de Bologna tem uma relação de trabalho apenas para esta disciplina e não um trabalho de colaboração estável. (Cesira Floreanini)

Em meio às justificativas para não responder ao questionário, apareceram também a demasiada complexidade nas perguntas e o requerimento de indicações precisas tanto para a forma quanto para o conteúdo. Perguntar sobre comunicação e seus parâmetros causam constrangimentos de várias ordens, mas em alguns casos, o evitamento levou as perguntas abertas a fecharem-se:

Responderei com prazer às suas perguntas, mas você deve me dizer como: quantas linhas, por exemplo, ou outro. assim, é impossível ... (Paolo Bianchi)

Muito prazer em conhecê-la, eu a ajudaria de bom grado mas as perguntas que você faz são muito complexas, elas precisam ser enquadradas, e respondê-las por escrito é muito dispersivo. Desculpe (Ofelia Garelli)

A setorização departamental e disciplinar encabeça o motivo de não pertencimento à Comunicação pelos docentes italianos, como obstáculo racionalmente apoiado na lógica da

estrutura institucional. Ou então, funciona como ressalva, para eximir o parecer individual assumindo-se como não especializado do campo e, portanto, aquele que não pode representá-lo.

Embora o despertencimento seja o aspecto mais declarado, o essencial para o pensamento comunicacional buscado foi a equivalência da Comunicação com: a) Semiótica e, b) Mídia. A herança da Semiótica, principalmente na Universidade de Bologna e da Sociologia na Universidade de Roma Sapienza e, a associação entre Comunicação e Mídia, ligada à noção dos meios de comunicação de massa, como fenômeno a ser estudado pelo campo.

A ideia, assim como em L.M. Martino (2008, p.111), “não é observar o campo “de fora”, com a ilusão, tantas vezes cultivada, de ser o único indivíduo objetivado e capaz de ter uma visão panorâmica”.

A desilusão subjetiva faz percorrer o avesso do campo, ouvindo as vozes do silêncio de quem a ele não se vê pertencente, ou, como as disciplinas enxergam a Comunicação, situando-se protocolarmente fora dela, mas fazendo parte inexorável de sua pedagogia.

Fazer parte do ensino em Ciências da Comunicação na Itália implica na escolha das teorias e conceitos a serem trabalhados em sala de aula, nas conversações com os colegas, lidando com matrizes institucionais, questões que analisaremos nos tópicos conseguintes.

DT2 - Conceito de comunicação

O segundo grupo de respostas foi nomeado **DT2 (Conceitos de comunicação)** e o agrupamento dos conteúdos gerou **25 divisões**, o que correspondeu a 23% do total.

A maioria das respostas (21) indicou uma série de conceitos de comunicação trabalhados pelos docentes, nas próprias disciplinas. Os demais professores, não entenderam a pergunta (4), ou expuseram dificuldade em definir conceitos de comunicação (2), ou, afirmaram que os conceitos de comunicação não são o eixo de sua disciplina (2).

As **principais representações dos conceitos de comunicação**, apresentadas pelos docentes em CdC, nas cinco universidades italianas estudadas, foram:

- Modelos produtivos ligado à informação, papel e função do jornalista
- Opinião pública, efeitos das mídias, avaliação da eficácia das mensagens
- Linguagem como prática social, códigos

- Comunicação e língua, comunicação animal e humana, língua e legibilidade
- Pragmática lingüística (Grice, Austin, Strawson).
- Comunicação como verificação do inesperado
- Ecosistema editorial, crossmedialidade e hibridação
- Cinema, Televisão, Meios audiovisuais na relação com outras disciplinas
- Linguagem como capacidade cognitiva e pragmática
- Gramática das cenas visuais (do marketing às artes pictóricas e ao cinema)
- Clássicos como Innis, McLuhan, Lasswell e web 2.0 como O'Reilly
- Direito da informação e da comunicação
- Codificação e descodificação, cultura de massa, recepção cultural, indústria cultural
- Mídia e novas mídias, *Critical media studies*, design, transmedialidade, convergência medial, relação entre texto, autores e públicos
- Economia política das mídias, Crossmedialidade, extensão editorial, paratexto
- Sociolinguística, música e comunicação política
- Conceito de notícia, conceito de opinião pública, liberdade de imprensa, pluralismo
- Comunicação como interação no diálogo e como objeto/possibilidade de interpretação (hermenêutica)
- Opinião pública
- Semiótica
- Dimensão pragmática
- Estudos de audiência, *Diffused audiences*
- Abercrombie e Longhurst
- Comunicação a 360°
- Mobilidade social, migrações e gênero

A diversificação no entendimento docente, a respeito do conceito de comunicação trabalhado em sala de aula, representado na **DT2 - Conceito de comunicação**, não garante que o conceito indicado é aquele efetivamente trabalhado, mas é relevante verificar aqui, qual é a representação docente, e o que esta significa na relação com as demais variáveis do problema.

Considerando todas as disciplinas do curso e seus professores, é compreensível que as teorias ensinadas em “Organização empresarial” difiram do arcabouço teórico da “Antropologia cognitiva”, mas o mais importante é saber se o conceito de comunicação em

alguma medida coincide, ou se há uma linha lógica entre disciplinas, o que pouco se concretizou.

As conceituações em comunicação também foram distintas entre professores de mesmas matérias, em universidades diferentes, como, por exemplo, Linguística em Bologna, Salerno, Siena ou Torino, o que assinala uma disparidade no entendimento do que é comunicação, mesmo dentro de uma disciplina, nos vários territórios institucionais.

Supõe-se que, quem leciona em um curso de Ciências da Comunicação tenha uma definição, senão de *Ciências*, pelo menos de *comunicação*. Para pesquisar ou ensinar uma disciplina, em determinada ciência, os conceitos são ferramentas fundamentais, afinal, “sem eles, não sabemos para onde olhar, o que procurar, ou como reconhecer o que estamos procurando quando o encontramos” (BECKER, 2007, p.146).

As respostas sobre o conceito de Comunicação, alcançou a maior variação de respostas dentre todas as divisões temáticas, perdendo apenas para o “não pertencimento”.

Do total, mais da metade (67%) indicaram quais conceitos de comunicação trabalham em suas disciplinas, o que demonstra um esforço tentativo de definição por parte dos professores, embora muito diferentes entre si.

Dos 33% restantes, 2 mencionaram a opinião pública, 2 expuseram a dificuldade em definir o conceito de comunicação e 2 afirmaram que este conceito não é o eixo de suas disciplinas. A concordância (4) foi não entender a pergunta.

Partindo de uma das representações de “não entendimento” sobre a questão dos conceitos, podemos pensar na publicação do assunto em bibliografia especializada como um modo de valorizar o estudo da área:

Não entendi a pergunta. Como faço para definir "os conceitos de comunicação" em uma entrevista por email? Seria necessário um livro. Eu escrevi vários sobre assunto. (Settimia Terenziani)

Mas por que o espaço da publicação não pode coexistir com uma predefinição que seja possível de comunicar por e-mail? Haveria uma complexidade intangível dado o caráter breve da escrita no correio eletrônico e, conseqüentemente, atingível única e exclusivamente pelo texto exaustivo do livro? Pena não podermos encaminhar a pesquisa nesta senda, seria interessante descobrir como essas publicações definem os conceitos de comunicação.

As Ciências da Comunicação na Itália sofreram fortes críticas públicas, em programas televisivos de destaque, em 2009 e 2011, por parte do jornalista e âncora jornalístico Bruno

Vespa, e, da então Ministra da Escola e da Universidade, Maristella Gelmini (RIVISTA DI SCIENZE SOCIALI, 2012).

Não entraremos aqui no mérito do assunto, mas é cabe lembrar que, tanto a noção de complexidade quando o reducionismo, envolvem as representações das Ciências da Comunicação italiana, na relação com a historiografia do conceito de comunicação.

Já afirmava L.C. Martino (2005, p.11) que, em certo período, “a palavra de ordem passa a ser a complexidade e o pensamento científico passa a ser rejeitado e tomado como alvo de pseudo-críticas”.

As respostas que denotam “obviedade” nas representações do conceito de comunicação agem como se fosse desnecessária a definição, pois todos sabem, e, como mostra L.C. Martino (2001, p.12), “definir comunicação é uma tarefa muito fácil, que se complica bastante se nos afastarmos de nossa ideia intuitiva”. Essa complicação fica mais difícil de ser trabalhada, com a falta de clareza entre disciplina e objeto e entre conceito e tema:

Esta questão também não está claríssima para mim. Você quer saber exatamente os conceitos (por exemplo: medium, mensagem, publico, canal, etc.) ou os temas. Sobre os primeiros a resposta é óbvia porque os conceitos em senso lato são os tijolos de uma disciplina (se eu me ocupasse de geometria os conceitos de referência, entre os muitos, seriam os de cosseno, de ângulo e assim por diante). Sobre os segundos, me ocupo principalmente de sociolinguística, música e comunicação política. (Fernanda Zanetta)

Pesquisar cientificamente, como pretendemos nesta dissertação, ou ensinar uma disciplina, como os docentes italianos em Ciências da Comunicação, requer especificação de termos essenciais ao entendimento, o que não significa fixar uma palavra ou conceito, especialmente os fenômenos da comunicação. Como sugere Felinto (2011, p.12), “não existem nem a “comunicação” nem o seu campo como processos acabados e atemporalmente definidos”.

Entre essas três posições: especificação de partida, fixação de conceitos e visão das reconfigurações, nenhuma delas é contemplada pela representação italiana, que por vezes privilegia a temática dos meios, tratados por teorias de disciplinas humanísticas outras, que não a comunicação propriamente.

Não sei o que você quer dizer com "conceitos de comunicação". Tanto no campo da pesquisa científica quanto naquele da didática, sempre privilegiei os temas do setor de Cinema / Televisão / Audiovisual que permitiam estabelecer relações com outras disciplinas (Teatro, História, Literatura, Arte Figurativa, Sociologia, Antropologia, Ciência da Computação, etc). (Cleonice Tonelli)

Em resumo, as respostas sobre que conceitos de comunicação, trabalhadas pelos docentes em CdC na Itália, podem ser agrupadas e analisadas de acordo com as seguintes categorias:

1. *Conceitos importados de outras disciplinas* como a Linguística, o Jornalismo, a Sociologia, o Direito, a Semiótica. Considerando que cada docente leciona uma disciplina, os conceitos apontados estão diretamente relacionados aos próprios campo de estudo;

2. *Conceitos no binômio “comunicação” e “segmentação”*: Comunicação e língua, Diferenças entre comunicação animal e humana. Comunicação e língua traz no título, a comunicação como primeiro termo da expressão denotando prioridade em relação ao segundo termo clássico da Linguística, a língua.

3. *Estudos clássicos e contemporâneos de mídia* desde o funcionalismo até tendências atuais: Efeitos das mídias, avaliação da eficácia das mensagens, Cultura de massa, Indústria cultural, Cinema, Televisão, Meios audiovisuais, novas mídias, convergência, crossmedia, transmidialidade;

4. *Comunicação como interação e método*: diálogo, interpretação e verificação. Aqui a comunicação é vista como mediadora e ao mesmo tempo como instrumento de interpretação, ou ainda, como um método probabilístico que verifica eventos imprevisíveis. Uma formulação conceitual centrada na interação e no método, é indício essencial que detecta a existência de um conceito distinto das demais representações docentes pautadas por objetos, nomes de teorias, ou expressões metafóricas consagradas.

As disciplinas como Metodologia da Pesquisa Social recorrem a moldes da Sociologia para munir a pesquisa em Comunicação e parece ser a única disciplina a desenvolver uma reflexividade epistemológica.

5. *Atualidade social e política*: Mobilidade social, migrações e gênero. As situações de emergência migratória na Europa têm sido debatidas constantemente pelo jornalismo, nos meios de comunicação e redes sociais digitais, assim como a questão de gênero, o que torna o assunto de atualidade, circulante na academia e refratada no âmbito disciplinar.

6. *Conceito abrangente*: 360 graus. Dizer que a comunicação está em tudo é o mesmo que esvaziar o seu sentido completamente. Na raiz da mentalidade interdisciplinar, com um holismo indistinto, a comunicação está em todo lugar; e essa onipresença permanece no jargão comum, sem a observância de suas consequências.

O trabalho em sala de aula deve criar condições para o aprendizado dialógico, mas negar que haja predefinições conceituais é um argumento frágil para enfrentar o problema da indefinição relativa à Comunicação. Um relativismo fundado na opinião individual, substitui as bases de um conhecimento comum, e, já prescindir de uma ancoragem na realidade crítica, formulada cientificamente, com o laborioso testar dos métodos.

Não há conceitos predefinidos. Pessoalmente tento, tanto quanto possível, estimular a participação dos alunos nas aulas, promover debates, comparações e analisar juntos os diferentes pontos de vista. (Domenico Mattei)

Docentes de Literatura comparada trabalham conceitos “basilares” de comunicação, mas quais são eles? Não há uma indicação e, assim, subentende-se que se sabem quais são os conceitos de comunicação mais importantes.

Eu ensino uma matéria particular dentro do curso, endereçada além de tudo e também a estudantes de letras, literatura comparada. Portanto os conceitos de comunicação - exceto aqueles basilares - não são o pivô da minha disciplina (Renata Arata)

A instrumentalização do conceito de comunicação, principalmente pela noção de Ciência Social “Aplicada” faz com que o docente indique a função conceitual, o objetivo ou para que o conceito serve, na operacionalização do saber, em vez de apontar sua definição, ou nomear algum indício teórico do conceito trabalhado.

Aqueles que me permitem fornecer aos alunos as noções e as ferramentas necessárias para delinear o quadro de um jornalismo moderno, capaz de lidar com as profundas mudanças nos processos socioculturais, do mercado de trabalho e do mundo das profissões acontecidas nos últimos anos. (Romeo Agostini)

Para Marcondes Filho (2011b), nós só conseguimos nos livrar da tentativa de definir a comunicação por uma ontologia metafísica, das coisas em seu estado mais puro, independente das circunstâncias, “[...] a partir do momento em que vimos a comunicação em seu movimento, em sua mudança, em sua contínua transformação” (MARCONDES FILHO, 2011b, p.6).

Definições com base ontológica não ajudam na pesquisa, pois segundo L.C. Martino (2019, p.15) é necessário articular a dimensão histórica ao conceito de comunicação, ou seja, “[...] é preciso dar-lhes um contexto, entender suas acepções, como estas evoluem com o tempo e com as formas de comunicação” (L.C. MARTINO, 2019, p.15)

O que pudemos notar, em algumas representações dos docentes italianos em Ciências da Comunicação, principalmente relacionados à Linguística, é que, a questão conceitual ou é direcionada para os usos e práticas sociais da linguagem, ou, para um aprendizado da ação mental, sustentáculo para todo e qualquer conhecimento.

Acho fundamental a linguagem como uma prática social, cujos códigos devem ser estudados, tanto para ter uma atitude mais crítica e desmascaradora quanto para poder usar a comunicação estrategicamente. A comunicação não é "um plus" em relação aos pensamentos, um invólucro, mas é a formação dos pensamentos. Aprender a se comunicar significa aprender a esclarecer os próprios pensamentos e construir relacionamentos conscientes. (Elisabetta Anselmi)

Para os docentes em Linguística, o objeto representado é delimitado e sua perspectiva epistemológica o acompanha. Então, se o conceito trabalhado é o da Linguística, onde está, afinal, o conceito de comunicação?

O curso de linguística geral se concentra maiormente sobre a linguagem como a capacidade cognitiva do indivíduo. Existem alguns acenos à dimensão pragmática, que, no entanto, é tratada exaustivamente em outro curso (Semiótica). (Tullia Cantù)

Os professores da área de Linguística que lecionam em Ciências da Comunicação na Itália, definiram o conceito de comunicação em suas disciplinas, das seguintes maneiras:

- Estudo dos códigos
- Uso estratégico da comunicação
- Linguagem como a capacidade cognitiva
- Pragmática linguística (Grice, Austin, Strawson)
- Diferença entre comunicação e língua
- Diferença entre a comunicação animal e linguagem humana
- *Medium*, mensagem, público, canal
- Sociolinguística, música e comunicação política

Notamos, com perspicuidade, uma diferença de abordagem teórica na mesma disciplina, em diferentes anos da graduação, e entre universidades. O essencial está no quê de comunicacional a Linguística trabalha, conceitualmente. Um indício acidental coloca em foco, a diferenciação entre comunicação e linguagem, com a distinção animal-humano, na qual

comunicação é atribuída ao animal e a linguagem, centralidade da Linguística, reservada ao humano.

Para que a Comunicação venha definida como *disciplina*, L.C. Martino (2016, p. 177) indica elementos fundamentais que devem ser coordenados: objeto, conceito de processo e meios, área de conhecimento. Nesse painel, os professores de Linguística apresentam um objeto (a linguagem), que se articula a conceitos de processos (prática social, capacidade cognitiva) e de meios (medium, mensagem), uma teoria (pragmática) e uma área de conhecimento, a Linguística. Então, o que se estuda em Ciências da Comunicação seria prioritariamente a Linguística?

A Semiótica assume lugar de Comunicação com frequência, seja no conceito que nas teorias e, conforme L.C. Martino (2006, p.45), “o problema não seria de uma identificação com outra área, mas a de sua redução a apenas uma corrente teórica do campo”.

O empastamento entre perspectiva e conceito é recorrente, provavelmente pela força histórica com a qual certas vertentes, como a Semiótica, adquiriram hegemonia no campo da Comunicação, principalmente pelo destaque de certos autores como Umberto Eco.

Pudemos identificar três atitudes conceituais apresentadas pelos docentes italianos inquiridos:

a) *Usos da comunicação*. Seja como método, para compreensão dos fenômenos, ditos comunicacionais, também estes, sem qualquer critério crítico de escolha, seja como um instrumento de análise, de objetos verificáveis.

Sou um velho jornalista. A minha é uma atividade de pesquisa: VERIFICAR as coisas. A minha exortação aos estudantes, de fato, se reduzida a isso: "Você nunca chegará à verdade se não estiver disposto a acreditar até naquilo que não espera" ... Ou que não faz parte de sua bagagem de preconceitos. (Edmondo Sensale)

b) *Amplidão irrestrita*. Abordagem panorâmica e superficial, que indica uma série de objetos de estudo, mas não se fixa em nenhum deles, para que haja um aprofundamento; tampouco, uma ponderação a respeito das escolhas e do modo no qual o próprio conceito é produzido ou adotado.

Eu trabalho com o conceito de comunicação mais amplo possível: comunicação de 360 graus. Da comunicação da história através de textos escritos aos filmes, da *public history* à televisão, da música aos quadrinhos, do rádio à publicidade. (Lorenzo Cattaneo)

c) *Suma importância.* Atribui à comunicação a importância de elemento fulcral humano, privilegiando a mensagem, a linguagem e suas funções nas variadas formas, a colocando como referencial e não como objeto de estudo.

Para mim, a comunicação é o elemento fundamental do ser humano, que então encontra várias declinações dependendo do que se quer comunicar e com qual modalidade. Então devemos ter em mente o propósito pelo qual se quer comunicar algo. A comunicação, em qualquer forma ela aconteça, é o referencial constante das aulas. (Lorenzo Cattaneo)

Considerando o caráter introdutório de uma graduação para a vida universitária, é nessa situação que devem ser compreendidos e delineados, os fundamentos das Ciências da Comunicação.

A diversidade teórica, para L.C. Martino (2006), não é uma novidade, mas um fato, no campo comunicacional. O problema, nos conceitos de comunicação dos docentes italianos, está em como essa diversidade é composta. Para compô-la, é necessário analisar como ocorrem as importações de conceitos de outras áreas das Humanidades, principalmente a Semiótica e a Linguística.

Ocorre também, pelo visto, uma formação docente abrangente, que discuta sociedade, política e direito, e uma mínima parte reflexiva e de pesquisa científica, reservada à matéria Metodologia da Pesquisa Social, que conceitua comunicação, tanto como interação quanto como método.

Os conceitos são peças de um quebra-cabeça maior, as teorias. Dos componentes conceituais aos conjuntos teóricos, tentamos identificar as teorias, analisando as referências teóricas e seus critérios, representados pelos docentes, na relação entre a multiplicidade de entendimentos conceituais e motivações para suas escolhas.

DT3 - Referencial bibliográfico: teorias nas Ciências da Comunicação

Quanto ao **DT3 - Referencial bibliográfico**, agrupamos o material em **18 divisões** e outras **3 informações**, perfazendo 19% do volume total dos conteúdos recebidos.

A adoção de manuais foi a resposta mais incidente (12), seguida pelos critérios de escolha da bibliografia introdutória, geral e específica (6), ou guiada pelos cânones clássicos da disciplina, junto com os contemporâneos (5). Outro critério apresentado, foi a escolha do referencial bibliográfico, de acordo com a pesquisa do próprio professor da disciplina (4), há

os que consideram como critério de escolha, a relevância e coerência aos objetivos didáticos da matéria (4), e aqueles que não compreenderam a pergunta (4).

Existem também, os que escolhem o próprio livro ou texto, como bibliografia a ser estudada (3) e os que adotam como critério, a escolha ou atualização pessoal na disciplina (2).

Outros critérios foram apresentados, com apenas um resultado de cada: a fácil compreensão para o estudante, acessibilidade e linguagem técnica adequada, confiabilidade em uma colega autora, originalidade científica, transdisciplinaridade, facilidade de acesso, autoridade da editora, muitas perspectivas, textos claros, mas não superficiais, abordagem interpretativista (hermenêutica) e não objetivista nem tecnicista. Outros (2) indicaram somente o nome do livro e um nos solicitou verificar no site da universidade.

As informações extras, dentro desta temática, foram uma explicação sobre o método avaliativo, um comentário sobre saber fazer comunicação, a banalização da matéria e a descrição de uma situação hipotética, para ilustrar que a bibliografia deve corresponder às aulas.

Em vez de simplesmente indicar a bibliografia adotada, na **DT3 - Referencial bibliográfico**, mais da metade das respostas coincidiu com a adoção de manuais. A escolha dos referenciais bibliográficos para o ensino das Ciências da Comunicação nas universidades italianas pesquisadas demonstra, ampla variação nos critérios adotados entre os professores, e, dois acordos: o primeiro, na bibliografia introdutória, com amplitude geral e foco específico; o segundo, a adoção dos clássicos ou cânones da disciplina, junto com autores contemporâneos.

Onde estão e quais são as teorias da comunicação ensinadas em Ciências da Comunicação na Itália?

[...] lhe posso garantir que são muito poucos professores de Ciências da comunicação que se ocupam de teoria da comunicação. Por isso deve contatar aqueles estudiosos (que podem ser sociólogos, semióticos, politólogos, estudiosos de cinema, de mídia, etc.) que de fato lidam especificamente com este tema, e não é necessariamente que eles ensinam em cursos de ciência da comunicação (podem ensinar em cursos de graduação em sociologia, ou em ciência política, ou literatura, ou artes). (Erminio Garoia)

Há indício ambivalente nas dobradiças “entre” as Ciências da Comunicação, por tomarem “emprestadas” teorias de outros saberes, e, ao mesmo tempo, ensinar teorias da comunicação, em um campo próprio. Desse modo, a construção de um saber comunicacional circula pelas várias áreas, sem em nenhuma delas se deter, a não ser quando concentra esforços

reflexivos nela mesma, e aí a virtude epistemológica, ainda que, como um não-lugar das passagens.

Será pouco profícuo lermos este indício, apenas como circuito. Deveríamos então compreender o processo de conhecer a comunicação, também, ou sobretudo, como um “processo comunicativo”? Ao contrário do que infere J. Braga (2008), sobre interações e meios como índices do objeto científico da comunicação, Ferrara (2008, p. 12 e 13) diz que estes “são claramente insuficientes [...] porque não são inertes, mas se relacionam de modo sistêmico e, interinfluentes, se manifestam na circularidade de todos os processos comunicativos”.

Como vetores progressivos do sistema de conhecimento da Comunicação, as teorias são segmentos que apontam direções. Para vê-las e analisá-las, reunimos autores e obras, mencionados pelos professores italianos, como referenciais teóricos de suas disciplinas. Conforme veremos, mais da metade dos autores, são estrangeiros, boa parcela italianos e uma só autora, também italiana. Os **referenciais teóricos** citados pelos docentes italianos, foram:

- Costantino Marmo - Sinais, linguagens e texto
- Ugo Volli - Manual de Comunicação
- Michele Sorice - Sociologia dos mass media
- Emanuela Zilio - Protagonistas da era digital
- Paolo Montesperelli - Comunicar e interpretar. Introdução à hermenêutica para a pesquisa social
- Leonardo Cannavò e Luigi Frudà - Pesquisa Social
- Leonardo Cannavò e Luigi Frudà - Pesquisa Social. Do projeto da investigação à construção dos índices (vol I)
- Leonardo Cannavò e Luigi Frudà - Pesquisa Social. Técnicas especiais de detecção, tratamento e análise (vol II)
- Goffman
- Bourdieu
- Becker
- Raymond Williams
- Saussure - Curso de linguística geral
- Hjelmslev - Elementos de semiologia
- Peirce – Semiótica

- Paddy Scannell - Media e Comunicação
- Stuart Hall
- Lazarsfeld
- Weber e Durkheim
- Giddens e Sassen

Nos autores e livros mencionados como referenciais teóricos, reforça-se a diversidade nas correntes teóricas que compõem o conhecimento comunicacional, na academia, sendo importante assinalar uma produção de material próprio de compilação, o Manual de Comunicação de Ugo Volli.

Apesar de o docente indicar o título da obra de Volli como “Manual de Comunicação”, não encontramos nenhuma publicação do autor com este título. Volli, conta com mais de 100 publicações de artigos e livros, mas o único “Manual” é o Manual de Semiótica (VOLLI, 2000).

Isso equivale dizer que, o docente que deu essa resposta, iguala Comunicação à Semiótica, uma tendência do campo italiano vista em outras respostas sobre o referencial teórico, pertencimento e conceito de comunicação. Na Semiótica, além de Volli, foi mencionado Peirce.

Na Linguística, são citados Saussure e Hjelmslev e o autor italiano Costantino Marmo. Quanto à Sociologia, distinguimos dois grupos, um, canônico, com Weber e Durkheim, Lazarsfeld, Bourdieu, Goffman, os estudos culturais, com Stuart Hall e Raymond Williams, e autores contemporâneos como Becker, Giddens e Sassen. E outro, com teorias voltadas para a Metodologia, sob a perspectiva da Pesquisa Social, com os sociólogos italianos Paolo Montesperelli, Luigi Frudà e o filósofo Leonardo Cannavò.

Quanto aos estudos de mídia, temos a autora italiana Emanuela Zilio com “Protagonistas da era digital. Manual para um uso consciente das novas tecnologias” (ZILIO, 2009) e um estudioso italiano, Michele Sorice, com Sociologia dos *mass media* (SORICE, 2009), além do autor britânico Paddy Scannell, com seu manual em italiano “Media e Comunicação” (SCANNELL, 2009). Dos 21 autores citados, apenas duas são mulheres e somente uma é italiana.

Para conhecermos brevemente quem são esses autores e seus vínculos institucionais, resumimos seus currículos na descrição a seguir:

Costantino Marmo é professor titular do Departamento de Filosofia e Comunicação da Universidade de Bologna e atua na disciplina Filosofia e Teoria das Linguagens. É diretor do Centro Internacional de Estudos Humanísticos “Umberto Eco”.

Ugo Volli é professor titular de Semiótica do texto e da publicidade na Universidade de Torino, semiólogo e filósofo da linguagem.

Michele Sorice é professor titular de Democracia deliberativa e novas tecnologias na LUISS “Guido Carlo”, onde ensina também Sociologia Política. É professor honorário da Universidade de Stirling no Reino Unido.

Emanuela Zilio é co-curadora do projeto *Donne Si Fa Storia*, gerente de projetos e especialista em novas linguagens de mídia. Foi pesquisadora externa da Universidade de Princeton (EUA), professora de Ciência da Computação Aplicada e História de Partidos Políticos e Mídia Italiana na Universidade de Siena e Coordenadora de mestrado na Academia Ars Nova. Hoje, colabora com a Universidade de Milão e Siena, nos tópicos de empreendedorismo inovador, empresas culturais e comunicação estratégica. Desde 2000 é projetista da UE e Gerente de Projetos, em vários projetos internacionais.

Paolo Montesperelli é professor titular em Sociologia dos processos culturais e comunicativos na Universidade de Roma Sapienza, Conselheiro do Conselho Universitário Nacional (CUN) e representante dos Professores Ordinários da área histórico-política-social. Interesses científicos: história do pensamento hermenêutico, contribuição da hermenêutica para as ciências sociais, identidade e produção simbólica, sociologia da memória, reducionismo cientista, metodologia da pesquisa social, pesquisa ecológica, exclusão social.

Leonardo Cannavò é professor titular de Metodologia e Técnica da Pesquisa Social e professor de Metodologias de Avaliação Social e Sociologia Aplicada na Faculdade de Sociologia da Universidade de Roma 'La Sapienza'. É coordenador do Doutorado em Pesquisa Aplicada nas Ciências Sociais (RASS) da mesma Universidade.

Luigi Frudà é professor titular de Metodologia e técnicas de pesquisa social e professor de Métodos quali-quantitativos e análise multivariada de dados, na Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Roma 'La Sapienza'. É diretor do Departamento de Sociologia e Comunicação (DISC), da mesma universidade.

Percebe-se, nas áreas de proveniência desses professores, a Filosofia e a Filosofia da Linguagem a serviço da Teoria das Linguagem e a Sociologia, como aparato metodológico para a Pesquisa em Comunicação. A única que foge a esse esquema é a especialista em novas

linguagens de mídia, Emanuela Zilio, trabalhando no ensino com Computação, Política e Mídia.

A resposta “não entendi a pergunta” aparece constantemente em todas as partes do questionário, e com maior frequência na parte das teorias e conceitos (referencial teórico: 4, conceito de comunicação: 4, discussão com pares: 2, diretrizes institucionais: 2).

A pertinência é tida como “óbvia” embora contrastada pela diversidade nos entendimentos dos próprios docentes sobre as teorias e conceitos. O condicionamento da disciplina aos temas, confunde conceito e tema e a falta de clareza interna, se exprime por meio das representações:

Eu não entendi a pergunta. O que significa dizer que uma disciplina aplica referências bibliográficas? As referências dependem do tema específico e são obviamente escolhidas pela sua pertinência. (Gregorio Raffi)

As referências obviamente dependem das matérias ensinadas. (Rita Del Turco)

Esta questão não está clara para mim. Depende dos temas tratados. (Gaetana Ravera)

Assim proposta, a questão não é clara (e não é um problema linguístico). O que quer saber? Quais são os autores considerados clássicos? Quais aqueles "de tendência"? Eu precisaria saber mais a respeito. (Camillo Repetti)

Um caso acidental, dentro desta divisão temática sobre teorias, foi a consideração de um método como justificativa teórica, para o tratamento do empírico, na comunicação. Sob a égide de um pseudoineditismo sobre as *fake news*, o docente retoma o viés behaviorista do modelo Emissor-Mensagem-Receptor (EMR), a manipulação dos meios e a aderência à verdade, por usuários completamente passivos.

Isso faz ver, como as teorias trabalhadas em sala de aula, podem ainda estar arraigadas em modos de pensar a comunicação, considerados ultrapassados.

Minha pesquisa é completamente original, pelo menos na Itália, pelo que sei. E é baseada na análise de manipulações informacionais (“fake news”) efetuadas EXCLUSIVAMENTE pela mídia “oficial”: as bobagens que circulam com frequência na Internet (exemplo: as “trilhas químicas”) não me interessam. Minha pesquisa remonta a antes da explosão da moda de 'fake news' (que começou por volta de outubro de 2016, iniciada por Clinton) e tem uma peculiaridade: por minha mera simplicidade expositiva eu quis agregar as fake news lançadas em particular através do imagens, sejam elas fotos ou vídeos. Repito: por mera simplicidade expositiva, já que uma análise de textos manipulativos é ... mais chata, enquanto mostrar imagens manipulativas é bem mais imediato. Então eu começo oferecendo algumas centenas de exemplos que recolhi e organizei durante anos no meu site. Mesmo que os exemplos sejam velhos (porque a pesquisa então se desenvolveu também na direção dos estudos da psicologia social, por exemplo), sua estrutura é perfeitamente adequada mesmo com relação ao que está acontecendo hoje. E que acontecerá amanhã. Durante o laboratório apresento um grande número de textos que, em todos

os campos, mostram todo gênero de falsificação: no campos histórico, político ... até gastronômico. O meu curso começa com esta afirmação: "Estamos imersos em falsificações". :-) (Edmondo Riccò)

A adoção de manuais como referenciais bibliográficos, supera as demais respostas. Nota-se que as compilações são preferíveis a uma leitura mais densa de obras originais, seguindo a agilidade dos meios comunicativos contemporâneos.

[...] posso dizer-lhe que em Bologna a herança de Eco é muito forte e portanto o Tratado de semiótica geral, o *Lector in fabula* são muito importantes. No entanto, a essa altura são muito difíceis e avançados para o alunos do curso de trienal de hoje, por isso contamos com manuais. Um manual amplamente utilizado é o de Traini, As duas formas da semiótica, Milão, Bompiani. (Margherita Nenni)

Outras disciplinas, como por exemplo, História Moderna, também adotam manuais em seus cursos, recomendando uma bibliografia, mas também consentindo a escolha pelo próprio estudante. Essa liberdade sugere que: a) há uma confiabilidade no material bibliográfico disponível; b) haveria um consenso de teorias, para um cânone mínimo dos autores da área, c) o estudante em comunicação deve desenvolver autonomia, diante das opções bibliográficas.

No meu caso, indiquei aos alunos um manual de história moderna de 1492 a 1815. Não é indicado um manual específico, o aluno é livre em sua própria escolha. (Agostina Olivetti)

Os modos de selecionar critérios, para escolher teorias em Ciências da Comunicação, quando mencionados, variam muito entre os docentes, e mostram hesitação no embasamento. Aqueles apresentados, dizem respeito à pertinência e esta, se apoia em uma “obviedade” vaga, que exime o docente de um pensamento crítico, tanto para assegurar a opção mais adequada do que se faz, quanto do que é preciso repensar no saber disciplinar.

Há quem prefira abrangência e foco, ou seguir clássicos e contemporâneos. É difícil prover uma noção completa da Comunicação aos alunos, o que para o docente é tarefa árdua, sobretudo se considerada uma exigência de coordenação entre saberes.

Essa literatura foi escolhida de forma a abranger o maior perímetro possível do tema e, ao mesmo tempo, focar nos pontos fundamentais do programa. (Ester Pardini)

Em relação às referências bibliográficas de minha disciplina, eu me ocupo dos mass media, comunicação, jornalismo com uma abordagem histórica, por isso para meus cursos utilizo em primeiro lugar livros de história das mídias e do jornalismo, mas obviamente para as aulas não posso ignorar clássicos da sociologia da comunicação. (Teresina Pollastrini)

A publicação do próprio professor da disciplina aparece como utilização didática da pesquisa, o que proporciona um diálogo direto com o autor. No entanto, “a obviedade” da autocitação não pode ser naturalizada, afinal, outros materiais poderiam ser utilizados em seu lugar (e o são). Deve haver uma justificativa efetiva para este uso, aqui não explicitado.

Eu faço os alunos estudarem dois manuais, um que eu escrevi (por isso eu obviamente o escolhi), o outro que escolhi porque é dotado de uma extensão online com questionários de autoavaliação, diagramas, fichas, gráfica otimizada para disléxicos e outras facilidades. (Anna Noce)

Analisando as diretrizes institucionais, veremos que a resposta maciça da docência afirma ter ampla liberdade para selecionar os referenciais teóricos. Essa independência em relação à estrutura, imprime uma responsabilidade individual, mas não é suficiente para podermos deduzir que a simples emancipação dos professores diante da “carta branca” da Universidade, seja o motivo desencadeador para escolha teórica tão variável.

Da variabilidade de critérios emergente pelas representações, destacamos: relevância dos objetivos didáticos, a atualização pessoal na disciplina, a escolha pessoal, a fácil compreensão para o estudante, a acessibilidade e linguagem técnica adequada, a confiabilidade em autora colega, originalidade científica, transdisciplinaridade, facilidade de acesso, autoridade editorial e etc.

Somente um dos docentes demonstrou preocupação com a superficialidade dos textos, junto com a atenção metodológica, o que faz pensar que esses são critérios desejáveis para uma abordagem crítica da comunicação, porém, limitada somente a poucos docentes.

[...] os textos devem ser claros, mas não superficiais; atenção particular aos aspectos metodológicos; abordagem interpretativista (hermenêutica) e não objetivista ou tecnicista. (Piero Schiavinato)

A questão idiomática das bibliografias é uma característica fundamental para certas disciplinas. O italiano como língua-mãe, seguido pelo inglês como segunda língua, ou o

alemão, são adotados para atender a um público estudantil estrangeiro, proveniente de acordos universitários, ou, programas de intercâmbio internacional.

A bibliografia depende dos cursos. Como poucos estudantes conhecem o alemão, é em sua maior parte em italiano, em uma pequena parte em inglês e uma mínima parte em alemão. (Lalla Roma)

Ao analisar as teorias apresentadas pelos docentes em Ciências da Comunicação, a manualística sobressai como um meio de ensino amplamente adotado, indicando um apego ao passado pela tradição do livro, impresso ou digital que seja, e, ao mesmo tempo, o caráter compilatório que ameniza e reduz os conteúdos, para que possa ser absorvido pelo aluno contemporâneo, “nativo digital”.

As concentrações disciplinares indicam teorias da Linguística, Sociologia e Semiótica, como as principais trabalhadas em Ciências da Comunicação nas universidades italianas pesquisadas. A presença e a constância não asseguram que são estas as teorias da comunicação, a não ser que os critérios apontassem para uma perspectiva de interface, reconhecida pelo campo como tal, e, que os conceitos destas disciplinas trabalhassem efetivamente o que é próprio à Comunicação.

Quanto aos critérios, foram múltiplos, pouco coincidentes e condicionados à disciplina e ao gosto docente. Os motivos pelos quais os professores escolhem as próprias teorias que circulam nas diferentes disciplinas e tradições em Ciências da Comunicação, dão uma vaga ideia da interface com a comunicação, apontando para a Linguística e a Sociologia como as mais próximas e identificáveis.

A atividade docente tem sua tomada de decisões pedagógicas e didáticas realizada individualmente em relação às teorias da própria disciplina. Não obstante, os docentes fazem parte de um meio social-institucional no qual há uma dupla relação profissional: com a universidade e suas diretrizes e, com os colegas ou pares que trabalham nas mesmas funções e compartilham o ensino em Ciências da Comunicação. A seguir, analisaremos quais são as interferências dessas diretrizes e das comunicações entre os pares, se é que elas ocorrem, e o que elas têm a ver com nosso problema.

DT4 - Diretrizes institucionais

O grupo de respostas que foi nomeado **DT4 - Diretrizes institucionais** agrupa **7 divisões** resultando na menor incidência de temas (7) correspondendo a 6% da amostra total.

Nesta, a temática prevalente (23 respostas) foi a de que não existem diretrizes institucionais, seguida pela indicação de diretrizes, mas não explicitação de quem as determina (2) junto com a dúvida na compreensão da pergunta (2).

As demais respostas indicam que as diretrizes são decididas pelo próprio Departamento, de acordo com os conteúdos disciplinares, ou, não recebeu diretrizes. Somente um professor indicou que as diretrizes são explícitas.

Apresentados os resultados e as categorias emergentes, passaremos agora à análise das relações estabelecidas entre os termos selecionados do empírico (institucional/docente) e teórico-epistemológico, incomodados reciprocamente.

Analisando as **DT4 - Diretrizes institucionais** e **DT5 - Discussão com os pares** obtivemos, em ambas, traços de homogeneidade nas opiniões. Na primeira, a grande maioria, afirma que não há diretrizes institucionais. E na segunda, a concordância docente de que o conteúdo da disciplina é discutido, sim, com os colegas.

Na primeira fase da categorização das respostas emergentes nos questionários, os dados numéricos nos auxiliaram a hierarquizar os conteúdos e a criar as divisões temáticas de modo a visualizar um painel com as concentrações.

No andamento do trabalho, o material examinado nos convidou mais a estabelecer modestas tentativas de relações entre si, com a pergunta de pesquisa e a situação teórico-epistemológica do campo da Comunicação do que decretar generalizações.

A universidade é uma das engrenagens do sistema social que trabalha com normas, técnicas e repressão, em uma instalação de controle reguladora; dos alunos, por disciplinarização dos corpos e mentes; dos professores, por regulamentações e programas de ensino; da sociedade civil, com acessos e impedimentos ao seu espaço vigiado.

As diretrizes institucionais projetam linhas-guia, um plano geral, uma direção a seguir, uma coerção tácita de quem deve acompanhá-la para fazer parte do jogo, uma ética do dever a cumprir.

A instituição é composta por sujeitos, neste caso, professores dos sete cursos de Ciências da Comunicação na Itália, cada qual inserido em seu espaço, pertencente ao Departamento da disciplina que leciona. As mediações perpassam região geográfica, cultura

local, filiação formativa, linha de pesquisa, recorte de gênero, etnia, e outras, mas com uma singularidade: ensinar em Ciências da Comunicação e, assim, sotopostos às suas diretrizes.

Para iluminar as respostas dos docentes sobre as diretrizes institucionais, é preciso retomar as reflexões sobre o estatuto discursivo e extradiscursivo existente nas instituições disciplinares de matriz foucaultiana, com Muchail (1985). A autora indica o deslocamento do eixo teórico do autor, para a questão do *dispositivo*, que engloba o dito e o não dito, por meio das instituições, articulando saberes e poderes.

Quando dentro da instituição convivem diretrizes institucionais ditas, e práticas quotidianas dos profissionais não ditas; uma, pode ou não se sobrepor à outra, conforme veremos nos depoimentos e no *extradiscursivo* presente nos relatos.

Não entendo a pergunta. O que significa diretrizes institucionais? Em regime democrático, quem poderia dar diretrizes sobre a escolha de referenciais teóricos? (Aladino Lombardi)

Em uma exposição feita na *École normale supérieure* em novembro de 1976, para um grupo de filólogos, e outro de historiadores da literatura, Bourdieu (2003) apresentou algumas propriedades e leis gerais dos campos.

Ao considerar o campo científico com seus jogos e especificidades, diferenciando-o de outros campos, seus interesses “não são percebidos por alguém que não tenha sido construído para entrar nesse campo (cada categoria de interesses implica indiferença perante outros interesses, outros investimentos, assim votados a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou sublimes, desinteressados)” (BOURDIEU, 2003, p. 120).

Será que os professores italianos em Ciências da Comunicação, provenientes de outros campos das Ciências Humanas e Sociais (CHS), estariam prontos a jogar a partida dentro do campo no qual atuam, mesmo não se reconhecendo como pertencentes a ele?

Para que um campo funcione, de acordo com Bourdieu (2003), as pessoas precisam estar prontas, dotadas do *habitus*, “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores” (BOURDIEU, 2003, P.125).

Nessa trilha, voltamos ao resultado empírico de nossa pesquisa, no qual uma massiva parte dos docentes declara que, não existem diretrizes institucionais a serem seguidas. Houve uma única resposta contrária a esta negação geral:

Diretrizes institucionais explícitas: evitar um programa muito pesado e não pertinente em relação ao título do curso. Diretrizes institucionais latentes: promovam todos! (Marcello Macellari)

A parte evidente, evita o peso programático disciplinar e os desvios de conteúdo dos cursos; a face velada, recomenda a tolerância geral na aprovação alunos; o que está de acordo com duas características que circulam no imaginário do curso em Ciências da Comunicação na Itália: a facilidade em passar nos exames e, um grande número de formados.

Enquanto dissecava *A escola como organização complexa*, Tragtenberg (2004) falava de uma dramaturgia que reveste as relações burocráticas, os comportamentos estereotipados e a importância do culto dos gestos, a aparência na estrutura institucional. O explícito e o latente atendem a esta teatralidade nos artifícios sociais e nas concorrências pelo poder.

Há diretrizes que apontam para uma tendência, instituindo a centralidade midiática, o que aproxima a comunicação aos estudos de mídias:

As diretrizes institucionais são as de curvar o ensino da história contemporânea na direção da história das mídias, incluindo as mais atuais (social media). (Nildo Lalli)

O problema não é descobrir ou “comprovar” a existência ou não as diretrizes. O questionamento foi planejado a partir da premissa de que, toda instituição é normativa e, a partir disso, observamos a tensão entre regras e práticas, representadas pelos docentes.

Não há diretrizes "institucionais". Existem alguns observatórios e algumas áreas de pesquisa em alguns âmbitos temáticos, dentro das quais os docentes compartilham idéias, conteúdos, programas de pesquisa, mas na ausência de um paradigma canonizado. (Carmen Gullace)

Não há diretrizes. Na Itália a liberdade de ensino é sancionada pela Constituição (pelo menos por enquanto ...) (Alfredo Gordini)

Se, por um lado, a maior parte dos professores nega sua incidência, tentando assim fortalecer a ideia de que a regra social conta menos do que as liberdades profissionais individuais; por outro, existem pontos falhos nesta curva, com respostas que evidenciam diretrizes disciplinares, ministeriais e pedagógicas:

No nível institucional para as Ciências da Comunicação, a solicitação é inserir disciplinas de teoria e filosofia da linguagem (como a semiótica), sociologia, psicologia, história contemporânea. (Lidia Iotti)

Não há nenhuma "diretriz institucional". Os documentos das universidades estatais italianas têm plena e completa autonomia para ensinar o que querem e como querem. (Gabriele Tornimparte)

Para minha e para todas as outras disciplinas, as diretrizes são decididas pelo Departamento de Filosofia e Comunicação durante a Programação didática. (Andrea Maccioni)

Não há diretrizes institucionais para a escolha de referências teóricas. A Universidade garante plena liberdade de ensino e pesquisa. (Valentina Carducci)

Estudando a definição e suas propriedades, Berger e Berger (1979), caracterizam uma instituição como algo dotado de realidade exterior ao indivíduo.

Os alicerces materiais das universidades italianas, com alguns de seus prédios protegidos pelo patrimônio histórico, os websites oficiais, com suas hierarquias informacionais apresentadas em esquemas visuais inteligíveis; ou ainda, as aulas magnas, os *open day* promovidos para a divulgação dos cursos; são realidades materiais externas aos sentimentos e aspirações individuais. No caso de ciências humanísticas, precedentes à Comunicação, ali também se experimenta o aspecto exteriorizado da instituição social:

Eu diria que não há diretrizes institucionais específicas a serem seguidas. Obviamente, desenvolvendo um curso em "História do jornalismo" (disciplina com esta denominação instituída em Ciências Políticas na Sapienza em 1935), pela força das circunstâncias adoto uma abordagem histórica, e não meramente sociológica. (Rosa Guidetti)

Se a instituição fosse somente abordada pela esfera sociológica, como propõe Berger e Berger (1979), em uma de suas características fundamentais, a objetividade, na qual todos admitissem sua existência e de uma maneira determinada, não haveria ruído entre ditado e o dito, o programa e o ensino, a regra e a conduta. A escolha docente passa por diretrizes, sejam elas ignoradas ou referenciadas, e salienta as condições individuais internas de produção de conhecimento no ensino, embora ligadas à camada externa da instituição:

Eu não recebi nenhuma específica. Sendo docente contratado o meu ponto forte é a referência ao que acontece na realidade. Por isso me baseio pela minha experiência. Textos e programas são naturalmente acordados com o Departamento. (Mariangela Lucente)

Quando Cooley (1976) aprofunda a existência exterior das coisas, para nos revelar a vida interior da humanidade, torna-se excessivo afirmar que “tudo não passa de desenvolvimento: os símbolos, as tradições, as instituições são, indiscutivelmente, projetados

pela mente”. O que encontramos, ao analisar as representações das diretrizes institucionais na voz docente, foram interstícios, por assim dizer, espaços mínimos entre contiguidades, a instituição, os professores, os alunos, as disciplinas, o Estado e alguns vasos comunicantes assumidos ou recusados, em maior ou menor grau.

Não há diretrizes institucionais específicas para os referenciais teóricos da minha disciplina. Como em todas as disciplinas, existem alguns objetivos e competências educacionais estabelecidos pelo conselho do curso de graduação que cada docente pode alcançar através dos métodos que considera mais adequados. (Natalia Giglioli)

Lembrando o conceito foucaultiano de “instituições de sequestro”, não se pretende excluir o indivíduo recluso, mas, incluí-lo no sistema normalizante e, a este propósito, Muchail (1985) exemplifica o ambiente da fábrica (produção de produtos) e da escola (produção de saberes), em vez de excluir as pessoas, as ligam e fixam em seus aparelhos.

A partir disso, podemos enxergar o docente, entremeado nas matrizes visíveis e invisíveis que regulam normas vindas de instâncias superiores ou paralelas, não percebidas como dispositivos de controle.

[...] não há diretrizes institucionais, como comunidade somos livres. Obviamente, as escolhas derivam das pesquisas e dos trabalhos que compartilhamos com os colegas (Angela Gori)

A representação da prática institucional nos discursos docentes, oscila nas respostas, assumindo ou recusando a presença das diretrizes e, conforme indica Althusser (1996), “o que é representado na ideologia, portanto, não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem”. Até que ponto a autonomia do professor, na escolha do referencial bibliográfico de sua disciplina representa uma liberdade em relação à estrutura?

Não há diretrizes institucionais, todo docente é livre para escolher os livros que prefere para sua disciplina. (Ada Giuffrida)

Não temos diretrizes institucionais específicas. De fato, algumas escolhas didáticas que faço estão relacionadas à minha perspectiva de pesquisa, que é aquela da gramática gerativa. (Antonella Venditti)

Ao excluírem-se da interferência instituída pela esfera superior das diretrizes institucionais, os docentes criam regras próprias, estabelecendo assim, uma “subinstituição”: a classe docente em Ciências da Comunicação italiana.

Mesmo não se reconhecendo como pertencente ao campo da Comunicação, essa classe necessita criar critérios admissíveis para suas escolhas teóricas, dentro do espaço negociável da macroestrutura para enfrentar um cotidiano em comum. Nos próximos parágrafos, observamos como o *habitus* docente atua na discussão disciplinar, pelos estratos institucionais onde interage.

DT5 - Discussão com os pares

O último grupo de respostas, de acordo com a frequência de conteúdos, foi nomeado **DT5 - Discussão com os pares** e o agrupamento dos conteúdos gerou **9 divisões** correspondendo a 8% do total recebido.

A maior parte dos docentes (25) declarou que, sim, discute o conteúdo da própria disciplina com colegas, sendo que uma parte deles (6) discute com colegas da própria, e, de outras universidades. Há os que discutam somente com os colegas da própria universidade (2), os que digam que este tipo de discussão existe, mas não é previsto nem facilitado pela instituição (2), e outros (2) que não entenderam a pergunta.

Foram esporádicas (somente uma de cada), as seguintes respostas: discute com estudiosos ou profissionais do setor, raramente discute, e discute pouco e critica o sistema universitário, a respeito da inutilidade dos compromissos e burocracia.

As diretrizes institucionais relacionam-se às decisões teórico-disciplinares dos institucionalizados, seja por instruções superiores, um espaço de abertura para critérios individuais; o que faz ver uma instituição dentro da própria instituição, feita de pessoas pertencentes a uma determinada classe, não só profissional, mas também disciplinar com suas particularidades. Quais as implicações do diálogo sobre as disciplinas dentro desta categoria docente?

Discutir o conteúdo da disciplina com os colegas foi uma afirmação declarada com recorrência, pela maioria dos professores. Esse tipo de resposta, combina com um quesito esperado socialmente nas profissões contemporâneas, segundo os princípios organizacionais que valorizam o trabalho em equipe.

Sim, me confronto com os colegas para a escolha do programa e para as estratégias didáticas. (Emilia Marighetto)

Obviamente discuto com os colegas, professores e jornalistas, com os quais constantemente me confronto e convido-os a contribuir com as minhas aulas. (Maria Mammucari)

Há basicamente dois julgamentos no ambiente institucional relativos às trocas dialógicas entre pares:

Diálogo técnico e feedback. Aquele que se refere à consulta sobre assuntos técnicos do trabalho, auxiliando na resolução de problemas, ou ainda, o *feedback*, retorno com intenção de crítica construtivas. Esses diálogos são sinalização de trabalho em equipe e de encorajamento ao aprendizado mútuo.

Outra situação, vista com suspeita por parte dos superiores, é a famosa *Conversa de corredor*, um espaço paralelo dedicado à informalidade, o bastidor, as revelações que não podem transparecer nos ambientes oficiais e até a fofoca, as intrigas e a confabulação, os acordos prévios e demais combinações.

Contrária a todas as confirmações, uma única resposta desvela a pouca troca e seus motivos:

Pouco. O sistema universitário nos enche de compromissos inúteis e burocracia sufocante. É um modo para não nos fazer pensar. Temos pouco fôlego para conversar entre nós. (Bastianina Muzzone)

Além de confirmar que a discussão ocorre, os professores também apresentaram outros detalhes sobre o que versam as conversações, por exemplo, as especificidades disciplinares mais do que a conformação geral do curso.

Sim, é normal confrontar-se com os colegas, porém mais em termos do conteúdo de cada um dos cursos do que da "arquitetura" geral do curso de graduação em Ciências da comunicação. Essa arquitetura geral depende de muitas coisas, incluindo os recursos econômicos e humanos da universidade da qual se faz parte. (Irma Margotti)

As conversações entre docentes são institucionalizadas, simultaneamente, pela universidade e pela classe docente, mas não só por ambas. Para que aconteçam diálogos, além do próprio ateneu, os docentes estão vinculados a uma instituição anterior, a própria disciplina.

Eu discuto os conteúdos tanto com os colegas no meu curso de graduação que lidam com disciplinas afins (tais como sociolinguística e semiótica) para harmonizar os conteúdos de nossos cursos, quanto com colegas de outras universidades que tratam da mesma disciplina que eu, para comparar os métodos e os materiais didáticos com eles. (Adriana Imola)

Eu me confronto com outros colegas de outras universidades que ensinam nos cursos semelhantes aos meus. Além disso, no meu departamento, temos duas reuniões anuais do corpo docente para compartilhar o conteúdo dos nossos cursos e evitar possíveis sobreposições. Além disso, discuto alguns conteúdos com outro meu colega sociólogo do mesmo departamento e de vez em quando damos aulas juntos. (Geni Martinelli)

Os estudiosos do mesmo assunto, são interlocutores para as discussões sobre a própria matéria, assim como os colegas de mesmo curso, linha de pesquisa, e, considerado o vínculo afetivo; contudo nota-se que essa prática nem sempre é proporcionada pela via institucional.

Eu me confronto na preparação do curso com meu colega que dá o mesmo curso. É um confronto que parte do compartilhamento de um caminho de pesquisa e de uma amizade consolidada, mas não é previsto nem facilitado por arranjos institucionais do curso de graduação. (Ancilla Valori)

Somente um docente mencionou a consulta aos pares, como fator colaborativo para a escolha conjunta dos referenciais teóricos de outras disciplinas, o que mostra novamente a fragilidade de como é concebida e tratada a interdisciplinaridade, na composição das teorias presentes em Ciências da Comunicação na Itália.

[...] juntos tentamos definir um "cânone", ou seja, um conjunto de textos básicos das diferentes disciplinas (história, sociologia, antropologia, economia, filosofia). (Caterina Marsili)

As separações disciplinares em outros campos do saber, mais tradicionais do que a Comunicação, como, por exemplo, a Sociologia, se mostram nítidas e demarcadas na representação docente:

Discuto os conteúdos da minha disciplina com muitos colegas da minha universidade e de outras universidades. Mas eu discuto sociologia e não comunicação. (Angiola Minetto)

As respostas sobre a discussão dos conteúdos, da própria disciplina, entre pares, no âmbito da docência em Ciências da Comunicação indicaram que, embora o currículo do curso contenha uma série de disciplinas de grande diversidade entre saberes, o modo como os professores dialogam sobre elas reitera e reforça a disciplinaridade.

Isto é, todos os docentes relataram que as trocas acontecem com outros docentes do mesmo domínio disciplinar. A Sociologia permanece entre os sociólogos, a Filosofia entre os filósofos, e assim vai. Disso tiramos duas inferências: a) os saberes não se conversam e não se interessam uns pelos outros: há uma pseudointerdisciplinaridade-curricular e b) não havendo uma disciplina dedicada às teorias da comunicação na graduação trienal, não há a nomeação de um espaço dedicado a discutir especificamente a comunicação, nem como fenômeno, nem como campo.

Um indício acidental a ser considerado nessa análise é o caso de um docente de História Contemporânea que, ensinando em Ciências da Comunicação, recebe diretrizes institucionais para trabalhar história da mídia e mídias sociais, adotando tantos os conceitos clássicos de Innis, McLuhan e Lasswell, quanto teorias recentes como a da web 2.0, por O'Reilly.

Na discussão com colegas, o docente indica tentar definir junto com colegas, um “cânone” de textos básicos sobre o assunto, a partir de diversas disciplinas como História, Sociologia, Antropologia, economia e Filosofia.

Apesar de não informar se a conversa acontece com um colega da História ou de outra disciplina, a maneira de dialogar se distingue dos demais por procurar textos básicos nas outras teorias, e não somente na História. Percebe-se que, não existe um cânone consolidado que trate da história das mídias, e o professor recorre a outros saberes para compô-lo. De todo modo, permanece a perspectiva histórica sobre as mídias, e não a comunicacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um complexo como as Ciências da Comunicação na Itália é uma tarefa extensa e proposta aqui como pesquisa exploratória, em um cruzamento documental, institucional e curricular, com a consulta a fontes primárias, os docentes do curso.

Encontramos informações na gênese da institucionalização do curso, para notar que o campo teórico-epistemológico, tangente à Comunicação, não emerge isoladamente, pela investigação histórica, remontada por cronologia; nem sociológica, pelas disputas de poder, mas por um exercício heurístico de análise que busque, na composição entre componentes do sistema, o que nele pode fazer ver as interações.

Ao final desse estudo, e de forma sintética, assinalamos alguns pontos principais:

1. *Pertencimento*: a identificação de Semiótica, como Comunicação (área) e, mídia, como comunicação (fenômeno), secundários à representação de (des)pertencimento ao campo da Comunicação.

É a setorização departamental quem comanda o vínculo disciplinar. Os departamentos a que pertencem as Ciências da Comunicação são grandes áreas, tradicionalmente consolidadas das Ciências Humanas e Sociais, como a Filosofia, Letras e Bens Culturais, Ciências Sociais, Políticas e Cognitivas, Sociologia. A representação desse tipo de pertencimento remete a fortes traços de uma mentalidade fundada na especialização, conferindo pela razão do compartimento, as prerrogativas de competência científico-acadêmica que consentem falar sobre um assunto.

No contraponto a ideia de pertencimento, há críticas no Brasil sobre a redução da disciplina a uma corrente de pensamento, conforme L.C. Martino (2006); assim como uma caracterização específica da Comunicação como campo de conhecimento, por angulações à “interação social” e ao tema “mídia” (BRAGA, J., 2011b), e, uma utilidade dupla em estruturar um campo científico da comunicação apontada por Ferrara (2008): “ao estruturar-se, estrutura o conhecimento que nele se produz” (FERRARA, 2008, p.4).

2. *Conceito de comunicação*: há uma falta de entendimento de partida, não exatamente sobre a definição de comunicação, apontada frequentemente como óbvia, mas sobre o que o conceito de comunicação afinal quer saber. Poderíamos ler esta “obviedade”, indicada pelos professores italianos, como um “senso comum docente”, contrário ao que J. Braga (2019, p.27) propõe, que é “fazer avançar esse conhecimento de senso comum em direção a perspectivas compreensivas refletidas, sistematizadas e testáveis por processos investigativos”.

Não parece haver no ambiente acadêmico italiano, uma reflexão conceitual sobre o próprio campo apoiada em pesquisas ou um rigor de critérios que embase consistentemente suas afirmações, o que indicia, o pouco valor científico dado ao senso comum pelos professores em comunicação, absorvido, adaptado ao ensino acadêmico, replicado, e não, pensado.

A diversidade de conceitos importados de outras áreas, principalmente Semiótica e Linguística e a reflexividade sobre a comunicação como interação e método, se reserva somente à Metodologia da Pesquisa Social, calcada na herança de métodos sociológicos. Há uma confusão entre conceito e temas, perspectiva teórica e conceito.

Resumindo, a atitude dos docentes sobre os conceitos denota ampla abrangência e um discurso que considera a comunicação como fenômeno social, de fundamental relevância na contemporaneidade ou nos seus usos instrumentais, sejam eles técnicos, ou intelectuais.

Os estudos clássicos e contemporâneos sobre mídia, são apontados pelos conceitos no lugar das teorias e vice-versa, o conceito é tomado pela nomeação dos meios, ou por metáforas que descrevem imagens, sem especificar quais conceitos, a partir delas, são acionados.

A falta de especificidade do objeto da Comunicação é questionada nos estudos brasileiros por França (2001), criticando a restrição ao “campo das mídias”. Os conceitos de comunicação, nas Ciências da Comunicação da Itália, denotam enorme abrangência e incluem o estudo das mídias, assim como abordam outras formas comunicativas.

Uma entrada, para compreender as “práticas comunicativas”, de novo com França (2001, p.5) é considerar que, “a especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa”. E essa natureza das ações que comunicam parece avessa à sua única constante, a transformação.

3. *Teorias nas Ciências da Comunicação*: as concentrações disciplinares indicam as teorias da Linguística, Sociologia e Semiótica como as principais trabalhadas, de acordo com as respostas dos docentes em Ciências da Comunicação, nas universidades italianas pesquisadas.

A presença dessas teorias poderia caracterizá-las como “teorias da comunicação” se a) a interface com diferentes disciplinas se dirigisse aos estudos do propriamente comunicacional, ou seja, um objeto de estudos da mídia (MARTINO, L.C., 2016), ou, das interações comunicacionais (BRAGA, J., 2011b), com metodologias e reflexão epistemológica apropriadas; b) os critérios de escolha das teorias indicassem uma pertinência relacionada a um conjunto teórico-epistemológico lógico e adotado pela comunidade acadêmico-científica; e, finalmente c) o campo as reconhecesse como tais, e, mais que isso, as colocasse em questão, revisando-as periodicamente.

As disciplinas do curso são compostas, na maioria, por importações teóricas com traços persistentes das disciplinas de origem e não dedicadas especificamente aos aportes comunicacionais. É de se considerar que, a graduação italiana em Ciências da Comunicação tem menos de trinta anos de existência e se desenvolveu posteriormente ao campo da pesquisa, mas esta diferença, apoiada em fases do desenvolvimento, não serve de pretexto que justifique o modo de ver da academia italiana, diante da numerosa interface com as demais ciências.

As complicações do moderno e a atualização instável do objeto da Comunicação, principalmente dos meios comunicativos, ao nosso ver, alteram todo o processo regular de autonomia disciplinar e do aprendizado da mesma.

A diversidade nos critérios de escolha dos referenciais teóricos pelos docentes foi pouco coincidente e condicionada a parâmetros individuais. Esses critérios dão uma vaga ideia da qualidade e dificuldade de articulação na interface entre Comunicação e outras disciplinas, apontando a Linguística e a Sociologia como as mais próximas e identificáveis.

As teorias da comunicação, no ambiente italiano, do qual as universidades fazem parte, estão distribuídas em outras disciplinas ainda; prova disso é que História Contemporânea apresenta dados significativos que entrecruzam de forma coerente, conceitos, teorias e critérios, junto com as diretrizes institucionais e a discussão do conteúdo com os pares.

Da sorte que, prevalece ainda, a perspectiva das outras disciplinas (a histórica, sociológica, linguística, econômica ou outra), e não a comunicacional, mesmo quando trata das mídias.

4. *Diretrizes institucionais*: a massiva autoexclusão dos docentes em relação às diretrizes institucionais, faz pensar em três fatores: a) cria-se uma responsabilidade individualizada para a organização das teorias e seus critérios, b) os docentes criam regras didáticas próprias para enfrentar o ensino em Ciências da Comunicação e, c) estabelece-se indiretamente uma “substituição”: a classe docente em Ciências da Comunicação italiana, que existe, mas não se reconhece como tal, pois se rende à compartimentalização disciplinar, ditada pelo departamental e que, por sua vez, vem de uma cultura científica moderna, “purificadora” e separadora dos saberes.

5. *Discussão entre pares*: o diálogo sobre os conteúdos da disciplina, dentro desta classe docente, acontece com outros colegas, do mesmo setor disciplinar. A interdisciplinaridade aparente, conotada pela diversificação disciplinar, é contrastada pela falta de articulação entre os estudiosos que ministram as disciplinas. No nível horizontal da docência não realiza um efetivo intercâmbio de saberes entre si, tampouco distingue o que seria próprio à comunicação.

Podemos pensar que, esse conjunto indiciário, identificado na voz docente, combinado com traços curriculares e institucionais, delineia uma “pseudointerdisciplinaridade-curricular” em Ciências da Comunicação nas universidades italianas da amostra.

Decerto, arriscar uma noção de “pseudointerdisciplinaridade-curricular”, mereceria detalhe e aprofundamento, mas, como primeiro esboço, o que nos parece, neste caso, é que a interdisciplinaridade é apenas emulada, pois a diversidade disciplinar acontece, sem que haja uma articulação qualitativa, em dois níveis: 1) dentro da própria disciplina com relação aos vários conceitos, no tratamento voltado aos fenômenos comunicacionais e, 2) entre as disciplinas, em uma interseção das várias visões teóricas e suas diferenças, e não um amontoamento informacional programático, sobre temáticas coadjuvantes.

O afixo “pseudo” que antecede a “interdisciplinaridade”, não carrega o prejuízo do falso, contrário a uma verdade, mas entende que a emulação de uma comunidade de disciplinas desdobre a comunicação, de modo a compor o ensino na área. Fica a interrogação de como e por que essa modalidade de ensinar a comunicação vem se configurando em determinado tempo, lugar da cultura e espaço do conhecimento.

Não havendo a institucionalização de um espaço reflexivo reservado às Teorias da Comunicação no triênio da graduação italiana para discutir especificamente a comunicação como fenômeno ou como campo, as trocas entre docentes reforçam as matérias de origem e pouco aguçam a cognição epistemológica para articular conhecimentos novos que façam aprender conceitos e teorias da comunicação.

Delineando uma resposta à pergunta central, o rastreamento das Ciências da Comunicação em outra cultura, na Itália, da maneira que foi capturado naquele campo acadêmico, pelos vestígios encontrados nas relações estruturais institucionais/acadêmicas (história, currículo, docência), possibilita conhecer apenas um retrato fracionado e inconstante das teorias e dos conceitos de comunicação.

A busca por um produto, as teorias e conceitos da comunicação, se transformou em um encontro com um processo: o rastreamento teórico-conceitual em Comunicação como problema epistemológico.

Quanto ao primeiro pressuposto, os indícios inerentes ao problema de pesquisa, foram encontrados nas relações, e não na estrutura institucional em si. Procurar os sinais na aparência da estrutura, sob o apelo dos jogos de posições dos atores sociais ou dos lugares de fala, que a visão sociológica nos convida vivamente a tratar, foi um equívoco, principalmente catalisado pela falta inicial de uma pergunta de pesquisa clara que fosse suficientemente articulada por um problema “em Comunicação” e suas variáveis.

Outro complicador, foi a profusão de abordagens metodológicas diante da incerteza e mudanças do funcionamento do objeto em ambiente pouco familiar, e a crença no quantitativo como balizador do real, o que ocasionou mudança de rota tardia e um manejo pouco apropriado para elaborações de conhecimento consistente e minimamente novas.

Ao reformularmos a pergunta de pesquisa, no meio do caminho e, a partir dela, junto com os pressupostos, ativar estratégias metodológicas consonantes com a proposta indiciária para a Comunicação de J. Braga (2008), os ensinamentos da micro-história e a etnografia para ambientes digitais; o horizonte das proposições clareou, de maneira que houve alguma chance de criar inferências voltadas ao campo teórico-conceitual da Comunicação.

Uma dessas inferências contradiz o segundo pressuposto levantado, ou melhor, o cinde. De uma parte, conforme previsto, a percepção situacional de uma alteridade teórico-conceitual (italiana), na sua relação com as lógicas da metateoria (brasileira) sobre Comunicação, infringe a regra da recursividade, pois a produção desse conhecimento não se dá tão somente pela repetição do já visto, nem pela classificação direta do específico, na regra geral do campo.

Repete o já visto, mas com modificações. A epistemologia da Comunicação traz, simultaneamente, duas caracterizações comunicológicas, a porosidade e a permeabilidade. Porosa, por possuir um volume sólido, constituído por outros campos de conhecimento tradicionais, dentro da academia (Filosofia, História, Psicologia e outras), e, como segunda característica da porosidade, um volume vazio, o espaço potencial e incerto das articulações. Permeável, pois é um corpo que deixa fluir outros corpos teórico-epistemológicos, por meio de seus poros.

Nas Ciências da Comunicação na Itália, a porosidade continua sendo uma característica válida, mas o jeito que se dá a permeabilidade passa pela noção de pseudointerdisciplinaridade e parece assim canalizar, de forma peculiar, seus fluxos de conhecimento comunicacional, sem reconhecê-los.

Da outra parte do pressuposto, aquela que contradiz nosso pensamento inicial, é a aderência do caso específico italiano à recursividade, repetindo a regra geral do campo, no que diz respeito à grande diversidade de conceitos e teorias e à falta de critérios de pertinência.

Para superar o duelo entre nomotético (regula leis gerais) e ideográfico (trata de casos singulares), sem a obrigatoriedade do engajamento, foi preciso perceber que a Comunicação na Itália é um microssistema, com tonalidades singulares, interagente com macrossistemas.

A depuração das Ciências da Comunicação leva a não-lugares únicos, atualizados e não excludentes, pois suas teorias transformam o conhecimento pela ressonância das tradições, regionalidades e correntes.

Compreendemos que, o processo de conhecer a Comunicação, perpassado pelos fenômenos disciplinares, é fundamentalmente um “processo comunicativo”, convidativo ao indagar e ao revisar do comunicológico. As interinfluências dos indícios teóricos-conceituais, nos choques entre as realidades vertem pelas representações, mas não se detêm a elas, pois pouco afeitas à previsibilidade durante a laboração de uma ciência que vem sendo constituída, destituída, reconhecida ou não, por si, e pelos outros.

Buscar o centro de gravidade permanente em ambiente intempestivo, faz adaptar, subverter e inventar errâncias pelos meandros da epistemologia, combinando dissensos, acompanhando a orbitação do objeto e abandonando trajetórias por probabilidades abertas e irreduzíveis. Termine esta comunicografia, aprendendo, junto com Strathern (2014, p.380), que, “a questão do conhecimento serpenteia para dentro e para fora deste relato. Assim também as práticas de revelação e encobrimento movem uma espécie particular de encanto”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. **Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador**. Revista Fronteiras. Vol. IV, n. 2, Dez. 2002.

ALMEIDA, C. M. C.; OLIVEIRA, M. R. **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado** in Zizek, S. (org) - Um Mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 131-178.

ANSA.IT. **Gli anni '90 e la rivoluzione digitale**, 22 de set. de 2014. Disponível em:<http://www.ansa.it/sito/notizie/cronaca/2014/09/22/gli-anni-90-e-la-rivoluzione-digitale_60bc73e6-4015-4e77-9be4-af067b8805cd.html>. Acesso em: 20 de jan. de 2020.

BARBOSA, M. Conceitos, armadilhas, olhares: apontamentos metodológicos para a consolidação de um campo transdisciplinar. **C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 09, 2002.

BECKER, H. Conceitos. *In: Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.145-187.

BERGER, P. L. e BERGER, B. O que são instituições sociais. In: FORACCHI, M. e MARTINS, J. S. **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1979.

BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**. V. 37, p. 121-127, 2008.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.

BRAGA, A. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. In: **E-Compós**. 2012.

BRAGA, J. L. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, São Paulo: v. 10, n. 3, p- 288-296, 2005.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, n. 2, abril 2008, pp. 73-88.

BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente-tentativa. **Matrizes**, v. 4, n. 1, p. 65-81, 2010.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista E-Compós**, v. 14, n. 1, 2011a.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011b.

BRAGA, J. L. O que é comunicação? **Líbero**. São Paulo: v.19, n.38, jul./dez. 2016, p.15-20.

BRAGA, J. L. A Comunicação e o senso comum. **Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v.3, n.5, jan./jul. 2019.

BURKE, P. **O que é história do conhecimento?** 1. ed., São Paulo: Editora Unesp, 2016.

CARVALHO, C. A.; LAGE, L. Pela adoção da perspectiva da pertinência em pesquisas comunicacionais. **E-Compós**. V. 15, n. 3, set/dez 2012.

CIMEA. **Il sistema italiano di istruzione superiore**, 2019. Disponível em: <<http://www.cimea.it/it/servizi/il-sistema-italiano-di-istruzione-superiore/il-sistema-italiano-di-istruzione-superiore-overview.aspx>>. Acesso em: 21 de set. de 2019.

COOLEY, C. O significado da comunicação para a vida social. In: IANNI, O. e CARDOSO, F. H. **Homem e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CORINTO, A. Wired.it, 2020. **La vera storia di Internet**, 26 abr. 2016. Disponível em:<https://www.wired.it/internet/web/2016/04/29/vera-storia-internet/?refresh_ce=>>. Acesso em: 20 de jan. de 2020.

FELINTO, E. Materialidades da Comunicação: Por um novo Lugar da Matéria na teoria da Comunicação. **Revista Eletrônica Ciberlegenda**, n. 5, 2001.

FELINTO, E. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. Ou, temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura. In: Anais do XX Encontro da Compós. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FERRARA, L. D. Por uma cultura epistemológica da comunicação. In COUTO, Rita Maria e OLIVEIRA, Alfredo Jefferson (org.). **Formas do Design - Por uma metodologia interdisciplinar**. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.

FERRARA, L. D. **Radical indeterminação: Epistemologia e objeto científico da comunicação**. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 17ª ed., 2008. São Paulo (SP). Encontro da Compós. Brasília: Compós, 2008.

FERRARA, L. D. **A epistemologia de uma comunicação indecisa**. Trabalho apresentado no 22o. Encontro da Compós. Salvador, junho 2013.

FERRARA, L. D. **A Comunicação: da epistemologia ao empírico**. Texto apresentado no XXIII Encontro da Compós. Belém, maio 2014.

FERREIRA, J. **Campo acadêmico e epistemologia da comunicação**. In: XII Encontro da Compós, UFPE, 2003.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. Construção de Amostras. In: **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 53-82.

FRANÇA, V. **Paradigmas da Comunicação: Conhecer o quê?** Texto apresentado no X Encontro da Compós. Brasília, maio 2001.

FRANÇA, V.; PAIVA, R. & WEBER M.H. (orgs.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Ed. Unb, 2001.

FRANÇA, V.; PRADO, J. L. A. **Comunicação como campo de cruzamentos, entre as estatísticas e o universal vazio**. *Questões Transversais-Revista de Epistemologias da Comunicação*, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro, Editora 34, v. 5, 1997.

ESCOSTEGUY, A. C. Narrativas pessoais midiáticas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. **Revista Famecos**. V. 18, n. 1, p. 198-211, jan./abr. 2011.

GATTINARA, E. C. Attenzione ai dettagli! Questioni di dettaglio. **APERTURE**. Rivista di cultura, arte e filosofia. n. 31, 2016.

GRENDI, E. **L'antropologia economica**. Torino: Einaudi, 1972.

ISTAT. Istituto Nazionale di Statistica, **Popolazione residente al 1° gennaio**, 2019. Disponível em: <http://dati.istat.it/Index.aspx?DataSetCode=DCIS_POPRES1>. Acesso em: 12 de jan. de 2020.

LEVI, G. Famiglie contadine nella Liguria del Settecento. **Miscellanea storica ligure**, 1973, pp. 207-90.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. Edições Loyola, 1990.

LOPES, M. I. V. **O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas**. Famecos. No. 30: Agosto 2006, pp. 16 - 30.

LOPES, M. I. V. Pesquisa e Gestor: proposta de um modelo metodológico para a pesquisa de intervenção. In: BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Gestão da Comunicação: epistemologia e pesquisa teórica**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 83-100.

LOPES, M. I. V. Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação. In: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016, p. 185-208.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In: XXV Encontro Anual da Compós. **Anais da Compós**. Goiânia/GO, 2016.

MARCONDES FILHO, C. **O princípio da razão durante: Da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea: nova teoria da comunicação III: tomo II**. São Paulo: Paulus, 2011a.

MARCONDES FILHO, C. **De repente, o prédio falou comigo**. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós. Porto Alegre, junho de 2011b.

MARCONDES FILHO, C. Elemento para a construção de uma comunicologia. De como melhor compreender a comunicação considerando-a como um evento estético. XXVI Encontro Anual da Compós, **Anais da Compós**, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, p. 11-26, 2001.

MARTINO, L. C. Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do **XIV Anais Compós 2005**. Encontro da Compós, na UFF, Niterói/RJ, de 1 a 4 de jun. de 2005.

MARTINO, L. C. Abordagens e representação do campo comunicacional. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 8, p.33-54, nov. 2006.

MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola**. Ponencia presentada al XXIX Encuentro de Núcleos de Investigación de la Sociedad Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Brasília, 2007.

MARTINO, L. C. **Significação da Teoria em um Campo Diversificado**. Conferência inaugural do IV Colóquio Binacional Brasil-Estados Unidos de Estudos da Comunicação. Anais do Intercom 2010 - XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Universidade de Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro, 2010.

MARTINO, L. C. Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016, p. 159-184.

MARTINO, L. C. Sobre o Conceito de Comunicação: ontologia, história e teoria. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do **XXVIII Anais Compós 2019**. Encontro da Compós, na PUC-RS, Porto Alegre/RS, de 11 a 14 jun. de 2019.

MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 36, p. 111-117, 2008.

MARTINO, L. M. S. A disciplina interdisciplinar: ambivalências epistemológicas no ensino de Teoria (s) da Comunicação. **Logos**, v. 19, n. 2, 2012.

MARTINO, L. M. S. Descontinuidades epistemológicas nas Teorias da Comunicação: um estudo das taxonomias entre 1969 e 2011. **Logos**, v. 1, n. 22, 2015.

MARTINO, L. M. S. Da teoria à metodologia: um ensaio sobre a elaboração de projetos de pesquisa em comunicação. **Comunicação Midiática**. V. 11, N. 2, 2016.

MARTINO, L. M. S. **Métodos de pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MARTIRE, F.; SOFIA, C. Nota metodologica. Le fasi dell'indagine. In: FONTANA, R. (Org.) **Una storia della Sociologia e della Comunicazione**. Ariccia: Aracne, 2014, p.225-233.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, 1993, 9.3: 237-248.

MIUR ANAGRAFE. Osservatorio Studenti Didattica. **Anagrafe Nazionale Studenti, 2019**. Disponível em: <<http://anagrafe.miur.it>>. Acesso em: 22 de set. de 2019.

MORCELLINI, M. Note e spunti per un'interpretazione dell'esperienza dei Corsi e delle Facoltà di Scienze della Comunicazione. In: **10 anni dopo: la comunicazione lascia il segno**. I Incontro Nazionale di Scienze della Comunicazione, Bologna, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**, 11 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MUCHAIL, S. T. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. In: RIBEIRO, Renato J. (org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIMENTA, F. J. P. **Jogos, redes sociais e a crise no campo da Comunicação**. Trabalho apresentado no 5º Simpósio Nacional da ABCiber. Florianópolis: UFSC, nov. 2011.

PRIBERAM. Dicionário online. **Sufixo -logia**. 2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/-logia>>. Acesso em: 29 de jan. de 2020.

RAGGIO, O. Treccani.it Enciclopedia. **Microstoria e microstorie**. 2013. Disponível em:<[RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.](http://www.treccani.it/enciclopedia/microstoria-e-microstorie_(altro)/>. Acesso em: 27 de jan. de 2020.</p></div><div data-bbox=)

RIVISTA DI SCIENZE SOCIALI. **Scienze della comunicazione tra insulti, emergenze e preveggenza**, 27 de novembro de 2012. Disponível em:<<http://www.rivistadiscienze-sociali.it/scienze-della-comunicazione-tra-insulti-emergenze-e-preveggenza>>. Acesso em: 22 de set. de 2019.

ROGERS, R. O Fim do Virtual: os métodos digitais. V. 10, n. 3, p. 1-34, 2016.

RÜDIGER, F. Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 21, n. 2, 2014.
SANTAELLA, L. Comunicação e Pesquisa. São Paulo: Hacker, 2001.

SCANNEL, P. Media e comunicazione, Bologna: Mulino, 2009.

SENATO DELLA REPUBBLICA. Legislatura 14^a - Disegno di legge N. 3070. **Date di inizio e termine dell'anno accademico nelle università**, 2019. Disponível em: <http://www.senato.it/japp/bgt/showdoc/frame.jsp?tipodoc=Ddlpres&leg=14&id=00116587&part=doc_dc&parse=no>. Acesso em: 22 de set. de 2019.

SIGNATES, L. **A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate**. Trabalho apresentado no XXVI Encontro da Compós, São Paulo, junho de 2017.

SODRÉ, M. **Comunicação: um campo em apuros teóricos**. Matrizes, v. 5, n. 2, 2012a.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: Um caos criativo. **Logos: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p. 6-16, 2012b.

SORICE, M. **Sociologia dei mass media**. Roma: Carocci, 2009.

STRATHERN, M. O efeito etnográfico. In: **O Efeito Etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 345-405.

TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

TRECCANI. Vocabolario on line. **merceologia**, 2019. Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/merceologia/>>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI SALERNO. Scienze della comunicazione. Corso di Laurea L-20. **Insegnamenti a.a. 2018-19**, 2018. Disponibile em:<<https://corsi.unisa.it/scienze-della-comunicazione/didattica/insegnamenti>>. Accesso em: 24 de out. de 2018.

UNIVERSITÀ DI BOLOGNA. Laurea in Scienze della comunicazione. **Piano didattico per studenti immatricolati nell'a.a. 2018-19**, 2018. Disponibile em:<https://corsi.unibo.it/laurea/ScienzeComunicazione/insegnamenti/piano?code=8885&year=2018&manifest=Manifesto-2018_8885_000_000_2018>. Accesso em: 22 de out. de 2018.

UNIVERSITÀ DI BOLOGNA. Chi siamo. **I numeri della storia**, 2019. Disponibile em:<<https://www.unibo.it/it/ateneo/chi-siamo/la-nostra-storia/i-numeri-della-storia>>. Accesso em: 25 de set. de 2019.

UNIVERSITÀ DI ROMA SAPIENZA. Dipartimento di Comunicazione e Ricerca Sociale. Lista Cattedre. **Comunicazione, tecnologie e culture digitali 2018/2019**, 2018. Disponibile em:<<http://www.coris.uniroma1.it/lista-cattedre/21377>>. Accesso em: 22 de out. de 2018a.

UNIVERSITÀ DI ROMA SAPIENZA. Dipartimento di Comunicazione e Ricerca Sociale. Lista Cattedre. **Comunicazione pubblica e d'impresa 2018/2019**, 2018. Disponibile em:<<http://www.coris.uniroma1.it/lista-cattedre/21343>>. Accesso em: 22 de out. de 2018b.

UNIVERSITÀ DI ROMA SAPIENZA. Dipartimento di Comunicazione e Ricerca Sociale. Lista Cattedre. **Cooperazione internazionale e sviluppo 2018/2019**, 2018. Disponibile em:<<http://www.coris.uniroma1.it/lista-cattedre/21403>>. Accesso em: 22 de out. de 2018c.

UNIVERSITÀ DI ROMA SAPIENZA. **Calendario dell'anno accademico 2018-2019**, 2019. Disponibile em:<<https://www.uniroma1.it/it/pagina/calendario-dellanno-accademico>>. Accesso em: 22 de set. de 2019.

UNIVERSITÀ DI SIENA. Scienze della comunicazione. Corso di Laurea L-20. **Insegnamenti a.a. 2018-19**, 2018. Disponibile em:<<https://www.unisi.it/ugov/degree/14074>>. Accesso em: 24 de out. de 2018.

UNIVERSITÀ DI TORINO. Dipartimento di Studi Umanistici. Corso di Laurea in Scienze della comunicazione. **Corsi di insegnamento a.a. 2018-19**, 2018. Disponibile em:<<https://comunicazione.campusnet.unito.it/do/corsi.pl/BrowseYears?cds=laurea%20triennale%20in%20Scienze%20della%20comunicazione>>. Accesso em: 24 de out. de 2018.

UNIVERSITALY. L'università italiana a portata di click. **UniversItaly**. Cerca corsi, 2019. Disponibile em: <<https://www.universitaly.it/index.php/cercacorsi/universita>>. Accesso em: 10 de jul. de 2019.

VALENTINI, E. L'istituzionalizzazione e lo sviluppo di Comunicazione nelle università italiane e alla Sapienza. In: FONTANA, R. (Ed.) **Una storia della Sociologia e della Comunicazione**. Ariccia: Aracne, 2014, p.201-224.

VIEIRA PINTO, Á. **Ciência e Existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 1-59 / 310-317

VOLLI, U. Manuale di semiotica, Roma-Bari: Laterza, 2000.

ZILIO, E. **Protagonisti dell'era digitale**. Manuale per un uso consapevole delle nuove tecnologie. Milano: Mondadori Bruno, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Perguntas do questionário em italiano e português

1) Quali sono i riferimenti bibliografici applicati nella sua disciplina?

Con quale criterio sono stati scelti?

1) Quais são os referenciais bibliográficos na sua disciplina? Com qual critério foram escolhidos?

2) Quali sono le direttive istituzionali per la scelta dei riferimenti teorici per la sua disciplina?

2) Quais são as diretrizes institucionais para a escolha dos referenciais teóricos em sua disciplina?

3) Lei discute il contenuto della sua disciplina con i colleghi della sua stessa università o di altre?

3) O Sr./a discute o conteúdo da sua disciplina com os colegas da sua ou de outras universidades?

4) Quali sono i concetti di comunicazione con cui Lei lavora?

4) Quais são os conceitos de comunicação com os quais o Sr./a Sra. trabalha?

ANEXOS

ANEXO A – Disciplinas* em CdC na Universidade de Bologna a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
Geografia da Comunicação	Análise das Linguagens Televisivas	Literatura italiana contemporânea
Psicologia Cognitiva e Ergonomia	Análise dos Textos Jornalísticos	Linguística aplicada
Semiótica	Comunicação Jornalística	Linguística geral
Sociologia da Comunicação	Editoria Multimídia e Digital	Laboratório
Sociologia e Metodologia da Pesquisa Social	Informática Humanística	Laboratório de métodos etnográficos e vídeo-análise
História da Comunicação de Massa	Inteligência artificial, problem solving e web semântico	Laboratório de escrita em inglês
	Semiótica das Novas Mídias	Comunicação de empresa
	Técnicas quantitativas para a Comunicação e o Marketing	Filosofia da Linguagem
	Psicologia da narração	Instituições de História do Cinema
	Técnicas da Comunicação Interpessoal	Literatura italiana
	Direito da Informação e da Comunicação	Semiótica das linguagens musicais e audiovisuais
	Semiótica e Storytelling	Semiótica da publicidade
		Sociolinguística
		História contemporânea
		História do teatro e do espetáculo
		História da Filosofia
		História do rádio e da televisão

Fonte: Università di Bologna (2018)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site:

https://corsi.unibo.it/laurea/ScienzeComunicazione/insegnamenti/piano?code=8885&year=2018&manifest=Manifesto-2018_8885_000_000_2018

ANEXO B – Disciplinas* em CdC na Universidade de Salerno a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
Linguística 1	Linguística 2	Direito comparado da informação e da comunicação
História contemporânea 1	História contemporânea 2	Teoria e técnica da comunicação pública
Semiótica	Psicologia cognitiva	Estética e teoria da imagem
Filosofia da ciência e dos processos decisórios	Metodologia e técnica da pesquisa social	Midiologias do sistema editorial**
Comunicação visual e publicidade	Sociologia dos processos culturais	Fundamentos da linguística computacional
Organização empresarial	Sociologia das mídias e internet studies	
Ciência política e comunicação	Italiano institucional	
Laboratório de informática I		
Língua estrangeira (inglês I)**		

Fonte: Università degli Studi di Salerno (2018)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site: <https://corsi.unisa.it/scienze-della-comunicazione/didattica/insegnamenti>

** Nestas disciplinas não constava o nome e contato do docente

ANEXO C – Disciplinas* em CdC na Universidade de Siena a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
Informática aplicada	Antropologia cognitiva	Design da interação

Introdução à Comunicação política	Direito da comunicação	Outros conhecimentos úteis para a inserção no mundo do trabalho**
Linguística geral	Filosofia da linguagem	Big data, mídias digitais e sociedade**
Semiótica	Jornalismo e novas mídias	Economia experimental**
Sociologia dos processos culturais e comunicativos	Interação homem-máquina	Filosofia e cognição**
História contemporânea	Língua inglesa I	Linguística aplicada
Teoria e técnicas das comunicações de massa	Opinião pública, mídia e integração europeia	Marketing
	Psicologia cognitiva	Percepção e comunicação gráfica
	Ciência da opinião pública	Produção vídeo e gráfica**
	Semiótica da imagem	Publicidade, comunicação e consumo
	Sociolinguística	Simbologia e linguagem dos regimes políticos
	Sociologia visual	Estudos estratégicos
	Estatística	Teoria e técnicas da escrita
	História do jornalismo	

Fonte: Università di Siena (2018)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site: <https://www.unisi.it/ugov/degree/14074>

** Nestas disciplinas não constava o nome e contato do docente.

ANEXO D – Disciplinas* em Comunicação, Tecnologias e Culturas Digitais na Universidade de Roma Sapienza a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
Sociologia dos processos culturais	Teorias da comunicação e das novas mídias	Indústria cultural e media studies - Laboratório de análise dos produtos culturais
Sociologia da comunicação	Ciências semióticas do texto	Inovação e análise dos

	e das linguagens	modelos de jornalismo - Laboratório de técnicas e linguagens do jornalismo
História política, social e cultural da idade contemporânea	Metodologia da pesquisa social	Teoria e técnicas da televisão
Fundamentos das Ciências sociais	Análise de dados para a comunicação	Market driven management
Psicologia social e da comunicação	Filosofia e ciência política	Etnologia e antropologia cultural
Direito público, da informação e da comunicação	Fundamentos de economia política	Linguagens e formatos do cinema e do audiovisual
Informática e tecnologias da comunicação digital	Sociologia do ambiente e do território	História do rádio e da televisão
	Língua inglesa	Literatura, arte e comunicação
	Língua espanhola	
	Métodos de pesquisa para a comunicação	

Fonte: Sapienza Università di Roma (2018a)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site: <http://www.coris.uniroma1.it/lista-cattedre/21377>

ANEXO E – Disciplinas* em Comunicação pública e de empresa na Universidade de Roma Sapienza a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
História e método das ciências sociais	Metodologia da pesquisa social	Filosofia e ciência política
Sociologia da Comunicação	Língua espanhola	Comunicação pública e institucional. Laboratório de comunicação organizacional.
Direito privado da Comunicação	Teorias da comunicação e das novas mídias	Comunicação empresarial. Laboratório de estratégias publicitárias
História política, social e	Ciências semióticas do texto	Criminologia e sociologia do

cultural da idade contemporânea	e das linguagens	desvio
Psicologia social da Comunicação	Sociologia da política	Market driven management
Sociologia dos processos culturais	Lingua inglesa	
Informática e tecnologias da comunicação digital	Fontes e ferramentas estatísticas para a comunicação	
	Sistemas sócio-econômicos	
	Fundamentos de economia política	

Fonte: Sapienza Università di Roma (2018b)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site: <http://www.coris.uniroma1.it/lista-cattedre/21343>

ANEXO F – Disciplinas* em Cooperação internacional e desenvolvimento na Universidade de Roma Sapienza a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
História contemporânea	Ciência da política	Seminários
Economia política	Direito público comparado	Tecnologias alimentares dos PVS (países em desenvolvimento) - <i>merceologia</i> ** dos alimentos
English language first level	Psicologia social pela paz e pelo desenvolvimento	História da Europa oriental
Geografia economica e política	Política economica internacional	Soft skills
Diritto público	Demografia	Antropologia da cooperação internacional e dos processos de desenvolvimento
História das doutrinas políticas	Direito internacional	Estrategias para a cooperação
Culturas políticas	Sociologia das instituições e da mudança	História das relações internacionais

História da modernização	Economia do desenvolvimento	
História contemporânea		
Instituições de sociologia e comunicação		
Etnologia e antropologia cultural		

Fonte: Sapienza Università di Roma (2018c)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site: <http://www.coris.uniroma1.it/lista-cattedre/21403>

**merceologia é a disciplina que estuda as propriedades, as características de emprego e o comércio dos diversos grupos de alimentos. (TRECCANI, 2019)

ANEXO G – Disciplinas* em CdC na Universidade de Torino a.a. 2018-2019

Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano
Mídia e comunicação (online)	Mídia e comunicação (online)	Literatura contemporânea D
Literatura italiana contemporânea	Cinema e comunicação audiovisual	História do cinema A mod.2
História do cinema A mod.2	Teoria da narração	Teoria da narração
Antropologia das mídias	Animação teatral	Análise do texto literário contemporâneo
Entender as mídias	Crítica teatral	Comunicação pública
Economia e gestão das empresas	Estética B	Comunicação visual
Literatura italiana contemporânea	Estética C	Direito da propriedade intelectual
Língua e tradução inglesa B	Filosofia da linguagem	Economia da empresa e da indústria
Macroeconomia	Filosofia da mente	Economia da empresa e da indústria e marketing
Macroeconomia e economia das empresas (curso integrado)	Fundamentos da linguística histórica mod.2	Filosofia da cultura

Psicologia da comunicação	O mundo contemporâneo e as suas transformações	Geografia linguística
Psicologia geral	Informática e pensamento computacional para as ciências humanas e sociais (online)	Introdução à bases de dados e aos sistemas de informação e web design
Psicologia geral e da comunicação	Informática geral	Laboratório de Escuta-musical
Teoria e técnica das mídias digitais	Linguística geral	Laboratório - Comunicar o cinema
	Direção de vídeo	Laboratório de fotojornalismo
	Semiótica	Literatura francesa
	Sociologia da comunicação	Literatura para jovens
	História contemporânea C	Literatura italiana N
	História contemporânea e conflitos sociais	Literatura espanhola A
	História contemporânea e do jornalismo	Literatura alemã
	História do cinema italiano	Língua e literaturas anglo-americanas D
	História do jornalismo	Língua e sociedade
	História do Ressurgimento	Língua e tradição inglesa A
	História do <i>Ottocento</i> e do <i>Novecento</i> (curso agregado)	Língua em contato
	História da civilização musical	Linguística (curso avançado)
	Técnicas do ator	Marketing
	Telecomunicação e teorias das redes	Metodologia e técnica da pesquisa social
	Teoria e história da cenografia	Produção e programação de audiovisual
	Teoria e história da televisão	Semiótica do texto
		Semiótica da publicidade

		Sociologia dos consumos
		História do cinema A mod.1
		História da língua italiana (Curso avançado)

Fonte: Università di Torino (2018)

* Não foram separadas as disciplinas obrigatórias das opcionais. Para verificar este dado, acesse o site:

<https://comunicazione.campusnet.unito.it/do/corsi.pl/BrowseYears?cde=laurea%20triennale%20in%20Scienze%20della%20comunicazione>